

The background is a complex, layered collage. It features architectural details like a staircase railing and a window frame. Overlaid on these are various textures, including a fine grid and a pattern of small dots. A faint, stylized image of a person's face is visible in the upper left. The overall color palette is dominated by blues, purples, and greys, with some warmer tones like reds and oranges appearing in the lower left.

Heber Macel Tenório Vasconcelos
Marcela Silviano Brandão Lopes
Marlécio Cunha

“CLIQUE EM SAIBA MAIS”

currículo algorítmico
e Formação de profissionais
instagramáveis em arquitetura

 Editora
UFPB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Terezinha Domiciano Dantas Martins

Reitora

Mônica Nóbrega

Vice-Reitora



Editora UFPB

Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

Diretora Geral da Editora UFPB

Aline dos Santos Deiró

Vice-Diretora da Editora UFPB

Rildo Coelho

Coordenador de Editoração

A man in a dark suit and white shirt is looking down at a tablet. The image is overlaid with a semi-transparent blue rectangle and a network of thin, intersecting lines in various colors (blue, purple, pink, green). The background shows a tiled floor and a metal railing.

“CLIQUE EM SAIBA MAIS”

currículo algorítmico
e Formação de profissionais
instagramáveis em arquitetura

1ª Edição – 2026

Esta obra integra a publicação de livros digitais (e-books) do Edital 01/2025 da Editora UFPB, em regime de fluxo contínuo. A chamada pública visa fomentar a divulgação da produção científica, literária, artística e didático-pedagógica da comunidade acadêmica da Universidade Federal da Paraíba, contemplando obras de autoria individual, coautoria ou coletâneas.

Direitos autorais 2026 - Editora da UFPB



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:



Cidade Universitária, Campus I – Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB CEP 58.051-970

Site: www.editora.ufpb.br

Instagram: [@editoraufpb](https://www.instagram.com/editoraufpb)

E-mail: atendimento@editora.ufpb.br

Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à



Heber Maciel Tenório Vasconcelos
Marcela Silviano Brandão Lopes
Marlécio Cunha

“CLIQUE EM SAIBA MAIS”

currículo algorítmico
e Formação de profissionais
instagramáveis em arquitetura

Editora UFPB
João Pessoa, 2026

CONSELHO EDITORIAL – Editora UFPB

Portaria N° 202, de 08 de agosto de 2025 – Reitoria

Geysa Flávia C. de Lima Nascimento – Presidente | Editora UFPB

Alexandre Coelho Serquiz | Ciências da Saúde

Daniel Araújo de Macedo | Engenharias

Eduardo Rodrigues Viana de Lima | Ciências Exatas e da Natureza

Franklin Kaic Dutra-Pereira | Ciências Biológicas

Gustavo Barbosa de Mesquita Batista | Ciências Humanas

José Ferrari Neto | Linguística, Letras e Artes

Maurício Rombaldi | Ciências Humanas

Milton César Costa Campos | Ciências Agrárias

Tiago Bernardon de Oliveira | Ciências Humanas

Márcia Félix da Silva | Interdisciplinar

Viviane da Costa Freitag | Ciências Sociais Aplicadas

Catálogo na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

V331c Vasconcelos, Heber Macel Tenório.
Clique em saiba mais : currículo algorítmico e formação
de profissionais instagramáveis em arquitetura [recurso
eletrônico] / Heber Macel Tenório Vasconcelos, Marcela
Silviano Brandão Lopes, Marlécio Cunha. - João Pessoa :
Editora UFPB, 2026.

1 recurso online (282p.) : il.

Publicação digital (e-book) no formato PDF.

ISBN 978-65-5942-322-4

Modo de acesso: www.editora.ufpb.br

1. Arquitetura. 2. Redes sociais - Instagram. 3. Formação
profissional. 4. Internet. I. Lopes, Marcela Silviano
Brandão. II. Cunha, Marlécio. III. Título.

SUMÁRIO

Apresentação _____ 1

» Josias Silvano de Barros

Você está ciente
e deseja continuar? _____ 3

» Evanilson Gurgel

Estranhando o “clique
em saiba mais” _____ 10

A cultura e o cultural
produzindo realidades
na arquitetura _____ 24

Caminhos investigativos
para uma vida subjetiva
em arquitetura _____ 56

Arquiteto: perdido
no instagram, distante
das diretrizes, entre
mapas abertos _____ 76

Depois de clicar
em “saiba mais” _____ 257

Posfácio _____ 279

» Evanilson Gurgel

Saiba ainda Mais:
sobre autores
e autora _____ 281



APRESENTAÇÃO

» **Josias Silvano de Barros** – Professor do IFPB
e do Programa de Pós-Graduação em Educação
Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFPB)

A obra investiga o Currículo Algorítmico como um movimento/campo formativo que opera fora das instituições escolares. Por meio de um alinhamento cartográfico de vídeos publicados no Instagram, revela o tipo de # Arquiteto Instagramável: uma figura híbrida que disputa autoridade e sentidos sobre a formação em Arquitetura. A análise recusa a neutralidade pedagógica, problematiza o papel das mídias sociais como artefatos curriculares e evidencia como os sujeitos influencers-

arquitetos-professores são performáticos, atravessados por lógicas neoliberais, monetizáveis e espetaculares.

Sem condenar e nem romantizar, a abordagem desvela efeitos de poder e processos de subjetivação em curso, reconhecendo o Currículo Algorítmico como um operador midiático que ensina, prescreve e reposiciona identidades formativo-profissionais. No entrelace entre cultura, mídia e formação, a escrita (re)configura os sentidos de projetar, de quem projeta e para quem se projeta, (carto) grafando novos atravessamentos que influenciam o que é ser arquiteto hoje. De modo criativo, o livro inscreve-se como um convite à crítica das máquinas de verdades que intercambiam o campo da Arquitetura e do currículo. Uma leitura atual, ousada e necessária.



VOCÊ ESTÁ CIENTE E DESEJA CONTINUAR?

» **Evanilson Gurgel** – Pós-Doutor e Doutor em Educação (UFBA), Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UERN/IFRN/UFERSA) e Líder do (ARTE)FATOS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos, Narrativas e Políticas Culturais

Foi com um misto de alegria e inquietação que eu recebi o generoso convite dos professores e pesquisadores Heber Macel Tenório Vasconcelos, Marcela Silviano Brandão Lopes e Marlécio Cunha para prefaciar esta belíssima obra que agora o/a leitor/a tem em mãos. Alegria por se tratar de um livro que conduz a uma reflexão urgente e

de maneira extremamente elegante sobre os modos em que somos subjetivados/as na contemporaneidade por meio das redes sociais, justo neste momento crítico em que elas estão cada vez mais presentes em nossas vidas. Inquietação porque, a princípio, julguei que as minhas credenciais — um cruzamento de Biólogo com Pedagogo — não seriam suficientes para apresentar um livro que fala tão eloquentemente a um campo que eu apenas admiro: a Arquitetura. Para a minha sorte, os/as autores/as conduzem a discussão pela engenhosa e azeitada conexão entre dois campos que estão nos meus horizontes investigativos: os Estudos Culturais e os Estudos Curriculares em uma perspectiva pós-crítica. No entanto, se por um lado essa sensação de desassossego em relação à minha formação se arrefeceu, por outro fui tomado de sobressalto por um desconforto de outra ordem durante a apreciação do livro: afinal, o que tem sido feito de nós, a cada vez que ousamos clicar em “Saiba Mais”? Que posições de sujeito têm sido demandadas para usuários/as de redes sociais como o Instagram? O que nos tornamos após assumir os riscos e dizer “sim” para a pergunta que o algoritmo nos faz quando caímos nas suas malhas? Você está ciente e deseja continuar?

A Arquitetura pode até passar ao largo das minhas pesquisas e da minha atuação profissional. No entanto, ela não está tão distante de um certo fascínio particular,

sobretudo em sua relação com a sétima arte e dos modos pelos quais o cinema é capaz de apresentar e representar o espaço. Recentemente fiquei muito comovido com um sensível filme chamado *Dias Perfeitos*, dirigido pelo alemão Wim Wenders, que narra a história de Hirayama, um silencioso faxineiro de banheiros públicos projetados por arquitetos renomados em Tóquio. No longa-metragem, os espaços urbanos da capital japonesa são apresentados não apenas como cenários, mas como uma extensão da psique do protagonista. Hirayama tem uma vida rotineira, prosaica, de pequenos prazeres, “analógica”: jamais ouviu falar em Spotify e ainda aprecia suas coletâneas de músicas em fitas cassete, lê livros físicos em detrimento dos aparelhos Kindle, tão comuns nos dias de hoje. Todos os dias o faxineiro acorda muito cedo, coloca água nas plantas, prepara o café, veste o seu indistinto macacão azul, escolhe qual será a música para embalar a sua viagem até o centro de Tóquio, limpa cada banheiro, faz um pequeno lanche em um parque público, fotografa alguma cena banal, volta para casa, lê um bom livro, descansa. Cada gesto do cotidiano é repetido no filme, como na máxima de Manoel de Barros: “Repetir, Repetir... até ficar diferente. Repetir é um dom de estilo”. Um cotidiano que, por sua vez, contrasta com as arquiteturas tecnológicas, coloridas, inovadoras e chamativas dos banheiros que ele higieniza diariamente.

A princípio, a proposta de Wim Wenders seria a de realizar um documentário sobre os banheiros públicos de Tóquio, especificamente os 17 banheiros que fazem parte do projeto The Tokyo Toilet, uma iniciativa que tinha como objetivo principal transformar tais espaços em obras de arte e símbolos de inclusão. No entanto, Wenders mudou a sua proposta e optou por um longa-metragem ficcional. Em uma entrevista para a Slant Magazine, o diretor argumenta que “Dias Perfeitos é o mais próximo que já cheguei de fazer uma declaração sobre a paz”. Para Wenders, “uma das grandes condições da paz é estar satisfeito com o que se tem. Um dos grandes problemas da paz é que nossos países e economias são viciados em crescimento. O crescimento gera guerras. O crescimento gera desigualdade. [...] O crescimento é um enorme obstáculo à paz”.

Faço menção a Dias Perfeitos porque penso que esta obra catalisa uma outra face quase que diametralmente oposta ao que os pesquisadores Macel Vasconcelos, Marcela Lopes e Marlécio Cunha, de modo tão notável, trouxeram neste primor de livro: o argumento de que aquilo que tem sido anunciado como Arquitetura (enquanto campo de conhecimento e de formação inicial), bem como o/a profissional que dela deriva (isto é, o/a Arquiteto/a), não tem como ser pensado fora de uma lógica própria de produção capaz de aprisionar os indivíduos na demanda da urgência,

da rapidez, do “quanto mais rápido eu faço, mais dinheiro eu consigo”. O livro, portanto, também é uma denúncia: sugere que temos tido a proeza de abrigar, em um mesmo corpo, o/a algoz e o/a supliciado/a. O/a mesmo/a arquiteto/a que, subjetivado/a por uma plataforma midiática, se apresenta como referência naquilo que se propõe a fazer (e claro, a vender), não encontrou nas redes sociais uma maneira de diminuir a sua demanda de trabalho. Pelo contrário: Clique aqui! Saiba mais! Me siga! Compre o meu livro! Veja quanto eu consigo produzir! Produza, arquiteto/a instagramável, enquanto “eles/as” (isto é, os/as apenas “formados/as pela academia”) descansam!

Quem tiver o prazer de ler “‘Clique em saiba mais’: Currículo Algorítmico e formação de profissionais instagramáveis” certamente vai se deparar com uma discussão que ultrapassa a formação em Arquitetura. Afinal, ao abordar a nossa dependência cada vez maior das redes sociais, o nosso tempo diário gasto e os conteúdos disseminados em diferentes plataformas, esta obra nos evidencia que é impossível fazer vista grossa ao futuro que se anuncia como cada vez mais cibernético. Um exemplo disso é que as disputas políticas hoje são travadas sobretudo em redes sociais como o X (antigo Twitter), que não por coincidência agora é capitaneada por um bilionário que adquiriu uma até então insuspeita plataforma de troca

de mensagens curtas, para colocar em curso um projeto ardiloso de promoção de discursos de ódio, sob as desculpas de “liberdade de expressão”. Conforme denunciado por Jonathan Crary (2023, p. 10), “agora que se tornaram artimanhas de uma classe bilionária sociopata, seria um delírio acreditar que as mídias sociais ‘vieram para ficar’”.

Em suma, este é um livro que nos inquieta, nos desassossega, nos faz refletir sobre as interferências do virtual em nossas vidas analógicas. Desconfio que essa subjetividade instagramável, embora analisada especificamente no contexto do/a profissional da Arquitetura, abre espaço para outros aspectos generalistas. Talvez tenha vindo daí meu interesse, encantamento e entusiasmo em ler um livro que, mesmo que distante da minha área de atuação, tanto me atravessou. Talvez porque eu tenha me reconhecido em algumas dessas posições de sujeito mais do que gostaria de assumir. Talvez porque nós, docentes, também podemos nos constituir como “sem tempo”, “profetas”, “gurus”, “Morpheus”, “oníricos” e “deslumbrados”. Talvez porque, uma vez capturados pelas infogarras das redes sociais, não haja outro modo de conceber uma subjetividade que não aquela baseada nos likes, na agilidade, na urgência, em uma imagem dissociada de si em que muito é dito em pouco tempo.

No entanto, não gostaria de encerrar este prefácio com uma imagem pessimista. Faço coro a Franco Berardi, que em meio ao caos da pandemia, teceu algumas notas sobre o futuro que gostaria de presenciar. Não se trata de utopia. Tudo é possível, “se conseguirmos resistir ao provável e se formos capazes de zombar do inevitável” (Berardi, 2020, p. 13). Por isso, retorno à bela imagem do filme *Dias Perfeitos* que, ao som de “Feeling Good” de Nina Simone, nos mostra que em tempos de excesso de telas, de “clique aqui para saber mais”, talvez seja mesmo preciso desconectar um pouco, largar o algoritmo, desacelerar, diminuir os passos, “desmaratonar”...

Pássaros voando alto/você sabe como eu me sinto

Sol no céu/você sabe como eu me sinto

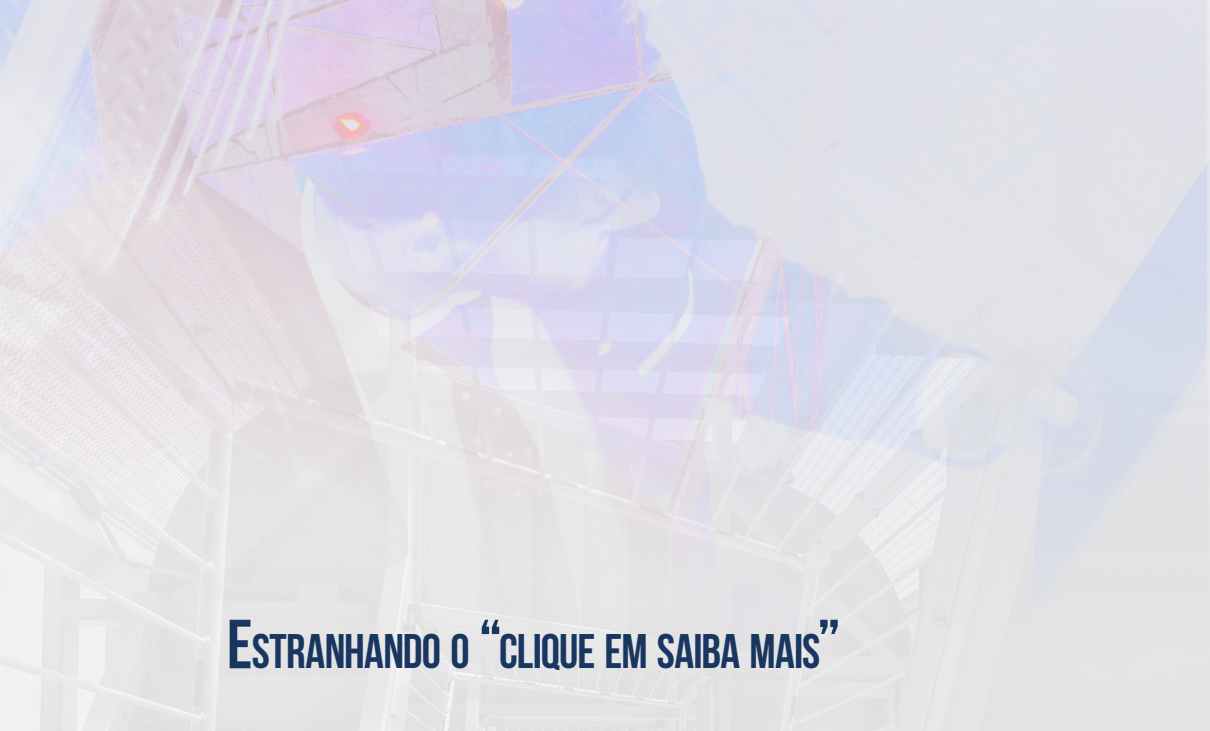
Brisa passando/você sabe como eu me sinto

É um novo amanhecer

É um novo dia

É uma nova vida para mim

Quem viver, verá!



ESTRANHANDO O “CLIQUE EM SAIBA MAIS”

Algoritmo e algarismo são palavras com origem em comum: vêm da transliteração “Alcuarismi”, a partir do sobrenome do matemático persa Abū Ja‘far Muḥammad ibn Mūsā al-Khwārizmī. Considerado “o pai da álgebra”, Alcuarismi inventou algo que muito interessa aos currículos: o procedimento matemático em que se invertem os termos de uma equação ao passá-los para o outro lado (Vaiano, 2024). Daquele sobrenome veio “algarismo” que, com o advento dos computadores, passou a “algoritmo”, referente a um conjunto de regras e instruções que fazem um programa se efetivar. Objetivando analisar a produção cultural de arquitetos/as, esta pesquisa se inspirou nas noções de conjunto de comandos e de inversão dos termos

para questionar: há um novo tipo de arquiteto sendo forjado pelo Instagram?

A composição e o funcionamento daquela rede social sugerem disponibilizar e demandar modos de ser profissionais que produziram um outro tipo de arquiteto. Este livro argumentará que a rede social digital Instagram tem sido um currículo feito de regras e instruções para a atuação de arquitetos/as. Não se trata de celebrá-las, mas de analisá-las para argumentar que para esse novo tipo de profissional, aqui nomeado # Arquiteto Instagramável, há um currículo a demandá-lo, o Currículo Algorítmico. “No outro lado” (a virtualidade), as regras e instruções do Instagram situam Arquitetura e arquitetos em novos termos, isto é, a Arquitetura e os profissionais desse currículo não necessariamente estão em diálogo com as escolas de formação em Arquitetura.

As telas de celulares, *tablets*, *smartphones* e computadores, hoje em dia, fazem parte do cotidiano e da vida de muitos estudantes, professores e profissionais de Arquitetura. Este livro foi desenvolvido a partir desse universo que acontece através de telas que, silenciosamente, irradia luz azul e nos condiciona a ser e a agir de determinadas formas. Antes mesmo de continuar introduzindo esta pesquisa, me permitam falar um pouco da capa que guarda seu conteúdo, pois ela representa o ponto de partida desta

produção. No universo de telas azuis, a preocupação do arquiteto não está mais centrada nas máximas da Arquitetura, como “menos é mais” (Mies Van der Rohe), “menos é mais, apenas quando o mais é demais” (Frank Lloyd Wright), “menos é um tédio” (Robert Venturi), ou “mais é mais” (Iris Apfel), mas, sim, em algo do tipo “quanto mais *like*, *melhor*”. Dessa forma, a capa sintetiza um confronto, onde estão frente a frente duas cadeiras em um fundo azul, uma cadeira gigante, criação do arquiteto alagoano Tácio Rodrigues, para simular o encolhimento de pessoas com o principal objetivo de servir como cenário para fotos consideradas “instagramáveis”, e uma segunda cadeira, em formato esférico, premiada por seu design e conforto, conhecida como “*bardi bowl*”, criação da arquiteta Lina Bo Bardi. Assim, começo provocando as seguintes reflexões: o que nos ensina uma cadeira que não serve para sentar? E, desta forma, quais possíveis sujeitos arquitetos estão sendo demandados no universo das mídias sociais?

Instagram, TikTok, Tumblr, Facebook, Pinterest, Snapchat, Twitter, YouTube, WhatsApp... Possivelmente, você deve ser capaz de ampliar esta lista. Mas, será que consegue também quantificar as horas de vida que já passou utilizando tais redes sociais? Grande parte da população mundial acessa e consome diariamente as mídias sociais. Para isso, basta ter acesso à internet e a um dispositivo

eletrônico (*smartphone*, *tablet* e/ou computador). Todas as redes mencionadas acima possuem acesso gratuito. Mas já se perguntou o que e/ou quem é responsável pelos conteúdos disseminados nas referidas plataformas? Já refletiu sobre o quê e como elas exercem poder sobre aqueles que as consomem? E você, estudante e/ou profissional arquiteto, consegue enxergar como as aprendizagens oferecidas por redes sociais interferem em seu autorreconhecimento como estudante e/ou como profissional de Arquitetura?

Tais questionamentos atravessam este livro. Entretanto, a questão principal assumida por esta pesquisa foi: o que tem sido a Arquitetura e o que podem ser arquitetos/as, a partir do que se divulga e procura ensinar no Instagram? Desta forma, o objetivo desta pesquisa consistiu em evidenciar a existência de currículos outros que acontecem fora dos ateliês de projeto e das escolas de Arquitetura, mas que, possivelmente, afetam estudantes em formação e profissionais de Arquitetura. Neste sentido, assume-se o seguinte argumento: o Currículo Algorítmico em Arquitetura disputa espaços de poder com o currículo formal dos espaços institucionalizados de Arquitetura.

O reconhecimento de que outros espaços, não escolares, também são capazes de ensinar vem sendo discutido a partir das teorias pós-críticas em Educação. As

teorias pós-críticas¹ têm possibilitado ressignificar o que se tem entendido por educação, pedagogia e currículo. Tais ressignificações modificaram e atualizaram as equações referentes aos problemas educacionais e, logo, demandaram também novos modos de analisá-los e resolvê-los (Corazza, 2001, p. 102). As reformulações engendradas a partir das teorias pós-críticas borraram as fronteiras entre o conhecimento acadêmico e o escolar, o conhecimento cotidiano e o conhecimento da cultura de massa (Silva, 2002, p. 139). Segundo Maknamara (2011, p. 51), além da necessidade de dissolução dessas fronteiras, no âmbito das teorizações pós-críticas, é ressaltado que grande parte das representações disponibilizadas por discursos veiculados e disseminados por diferentes artefatos culturais não apenas “chegam” às escolas, mas também, por vezes, entram em conflito com o que nelas se ensina.

As teorias pós-críticas também favoreceram o reconhecimento de que, no mundo contemporâneo, novas configurações culturais muitas vezes têm concorrido com

1 Teorias pós-críticas significam crítica e recusa às formas canônicas de conhecimento e implicam em acolhida, experimentação e legitimação de formas alternativas que assumem e privilegiam o local, o parcial e o provisório (Maknamara, 2021). Além disso, as teorias pós-críticas têm designado o resultado da influência do pós-modernismo, do pós-estruturalismo e das filosofias da diferença, bem como dos estudos culturais, pós-colonialistas, pós-marxistas, multiculturalistas, ecológicos, étnicos e dos estudos feministas e de gênero sobre teorizações, pesquisas e práticas no campo educacional (Maknamara; Paraíso, 2013).

a escola pela educação de seus estudantes (Maknamara, 2011, p. 51). Novos artefatos, como as mídias sociais (Instagram, Facebook, YouTube, Tumblr, Twitter, Pinterest, TikTok etc.), unidos a artefatos relativamente mais antigos, como a televisão, o cinema, os jornais, a literatura, o rádio, as revistas, a música etc., passaram a ser compreendidos como “máquinas de ensinar” (Makmanara, 2011). Tais máquinas, segundo Moita (2006), podem influenciar nos modos de pensar e de agir e podem também interferir nos currículos escolares e nos conhecimentos dos sujeitos sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo. Através do deslocamento produzido pelos referidos artefatos podem ser aprendidas novas habilidades, capacidades, modelos de sociabilidade e afetividade. Desta forma, ao considerar o conteúdo e a força dos artefatos da cultura contemporânea, é possível inferir que “a coordenação e a regulação das pessoas não se dão apenas pelos discursos circulantes nos espaços pedagógicos institucionalizados como as escolas e seus similares” (Costa, 2005, p. 144). O que implica no reconhecimento de que, em paralelo à escola, existe uma infinidade de pedagogias penetrando de forma capilar a vida cotidiana (Paraíso, 2001). Então, uma pergunta cabe ser realizada: como acontece e se estabelece a disputa entre currículos escolares e currículos não escolares?

Possíveis respostas para o questionamento lançado anteriormente podem ser pensadas a partir de inspirações foucaultianas acerca de termos como “sujeito”, “subjetividade” e “subjetivação”, mas, principalmente, do termo “poder”. Para Foucault (2007), poder não representava exclusivamente a aparelhagem do Estado em termos jurídicos (questão de soberania ou de constituição). Foucault (2007, p. 6) questionou, principalmente, o poder em termos de como ele se exerce “concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas”. Assim, segundo ele, poder deveria ser pensado em termos de relações de força, pois o que dá condições à sua efetivação é “o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder” (Foucault, 2001, p. 89). Tais estados de poder não são rígidos, estáveis ou localizáveis, pois são difusos. Desse modo, fluidez, mobilidade, capilaridade e produtividade são aspectos fundamentais do poder para Foucault, porém, há ainda outra dimensão intimamente relacionada ao poder e envolvida na produção de sujeitos: o saber.

Paraíso (2007, p. 55) destaca o fato de existir, “nas produções de Foucault, uma preocupação com o binômio poder-saber”. Isso porque em todo processo de conhecimento e produção de saberes há uma relação de hostilidade, de dominação e de poder com relação ao objeto

em questão (Foucault, 2003). Acerca do poder-saber em Foucault, Silva (2002, p. 120) ressalta que o poder se vale do saber, principalmente “de um saber que se expressa como conhecimento das populações e dos indivíduos submetidos ao poder”. Cabe, assim, perguntar: de que modo poder e saber regulam sujeitos arquitetos em formação?

A respeito do poder, quando Foucault passa a discutir a regulação das condutas entra em cena a temática do governo. “Governo” ganha destaque na obra de Foucault diante de suas investigações acerca da população como objeto de poder-saber, “através da análise de alguns dispositivos de segurança” (Foucault, 2007, p. 277). Tais dispositivos², carregados de conselhos e de prescrições, foram entendidos como ferramentas de governo, sobretudo a partir do século XVI com a formação dos Estados Nacionais e dos movimentos religiosos da Reforma e Contrarreforma. Foi dessa forma que Foucault (2007, p. 278) evidenciou “o problema de como ser governado, por quem, até que ponto, com qual objetivo, com que método, etc.”.

2 Ferrari de Lima (2017) destaca que, para Foucault (2015a, p. 364, grifos meus), o termo dispositivo designa “*um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo*”, ou seja, trata-se de um conjunto de elementos discursivos e não discursivos que conduzem a um determinado objetivo.

O problema do governo, da forma como surgiu no período histórico citado anteriormente, tratou tanto das preocupações com a perpetuação da política estatal quanto da condução espiritual dos indivíduos. É dessa forma que, para Foucault (1997, p. 101), governo deve ser entendido como “técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta”. A perspectiva de governo para Foucault evidencia as múltiplas estratégias que possivelmente são ativadas na direção de condutas dos outros e de si. Dessa forma, é possível discutir “governo dos outros” e “autogoverno”, exercidos por técnicas de dominação e por técnicas de si.

As técnicas de dominação, segundo Foucault (1993), referem-se às práticas institucionalizadas de objetivação de uns sobre os outros e supõem uma certa forma de racionalidade tal como ocorre com a disciplina. Já as técnicas de si, também conhecidas como tecnologias do eu, representam as “formas pelas quais os indivíduos vivenciam, compreendem, julgam e conduzem a si mesmos” (Rose, 2001, p. 41). Logo, tanto as técnicas de dominação quanto as técnicas de si devem ser entendidas como “os meios ou os instrumentos por meio dos quais o governo é acoplado e os indivíduos são subjetivados tornando-se sujeitos de determinados tipos” (Paraíso, 2006, p. 4). Técnicas de dominação e as técnicas de si fazem parte do irremediável envolvimento do governo em processos de subjetivação.

Já subjetivação consiste em um processo que se efetiva mediante uma composição e “recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar — ou operam para transformar — o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles” (Rose, 2001, p. 143).

Entender subjetividade como uma produção implica em compreender que somos construídos e compostos por práticas heterogêneas (Paraíso, 2006, p. 4). Trata-se de entender que somos constituídos(as) pelos diferentes discursos e linguagens a que temos contato, pelas diferentes experiências que vivenciamos. O processo de subjetivação pode passar a ser visto como constituído por diferentes práticas discursivas, às quais os indivíduos se submetem ou estão submetidos. É nesse sentido que, como “interiorização do lado de fora” (Deleuze, 2006), a subjetividade pode passar a ser entendida como “dobra”.

A ideia da subjetividade como dobra ilustra como incorporamos o outro: “a dobra somos nós, pondo dentro de nós a exterioridade, agora interioridade” (Santos, 1997, p. 85). Segundo Rose (2001, p. 179), através da imagem da dobra é possível observar que “o lado de dentro, o subjetivo, é, ele próprio, não mais que um momento, ou uma série de momentos, por meio do qual uma profundidade

foi construída no ser humano”. Logo, esta obra busca evidenciar o que possivelmente pode resultar das dobras dos discursos disseminados através do Instagram. Para além disso, esta pesquisa também busca entender como as mídias sociais representam de fato uma questão curricular, uma questão de poder e de subjetivação, uma questão de governo. Como currículo “está implicado em processos de regulação e governo da conduta humana” (Silva, 2003, p. 197), o governo efetivado pelo currículo que aqui foi investigado constitui uma forma de poder “que faz dos indivíduos sujeitos”³ (Foucault, 1995, p. 243) e que nos constitui como sujeitos de uma maquinação — “um híbrido de carne, artefato, saber, paixão e técnica” (Rose, 2001, p. 51). É com base nesse entendimento que este livro significa os conteúdos publicados no Instagram como um currículo envolvido na produção de sujeito arquitetos, e foi a partir também desta perspectiva que se buscou alargar, aqui, conceituações tradicionais de currículo, pois, se vivemos tempos de exploração da liberdade e da comunicação como formas de dominação (Han, 2022), cabe investigar

3 Quando estudantes e profissionais arquitetos começam a consumir, a viver e a entender arquitetos *influencers* (influenciadores) como sua referência, passam a entender que para se reconhecerem e serem legitimados como arquitetos ou como bons estudantes e/ou profissionais arquitetos seria necessário incorporar a si modos de ser e de estar de tais influenciadores.

o poder da mídia em ensinar e governar modos de ser e de estar na Arquitetura.

Ao longo do tempo, o termo “currículo” ganhou diferentes definições. Inicialmente foi compreendido como o conjunto de matérias e/ou como a relação de disciplinas/conteúdos reconhecidos como essenciais para alcançar a educação (Paraíso; Santos, 1996). Contudo, como argumentado anteriormente, a partir das teorias pós-críticas, currículo vem sendo percebido como artefato cultural, pelo fato de introduzir valores, pensamentos e modos de ser de uma determinada época ou sociedade. Além disso, também vem sendo entendido como constituidor de identidades e de subjetividades. Na perspectiva de que não existe apenas um único tipo de currículo e nem uma única definição, se faz necessário entender como currículo vem sendo conceituado.

Paraíso (2023) ressaltou a existência de ao menos oito possibilidades de currículos: currículo oficial, currículo-maior, currículo formal, currículo em ação, currículo-menor, currículo oculto, currículo explícito e currículo vazio ou nulo⁴. Porém, esta pesquisa se limitará a abordar os quatro primeiros perfis de currículos mencionados acima. Para

4 As definições para “currículo-maior”, “currículo-menor”, “currículo explícito” e “currículo vazio ou nulo”, não desenvolvidas neste livro, são encontradas entre as páginas 12 e 16 do livro *Currículos: teorias e políticas*, de autoria da professora e pesquisadora Marlucy Alves Paraíso e publicado em 2023 pela editora Contexto.

a mesma autora, **currículo oficial** refere-se ao currículo planejado para ser trabalhado em diferentes disciplinas e séries de um curso oficial. Em cursos de Arquitetura e Urbanismo tal exemplo equivaleria ao currículo encontrado nos Planos Pedagógicos de Curso (PPC), ou seja, aos planos regidos e orientados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais. Já **currículo formal** corresponderia a todas as atividades e conteúdos, definidos e planejados pelos próprios professores, a serem trabalhados em sala de aula. O currículo formal, em regra, leva em consideração o currículo oficial que consiste, por exemplo, nos planos de disciplinas que são entregues geralmente no início de cada semestre. De forma divergente, **currículo em ação** ou currículo real consistiria em todos os tipos de aprendizagens que os estudantes alcançam como consequência de viver uma experiência em ambientes e/ou em espaços que propõem-impõem todo um sistema de comportamentos e de valores, como quando alguma escola de Arquitetura exige pontualidade, o uso de determinado estilo de roupa ou o uso de vocabulário técnico/profissional. Já **currículo oculto** representaria o conjunto de normas e valores implícitos, porém não mencionados ou não intencionalmente buscados pelos professores em suas atividades escolares (Paraíso, 2023, p. 15). O termo Currículo oculto vai além do currículo em ação, pois compreende tudo o que envolve uma sala de aula, além

da aula propriamente dita — por exemplo, a convivência com os colegas, as discussões em sala de aula, as relações e as trocas com os professores.

Como foi possível observar, os quatro conceitos de currículo acima informam sobre aprendizagens que podem ser obtidas dentro de espaços escolares, mas também levantam a possibilidade de se buscar currículos e pedagogias que funcionam fora das instituições tidas como “formadoras por excelência” (escolas, universidades, institutos). Desta forma, nos coube responder à seguinte questão: o que o Currículo Algorítmico em Arquitetura tem ensinado como possível e desejável para a Arquitetura e arquitetos/as na cultura da mídia?



A CULTURA E O CULTURAL PRODUZINDO REALIDADES NA ARQUITETURA

Centralidades da cultura, possibilidades para a Arquitetura

Virada cultural, cidadania cultural, políticas culturais, poder cultural, ativismo cultural, identidades culturais, apropriação cultural, direitos culturais, manifestações culturais, indústria cultural, cultura de massas, cultura de consumo, economia cultural, projetos culturais, turismo cultural, representações culturais, pedagogias culturais, mudança cultural, relativismo cultural, controle cultural, guerra cultural. Estas são algumas das expressões que

dão os contornos de como se tem visto e falado sobre “cultura” atualmente.

Que “cultura” é um termo polissêmico e que pode remeter a diferentes dimensões da nossa vida social, isso já se sabe. Mas o que se pode problematizar e aprender nas relações entre cultura e Arquitetura quando a cultura, dentre tantas facetas, passa a ser “usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo” (Hall, 1997), e quando ela é objeto de disputas em relações de poder-saber, ou seja, quando é um dos “elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força” (Foucault, 2006)?

Culturas criam, expressam, difundem, expandem e disputam conexões e identidades entre indivíduos e populações. Sendo fonte vital de enriquecimento pessoal e coletivo e de inovação e criatividade, as culturas têm ocupado um lugar central nas agendas políticas e econômicas atualmente; podem ter um impacto significativo na economia e na política, mas também podem ser influenciadas por elas (Yúdice, 2006). As relações entre cultura, economia e política são complexas e multifacetadas, tendo desdobramentos em múltiplas dimensões de nossas vidas atualmente.

A cultura é produto e produtora da economia. Deste modo, ela pode ter um impacto significativo na economia de uma região ou país, através de práticas culturais como arte, música, literatura e turismo, e gerar empregos e receita para

as comunidades locais. Empresas de entretenimento como a Disney ou a Warner Bros. usam personagens e histórias para gerar bilhões de dólares em receita através de filmes, televisão, parques temáticos e mercadorias licenciadas. Desta forma, se valendo da cultura, empresas podem definir a situação econômica de uma cidade, região ou país.

Tudo isso ilustra aquilo que Hall (1997, p. 17) fala a respeito da importância da cultura na economia e na política: “a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais”. Neste contexto, a relação entre cultura e economia não é inocente, não é sem efeitos. A gentrificação, por exemplo, é um fenômeno em que bairros anteriormente habitados por comunidades de baixa renda são revitalizados e se tornam mais atraentes para pessoas de renda mais alta. Isso muitas vezes resulta em preços mais elevados de imóveis e aluguéis, o que pode expulsar os moradores originais do bairro. A gentrificação tem sido impulsionada não só por empresas culturais, como galerias de arte e teatros, mas também pela associação de certas partes de uma cidade a ideias de luxo, exclusividade, vanguardismo, boemia etc. (Sarlo, 2013), o que atrai pessoas de renda mais alta para a área.

Além de recursos financeiros, a cultura também é produto e produtora da política. Ideias e valores transmitidos pela cultura podem moldar a visão de mundo das pessoas e influenciar sua posição em questões políticas. Por exemplo, mobilizações culturais têm ajudado (ou espera-se que ajudem) a moldar opiniões de parte da sociedade sobre questões como imigração⁵, direitos LGBT⁶, COVID-19⁷ e mudanças climáticas⁸. Desse modo, as culturas podem ser forças unificadoras ou polarizantes na política e, dependendo de como forem promovidas, podem favorecer a paz e a cooperação internacional, como também podem intensificar controvérsias. Por isso, é admissível afirmar que é possível se exercer controles políticos através das culturas, como, por exemplo, os conflitos entre israelenses e palestinos que muitas vezes envolvem questões culturais, como a posse de locais sagrados e a reivindicação da identidade cultural.

Além do citado anteriormente, outro problema das relações entre cultura e política, em nossos dias, é a

5 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/SXL4xH7HRBXd6zJhN9JVr4N/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

6 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/VCdbmHKLctTJtfjQYvcHfSz/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

7 Disponível em: <https://mercocidades.org/pt-br/la-movilizacion-cultural-de-las-ciudades-en-la-crisis-del-covid-19>. Acesso em: 20 mar. 2023.

8 Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/07/5019606-prefeitos-de-grandes-cidades-convocam-mobilizacao-em-favor-do-clima.html>. Acesso em: 20 mar. 2023.

apropriação cultural: “um mecanismo de opressão por meio do qual um grupo dominante se apodera de uma cultura inferiorizada, esvaziando de significados suas produções, costumes, tradições e demais elementos” (William, 2019, p. 29). E o que mais das relações entre cultura, economia e política é possível saber quando a Arquitetura e arquitetos entram em cena? No jogo de racionalidades⁹ que essas relações provocam, o que tem sido a Arquitetura e o que podem ser arquitetos/as?

Existe um campo de estudos capaz de oferecer perguntas interessantes, como as colocadas acima, e que possibilita encontrar respostas produtivas quando se trata de conectar cultura e Arquitetura, cultura e arquitetos/as. Esse campo é o dos Estudos Culturais, que emergem como movimentação teórico-política que se opõe às distinções entre “alta” e “baixa” cultura, cultura “erudita” e “popular”, dentre outros binarismos, tomando como objeto “qualquer artefato que possa ser considerado cultural” (Paraíso, 2001, p. 69).

É a partir do campo dos Estudos Culturais que é possível expandir, teoricamente, tanto sobre o que é visto como constitutivo da cultura quanto seus possíveis efeitos sobre sujeitos individuais e coletivos. A origem deste campo

9 Foucault (2015b, p. 104) entendeu “racionalidade” como uma forma, estado ou modo de usar a razão em uma época.

remonta à fundação do Center for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, em meados da década de 1960, e ele emerge como “um conjunto de movimentações teórico-políticas que se opõem às concepções elitistas e hierarquizantes de cultura, quando entendida como processo estético, intelectual ou espiritual” (Maknamara, 2011, p. 51). As elaborações dos Estudos Culturais “promovem uma transmutação no conceito de cultura” (Maknamara, 2011), o que implica a passagem “de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis” (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 36).

Desde então, a cultura deixa de ser uma espécie de mero “adereço social” para ser um conceito fundamental à compreensão da dinâmica social contemporânea: cultura “não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (Hall, 1997, p. 29) e o “cultural” passa a ser abordado como “qualquer terreno em que significados sejam compartilhados e no qual se lute por sua imposição em meio a relações de poder” (Maknamara, 2011, p. 52).

A cultura tem ganhado centralidade na constituição de nossas vidas e na problematização do que se passa nas

suas mais diferentes dimensões, já que tem sido significada como “uma prática discursiva envolvida na produção de significados, de regimes de verdade e de sujeitos de determinados tipos” (Paraíso, 2006, p. 9). Assim sendo, este conceito oferece possibilidades interessantes para pensarmos os lugares da Arquitetura e de arquitetos/as nos dias de hoje.

Sujeitos e subjetividades nas tramas da cultura

Para além de vinculações econômicas e políticas que fazem da cultura produtora e produto das coisas que nos cercam, a cultura não é apenas um conjunto de elementos considerados objetivos. Dificilmente alguém discordaria com a ideia de que “experiências culturais” interferem em percepções e interpretações de indivíduos sobre suas realidades. Por exemplo, indivíduos que crescem em uma sociedade na qual a individualidade e a competição¹⁰ são valores, são incitados a ter visões da vida diferentes de indivíduos de uma sociedade que valoriza a cooperação e a solidariedade. Logo, a cultura também pode ser discutida

10 Podemos dizer que individualidade e competição são valores que normatizam modos de ser sujeito em sociedades capitalistas neoliberais, segundo o pensamento de Dardot e Laval (2016), quando falam da fabricação de uma subjetividade empresarial.

em uma dimensão subjetiva, relacionada à forma como indivíduos podem ser interpelados, consumir, receber, interpretar, ressignificar e agir com base nos elementos que ela produz, disponibiliza e faz circular.

Cabe, portanto, discutir relações entre a dimensão subjetiva das relações culturais e a produção de sujeitos, no sentido de explorar como podem ser construídos sujeitos e subjetividades nas tramas de experiências culturais. A dimensão subjetiva das relações culturais é um tema complexo que envolve a produção de sujeitos e sua inserção em diferentes contextos sociais e culturais. Essa dimensão está ligada a experiências e representações individuais e coletivas atravessadas por processos de construção dos valores, normas e significados. Não é de agora que é possível reconhecermos a capacidade de uma cultura criar e cultivar símbolos, raciocínios, valores, comportamentos e de incorporá-los em indivíduos e coletividades. Tomada como formadora de “consciências”, fomentadora de “ideias públicas” e de um “espírito de sociedade” a partir de valores e normas estéticas e intelectuais no sentido de “enobrecimento da alma”, durante muitos anos a cultura foi vista como “serviço público” dentro de projetos civilizacionais (Mattelart; Neveu, 2004).

Para compreender a dimensão subjetiva das relações culturais e a produção de sujeitos, é importante

partir do pressuposto de que indivíduos são influenciados por diversos fatores, tais como sua história de vida, suas experiências, sua identidade e pertencimento social, entre outros. Como fenômeno das Ciências Sociais, a cultura já foi tomada também como “internalização do exterior no sujeito” através da ação no mundo social e da transmissão de geração em geração em processos de socialização. Derivou daí a ideia de que “indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas” (Hall, 2005, p. 31) e o senso-comum de que a cultura é apenas uma matriz fornecedora de referências e significados que orientam as ações e os comportamentos das pessoas. Por decorrência desse modelo interpretativo “interativo” das relações entre sujeito e cultura, toma-se que ela apenas influenciaria/moldaria a forma como os indivíduos interagem e percebem o mundo. Os indivíduos simplesmente se identificariam com determinados grupos culturais e adotariam valores, costumes e comportamentos que são considerados característicos desses grupos.

Contudo, em tempos de “erosão de identidades” e “profusão de estilos de vida”, a cultura tem sido problematizada também em suas capacidades de produzir, disponibilizar e disputar noções de “quem eu sou” e do “que nós podemos ser”. Mais que tão somente influenciar a forma como indivíduos percebem o mundo ao seu redor,

a cultura “dá as cartas” de como essa realidade pode ser constituída em cada indivíduo. Quando tais noções entram em cena, desponta nos Estudos Culturais um conceito de fundamental importância, o de subjetivação. Tal conceito “pressupõe que o sujeito é algo produzido, fabricado, de acordo com determinadas categorias históricas e culturais. Algo que varia, portanto, no tempo e no espaço” (Gallo, 2013, p. 204). Esse conceito vincula-se ao que se convencionou chamar de “descentramento do sujeito”.

Uma das principais discussões da teoria cultural contemporânea tem sido o descentramento do sujeito, que refere-se a uma mudança na forma como o sujeito é visto dentro da cultura, em um contexto de questionamento do sujeito cartesiano. Falar em descentramento do sujeito pressupõe uma crítica ao modo cartesiano de significar o subjetivo e essa crítica faz-se em um duplo movimento:

a) o sujeito é deslocado de sua posição no centro do universo, cedendo lugar à sociedade, à linguagem e à história; b) na medida em que a subjetividade é vista como resultado de múltiplas interpelações e como estando sujeita a processos inconscientes, o sujeito é deslocado do seu núcleo unificado, racional e consciente (Silva, 2000, p. 36).

A partir do descentramento do sujeito podemos questionar a noção de que a cultura é algo que está fora de nós, como simples objeto externo às nossas vidas. Podemos entender que, ao contrário, a cultura é algo que faz parte

de nós e é constantemente moldada e influenciada pelos nossos contatos e confrontos com o mundo.

É importante destacar que o descentramento do sujeito não é uma ideia nova na teoria cultural. Ela tem suas raízes em pensadores como Karl Marx, Sigmund Freud, Michel Foucault e Jacques Derrida, que questionaram a ideia de que o sujeito é uma entidade fixa e autônoma. As interpretações do trabalho de Marx possibilitaram destituir o sujeito de sua suposta potência de “autor da história”, já que foi ele mesmo quem afirmou que “os homens [sic] fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” (Hall, 2005, p. 34). Com Freud, por sua vez, quem sai do centro é o sujeito supostamente racional e cognoscente, já que a teoria freudiana do desejo e da sexualidade coloca no centro do psiquismo o inconsciente, que funciona com lógica e linguagem diferentes da razão (Hall, 2005). Nas palavras de Stuart Hall (2008), em Foucault esse descentramento vem na forma de “uma reconceptualização do sujeito”, “uma radical historicização da categoria de sujeito”, o qual é “produzido como um efeito do discurso e no discurso, no interior de formações discursivas específicas, não tendo qualquer existência própria”. Em Derrida, por sua vez, o indivíduo que fala não é a origem e nem o ponto de fixação de um significado sobre si mesmo e as coisas do mundo: “nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das

quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea de nossa língua” (Hall, 2005, p. 41).

Por conseguinte, o descentramento do sujeito tem ganhado cada vez mais relevância na teoria cultural. Ao “descer ao sujeito”, pode-se aproximar de uma abordagem mais instigante da cultura. Pode-se entender melhor como a cultura é construída e como ela afeta indivíduos, permitindo-nos pensar nas forças culturais que procuram nos capturar e em estratégias de mudança e resistência. Neste sentido, a análise cultural deve levar em conta não apenas as estruturas e valores culturais, mas também as formas como os indivíduos se relacionam com essas estruturas e valores.

O campo dos Estudos Culturais tem mostrado que a cultura tem ganhado cada vez mais centralidade na constituição de nossas vidas e que isso diz respeito à forma como a cultura penetra “em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, **mediando tudo**” (Hall, 1997, p. 22, grifos do autor). Essa centralidade abala nossos ideais individuais e coletivos de consciência, estabilidade, integração e coerência, já que o sujeito passa a ser entendido como “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (Hall, 2005, p. 12), podendo assumir posições distintas em diferentes momentos. O

deslocamento contínuo dos nossos “eus” é uma realidade da cultura contemporânea e “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos” (Hall, 2005, p. 13).

Logo, o descentramento do sujeito na teoria cultural não é uma mudança fácil. Ele nos leva a questionar a ideia de que a cultura e seus sujeitos são algo fixo e imutável e reconhece a dinamicidade cultural. O descentramento do sujeito na teoria cultural é uma mudança de perspectiva que tem profunda influência na forma como entendemos a cultura. Isso pressupõe questionar a ideia de que existe uma cultura universal e reconhece a cultura como disputa e proliferação da diferença. No sentido desse questionamento e ampliação, identidade e diferença não são elementos passivos da cultura e nem lhe são preexistentes: “têm que ser constantemente criadas e recriadas. A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição” (Silva, 2008, p. 96).

Se antes o sujeito era visto como um dado a priori para a análise cultural, agora somos confrontados com a questão de como podemos analisar a cultura sem cair em identidades, subjetividades e visões essencialistas e prefixadas. Em uma análise cultural, na qual o sujeito é

entendido como descentrado, sem centro ou ponto de concentração, esse sujeito é “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (Foucault, 2005, p. 107). Nesse sentido, “identidade” é articulação “entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares, e por outro lado, os processos que produzem subjetividades” (Hall, 2008, p. 111-112). Identidades passam a significar pontos de encontro, de sutura e de composição, “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (Hall, 2008, p. 112). Tal noção de identidade como articulação na cultura, por sua vez, remete ao conceito de subjetividade:

ele destaca o ‘quem eu sou’ ou, de forma igualmente importante, o ‘quem nós somos’ da cultura, destacando também as identidades individuais e coletivas. Ele faz uma conexão com um dos insights estruturalistas mais importantes: que a subjetividade não é dada, mas produzida, constituindo, portanto, o objeto da análise e não sua premissa ou seu ponto de partida (Johnson, 2004, p. 27).

A cultura é importante na produção de sujeitos, ou seja, na formação das identidades e das subjetividades dos indivíduos. Os sujeitos são construídos a partir das experiências que cada pessoa vive ao longo de sua vida, e

tais experiências são moldadas pelas relações culturais nas quais cada indivíduo encontra-se imerso. Essas relações culturais são mediadas por uma série de elementos, como modos de produção econômica, língua e linguagem, religião, artes, entre outros. São esses elementos que fornecem um conjunto de referências e de significados que orientam as ações e os comportamentos dos indivíduos. A língua e a linguagem são elementos fundamentais na construção de posições de sujeito. O uso de uma língua específica pode ser uma forma de identificação de um determinado grupo cultural, bem como uma forma de exclusão de outros grupos. Entretanto, a linguagem é muito mais que comunicação e interação entre indivíduos, mas, sobretudo, construção de realidades, uma vez que através dela constroem-se e carregam-se séries de significados culturais.

A linguagem e seus discursos, mais que fazer interagir, são centrais em processos de constituição de sujeitos e em processos de subjetivação: neles, “os processos de subjetivação dão-se incessantemente em diversos lugares e segundo regras que se confrontam com indivíduos livres que a elas aderem, ou não, em função dos estilos de vida e dos modos de existência que se deseja levar” (Garcia, 2002, p. 28). Os processos de subjetivação podem ser entendidos como “todos os processos e as práticas heterogêneas por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar con-

sigo mesmos e com os outros como sujeitos de um certo tipo” (Paraíso, 2006, p. 101). Em síntese, é a linguagem e seus discursos que possibilitam indicar “qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (Foucault, 2005, p. 108) e quando se fala de “indicação de posições a ocupar”, está se falando de relações de poder.

Cultura, poder e Arquitetura

O descentramento do sujeito na cultura desafia ideias e valores arraigados, muitas vezes, em estruturas de poder, e levanta questões sobre a possibilidade de ampliação e diversificação na análise cultural. Isso requer uma abordagem mais rigorosa e crítica, que leve em conta os contextos históricos e sociais e suas respectivas relações com disputas por significação. Por exemplo, a ideia de uma cultura universal é muitas vezes associada a uma visão eurocêntrica e colonialista, que busca impor e fixar como “norma” um conjunto de valores ocidentais sobre outras culturas e identidades. Neste sentido, “normalizar” na cultura é “eleger — arbitrariamente — uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual outras identidades são avaliadas e hierarquizadas” (Silva, 2008, p. 83).

Da mesma forma, a ideia de que a cultura é imutável é muitas vezes associada a uma visão conservadora, que busca

manter o *status quo*, já que contemporaneamente defende-se a impossibilidade de imutabilidade das culturas, uma vez que são entendidas como “campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno da significação” (Silva, 2000, p. 32). A prática de significar “é fazer valer significados particulares, próprios de um grupo social, sobre os significados de outros grupos, o que pressupõe um gradiente, um diferencial de poder entre eles” (Silva, 2001, p. 23).

Por conseguinte, outra implicação importante do descentramento do sujeito na teoria cultural é a possibilidade de se pensar em estratégias de resistência e mudança social. Ao entender que a cultura é uma construção social e histórica, que é moldada por diversos fatores, podemos pensar em formas de alterar essas construções e valores. A partir do reconhecimento da diversidade cultural, é possível elaborar estratégias de inclusão de grupos marginalizados, como as minorias étnicas e sexuais. Da mesma forma, a partir do entendimento de que a cultura influencia o sujeito, é possível pensar em estratégias de educação e de formação que visam a uma resistência¹¹ crítica dos indivíduos sobre forças que procuram capturá-los.

11 A possibilidade de resistir às influências da cultura vem do que Foucault (2015b, p. 99) falou a respeito de “resistência”: “em certos momentos as pessoas resistem explicitamente, voluntariamente, globalmente a uma forma de poder [...]. Mas, por si só, a resistência não pode mudar nada se nas formas pelas quais as pessoas resistem ao poder não há uma nova

Antes, uma visão centrada no sujeito do iluminismo tinha a ideia de uma cultura universal, que seria compartilhada por todos os indivíduos de uma sociedade. Antes, a cultura era vista como uma série de práticas e valores que eram transmitidos de geração em geração, sem sofrer modificações. Essa visão centrada no sujeito tinha a ideia de que o indivíduo era o agente que transformava a cultura, moldando-a de acordo com suas necessidades e desejos. Agora, a cultura é vista como disputa e diferentes grupos podem ter práticas culturais distintas que não são “inferiores” ou “superiores” entre si. Agora entende-se que a cultura tem um papel ativo na formação do sujeito, isso significa que as práticas e valores culturais moldam a forma como os indivíduos pensam, sentem e agem. Agora, a cultura é vista como algo que é construído e reconstruído ao longo do tempo, isso significa que as práticas e valores culturais podem mudar em resposta às mudanças sociais, econômicas e políticas. A cultura passa a ser vista como uma construção social e histórica, que é moldada por diversos fatores, como a economia, a política e a tecnologia.

É a partir do descentramento do sujeito que podemos analisar como as culturas são hibridizadas e misturadas. A ideia de uma cultura pura e respeitada pode

forma de organização, de relações, de relações sociais, de ideologia do saber e assim por diante”.

ser questionada, e podemos entender melhor como as culturas se influenciam e se misturam. Isso é especialmente importante em um mundo globalizado, onde as culturas estão cada vez mais interconectadas e interdependentes. Dessa forma, nos permite pensar em estratégias de resistência e de mudança social, permitindo-nos trabalhar em prol de uma cultura mais justa e inclusiva.

Na cultura da mídia, a dimensão de “luta pela imposição de significados” (Silva, 2001) é expressa por meio de discursos, imagens e eventos, os quais “vinculam-se à retórica, a lutas, a programas, e a ações políticas” (Kellner, 2001, p. 123). Ressalta-se que o descentramento do sujeito também levanta o problema da relação entre cultura e poder: ao entender que a cultura é uma construção social e histórica, podemos analisar como as relações de poder relacionam-se com a produção e disseminação de valores culturais, já que, como visto a partir de Hall (1997), cultura tem a ver com os discursos, a significação e os sistemas de classificação aos quais se pode recorrer.

Logo, diferentes nuances de relações entre cultura da mídia e poder estão em jogo e podem ser problematizadas quando o assunto é Arquitetura e arquitetos/as, já que a cultura da mídia “nos convida a compartilhar incessantemente, participando, dando opiniões, comunicando necessidades, desejos e preferências,

contando sobre nossa própria vida” (Han, 2023, p. 27). A Arquitetura e seus profissionais têm sido objetos recorrentes em artefatos culturais midiáticos ao longo da história. Artefatos culturais resultam de um processo de construção e vinculação de significados culturais a diferentes objetos constituídos material e simbolicamente em uma cultura (Camozzato, 2018). Seja em filmes, séries de TV, videogames, quadrinhos ou literatura, a Arquitetura é muitas vezes usada para criar um senso de lugar, estabelecer o clima, e até mesmo transmitir valores culturais e ideológicos.

Com a chegada da era digital e com a demanda por um sujeito que Dardot e Laval (2016) denominam de “empresário de si” e em “envolvimento total de si mesmo”, a Arquitetura também se tornou um tema frequente nos meios de comunicação, sendo apresentada de várias maneiras em artefatos culturais midiáticos. Considerando “artefatos culturais midiáticos” como “artes feitas na cultura da mídia” (Maknamara, 2020), através do uso da Arquitetura, os criadores de mídia podem evocar uma ampla gama de emoções e impressões nos espectadores e leitores, desde admiração e maravilha até medo e apreensão.

Em diferentes artefatos culturais, a Arquitetura pode ser apresentada como um cenário, onde a trama se desenrola em um espaço arquitetônico singular. Em muitos filmes, séries de televisão e videogames, a Arquitetura é

usada para criar uma atmosfera específica que ajuda a contar a história. Em filmes de terror, por exemplo, as mansões abandonadas e as casas assombradas são frequentemente usadas como locais sinistros que contribuem para a tensão e o suspense. No entanto, a Arquitetura não é apenas usada para criar cenários de medo e/ou mundos de ficção, ela também pode ser usada para representar lugares reais e históricos em filmes e séries de TV, como, por exemplo, a série *Game of Thrones*, que foi filmada em vários lugares históricos na Europa. A Arquitetura da cidade, com suas muralhas antigas e torres de pedra, ajudou a criar a sensação de uma cidade medieval em que a série é ambientada.

Além de poder ser usada como cenário, a Arquitetura também pode ser o alvo privilegiado de representações simbólicas. Muitos artefatos culturais midiáticos retratam edifícios icônicos e monumentos arquitetônicos famosos, como a Torre Eiffel, o Coliseu e a Torre de Pisa. Tais edifícios são frequentemente usados como símbolos de um lugar ou cultura e podem ajudar a estabelecer a identidade de uma cidade ou país, como a Torre Eiffel que é frequentemente associada a Paris e à França como um todo, enquanto o Coliseu é um símbolo da antiga Roma. Neste contexto, a Arquitetura também pode ser usada como uma forma de representação da cultura e do poder. Edifícios governamentais, como o Capitólio dos Estados Unidos e o

Palácio do Planalto no Brasil, são frequentemente retratados em artefatos culturais midiáticos como símbolos de poder e autoridade. Por outro lado, a Arquitetura religiosa, como catedrais e mesquitas, pode ser usada para representar a fé e a espiritualidade de uma cultura. Para Silva (2001, p. 32), a representação “é a face material, visível, palpável, do conhecimento”. Representar, portanto, é uma prática cultural centralmente ligada ao poder e à produção de subjetividades no cenário midiático contemporâneo.

Por conseguinte, em suas vontades de representar, a cultura da mídia também tem se voltado a representar arquitetos em filmes e séries de televisão como pessoas criativas e talentosas, que são capazes de transformar desde um ambiente até uma paisagem urbana — como, por exemplo, no filme “A Origem”, no qual Leonardo DiCaprio interpreta um arquiteto que é contratado para criar diversos mundos. Contudo, nem sempre a representação de arquitetos na cultura da mídia é positiva. Em alguns casos, os arquitetos figuram como elitistas e arrogantes, como em “O Poderoso Chefão”, em que o personagem Tom Hagen é confrontado pelo arquiteto Bonasera, que é retratado como um homem rico e arrogante. De todo modo, em qualquer desses casos, fica evidente que “mídia é dominação” (Han, 2022), cabendo atentar para a representação como uma forma dessa dominação.

Outra forma de representação de arquitetos na cultura da mídia é através dos *reality shows*, como o “Extreme Makeover: Home Edition” e o “Grand Designs”, importados para o Brasil através dos quadros ou programas “Lar doce Lar”, “Casa Brasileira”, “Casa Vogue Brasil”, “Decora”, entre outros. Esses programas mostram arquitetos trabalhando com clientes para projetar e construir “casas dos sonhos”, e constituem uma forma de educar o público sobre o processo de construção e design de edifícios, mas, “nas entrelinhas”, colocam o arquiteto como salvador, capaz de defender seus clientes de casas e ambientes que não se encaixam dentro de um determinado padrão. Essas formas de representação, ao procurar seduzir, capturar e convencer públicos, constituem verdadeiras relações de poder sobre a Arquitetura e seus profissionais, já que “aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder” (Foucault, 2007a, p. 183).

Também tem sido recorrente a cultura da mídia abordar questões sociais relacionadas à Arquitetura, dentre elas a gentrificação e a falta de habitação acessível. Em documentários como “My Brooklyn”, “The Pruitt-Igoe Myth” e “Conterrâneos Velhos de Guerra”, a mídia trabalha ativamente para significar decisões arquitetônicas afetando comunidades inteiras, levantando questões sobre as relações

entre Arquitetura, justiça social e equidade. É importante notar que a representação da Arquitetura e dos arquitetos na cultura da mídia pode ter impactos significativos na percepção pública da Arquitetura como disciplina e na imagem dos próprios arquitetos. Uma representação mais plural e aberta às diferenças pode inspirar jovens a seguir carreira na área e promover uma compreensão mais ampla do papel da Arquitetura na sociedade. Por outro lado, outra representação pode perpetuar estereótipos prejudiciais e desencorajar a diversidade na profissão. De todo modo, tais representações “dão o que falar” e evidenciam outra frente de investimentos de poder da cultura sobre a Arquitetura e arquitetos, uma vez que o poder só é aceito e se mantém porque “produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 2007b, p. 8).

A cultura se faz pedagógica: um problema para a Arquitetura e seus profissionais

Se a cultura não é um fenômeno estático e imutável, se ela está em constante transformação e é influenciada pelas mudanças sociais e históricas, é fundamental estar sempre atento às novas formas de expressão cultural e às transformações que ocorrem na sociedade, a fim de compreender melhor a relação entre cultura, dimensão subjetiva das relações culturais e produção de sujeitos.

No contexto de tais relações entre culturas e formação de subjetividades, a chamada “cultura de massas” é um fenômeno que se tornou cada vez mais presente na sociedade contemporânea. A cultura de massas deriva da indistinção entre “alta” e “baixa” cultura criticada pelo campo dos Estudos Culturais e diz respeito a uma atenção e sensibilidade às formas de cultura que são produzidas em larga escala, que são destinadas a um público amplo e heterogêneo e que funcionam, no sentido da crítica feita por Dardot e Laval (2016), como uma prática de fabricação e de gestão de sujeitos na sociedade neoliberal contemporânea — exemplos de cultura de massas incluem a música pop, o cinema, a televisão, entre outros. Tal cultura tem sido criticada por sua homogeneização e padronização. Ela já foi acusada de produzir uma cultura superficial e alienante, que não permitiria a expressão da diversidade cultural e que poderia levar à perda de identidades culturais locais. Por isso também seus artefatos já foram desprezados, para em seguida passarem a ser considerados em sua importância ao serem vistos como “aparelhos ideológicos de Estado” (Escosteguy, 1998, 2004).

Em vez desse olhar “negativo”, ou seja, em um sentido proibicionista e de interdição, a partir dos Estudos Culturais pode-se abordar a cultura de massas em seu caráter “positivo”, sugestivo, propositivo, ou seja, naquilo

que ela é capaz de demandar, criar, produzir. Ela pode ser uma forma de identificação e pertencimento a um grupo cultural. Além disso, a cultura de massas também pode ser uma forma de resistência e de subversão às estruturas sociais dominantes. Ela pode ser usada como um meio de expressão de identidades e subjetividades que não são valorizadas pela cultura dominante como a cultura hip-hop que é uma forma de cultura de massa que emergiu como uma forma de resistência e de expressão das identidades e subjetividades de jovens negros e latinos ao redor do mundo.

De fato, é importante atentar aos possíveis efeitos da cultura de massas na homogeneização e na padronização da cultura, bem como na perda das identidades culturais locais. Contudo, a cultura de massas é um eixo de produção do eu na contemporaneidade, e nela a cultura da mídia tem papel fundamental nesse processo. Se a mídia “sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e ideias” (Hall, 1997, p. 17), as produções e efeitos da cultura da mídia podem ser vistas como, “ao mesmo tempo, uma parte crítica na infraestrutura material das sociedades modernas, e, também, um dos principais meios de circulação das ideias e imagens vigentes nestas sociedades” (p. 17).

A cultura da mídia é um fenômeno cada vez mais presente na sociedade contemporânea (Han, 2022). Em diálogo com Laval e Dardot (2016), pode-se dizer que essa cultura procura promover e redefinir aspirações e capacidades dos sujeitos na sociedade contemporânea, influenciando significativamente as formas como os indivíduos constroem suas identidades e se relacionam com o mundo ao seu redor. Neste contexto, torna-se relevante refletir sobre as formas de produção do eu contemporâneo a partir das influências da cultura da mídia, que tem sido definida como o conjunto de práticas, produtos, significados e processos que são gerados, difundidos e disputados pelas mídias, como a televisão, o cinema, a internet, os jornais, as revistas, entre outros (Kellner, 2001). A cultura da mídia exerce um poderoso impacto sobre a vida social, cultural e política, transformando profundamente as relações humanas, os valores, as crenças e as formas de pensar e agir.

A cultura da mídia influencia a percepção que os indivíduos têm do mundo, a ponto de se admitir que “não podemos mais dizer que partimos da realidade se não considerarmos o poder constituidor e subjetivador da mídia no mundo atual” (Costa, 2005a, p. 117). Nela, “novos súditos das mídias sociais deixam-se adestrar em gado de consumo por *smart influencers*” (Han, 2022, p. 48). A mídia é responsável por construir narrativas e representações sobre

a realidade que podem ser distorcidas ou simplificadas, criando uma visão parcial e limitada da realidade e do próprio sujeito por ele mesmo, já que “é a narrativa aquilo que conduz ao encontro de si ao autoconhecimento” (Han, 2023, p. 88). Exemplo disso é a cobertura midiática sobre a violência urbana. Muitas vezes, a mídia retrata a violência como um fenômeno generalizado e incontrolável, criando um clima de insegurança e medo na sociedade. Essa representação pode levar os indivíduos a adotarem uma postura mais conservadora e autoritária em relação à segurança pública, sem considerar as complexidades e as nuances da questão. No sentido da investigação dessa influência midiática na percepção da realidade há estudos sobre mídia e produção do medo do crime (Costa, 2022), mídia e produção de segurança pública (Porto, 2009), mídia e produção de saúde coletiva (Petta *et al.*, 2021), produção midiática da cidade (Ferrara, 2008; Fontenelle, 2007), produção midiática da cidadania (Bueno, 2010) e produção midiática da sustentabilidade (Campos, 2011).

Nesse contexto, a cultura da mídia tem uma relação direta com as formas de produção do eu, ou seja, com a maneira como os indivíduos se constroem como sujeitos, suas identidades, suas concepções de mundo e seus valores. A mídia é responsável por difundir modelos, imagens e estereótipos que são internalizados pelos indivíduos e se

tornam parte da sua forma de ser e de se relacionar com o mundo. Inúmeros trabalhos do campo educacional, por exemplo, têm investigado diferentes artefatos culturais e discutido a sua força tanto na produção de identidades/ subjetividades contemporâneas (Paraíso, 2009) quanto especificamente na repercussão de artefatos culturais midiáticos na formação e no trabalho de profissionais da educação (Costa, 2010).

Subjetividades são “formas de existência no mundo que operam por meio de práticas discursivas e práticas de poder” (Alves; Paraíso, 2021). O campo da Arquitetura e do Urbanismo estaria igualmente atento a essa capacidade produtiva da mídia quanto a novas formas de ser e de estar como arquiteto/a?¹²

Um exemplo das relações entre cultura da mídia e as formas de produção do eu contemporâneo é a influência que as redes sociais têm sobre a construção de diferentes identidades. Atualmente, os jovens passam grande parte do seu tempo navegando na internet, interagindo com outras pessoas e compartilhando informações e imagens sobre suas vidas, o que incide e incita seus comportamentos

12 A respeito de conexões entre Arquitetura, capitalismo e globalização, Cançado (2002) e de Arantes (2010) fizeram estudos pioneiros. O primeiro mostrou uma “Arquitetura imobiliária” materializadora de uma estética contemporânea na lógica do capitalismo globalizado; o segundo mostrou a Arquitetura como elemento do jogo de distribuição de riquezas e expressão de acumulação flexível dentro de uma lógica das finanças.

e atitudes¹³, virando manchetes, preocupando pessoas e induzindo pesquisas como a de Lira *et al.* (2017). As redes sociais têm sido vistas como vitrine pessoal, onde os indivíduos expõem suas vidas e constroem uma imagem idealizada de si mesmos, e a busca pela aceitação e pela validação social se tornou uma obsessão para muitos jovens, que acabam moldando suas identidades de acordo com os padrões e as expectativas da cultura da mídia, a tal ponto de tudo isso tornar-se objeto de estudos e pesquisas.

A cultura da mídia também pode influenciar as formas de consumo e de produção cultural dos indivíduos. A mídia é responsável por difundir e promover produtos culturais, como filmes, músicas e livros, que se tornam referências e modelos para os consumidores. Tal influência pode levar os indivíduos a assumirem um padrão de consumo cultural uniformizado e padronizado, baseado em modismos e em uma lógica de mercado que nem sempre valoriza a diversidade cultural e as formas alternativas de produção. Outro aspecto importante é a relação entre a cultura da mídia e a política. A mídia exerce um papel fundamental na construção e na difusão das narrativas políticas, influenciando a opinião pública e moldando as formas de participação política dos indivíduos. A manipulação da informação e a

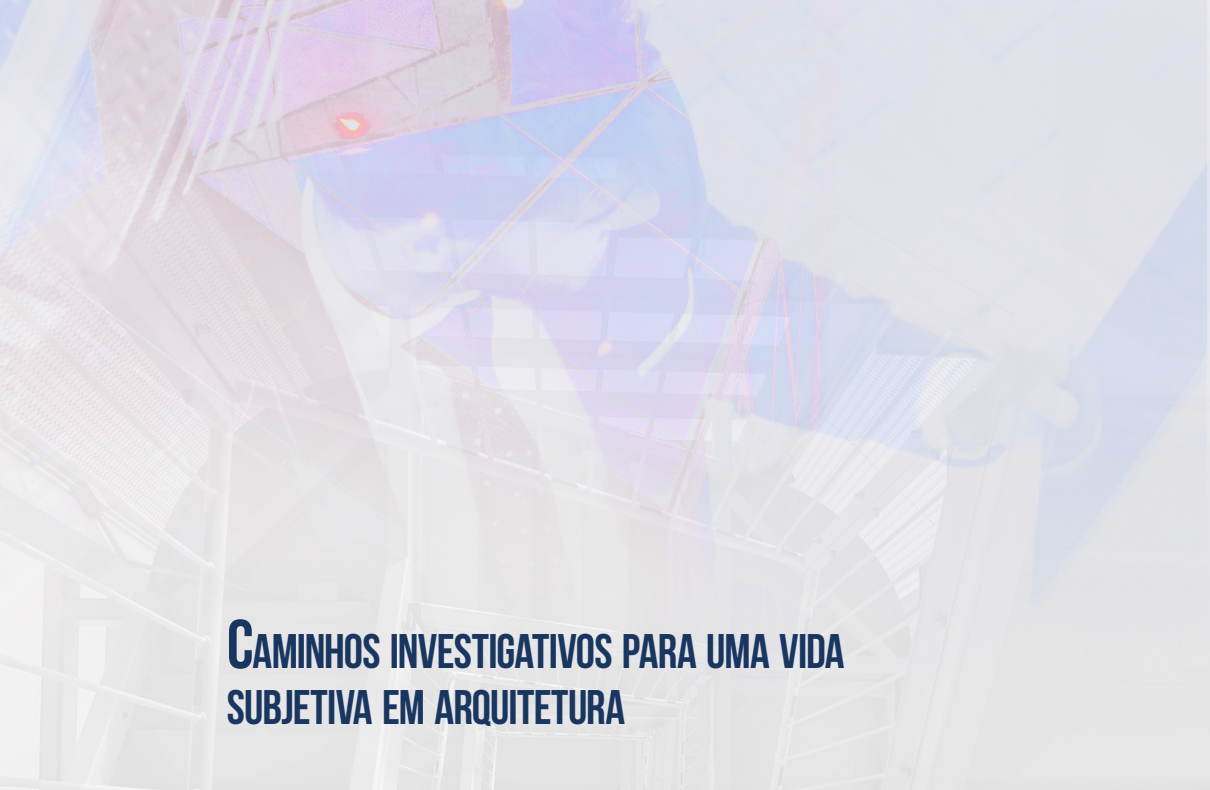
13 Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2019/06/10/interna_bem_viver.1060102/padroes-e-estilos-disseminados-na-internet-determinam-comportamento-e.shtml. Acesso em: 20 mar. 2023.

disseminação de *fake news* (informações falsas) são exemplos de como a mídia pode ser utilizada para interferir na opinião pública e até distorcer a realidade. Por outro lado, a cultura da mídia também pode ser um importante espaço de debate e de participação política, possibilitando a ampliação do acesso à informação e a construção de uma opinião pública crítica e participativa.

Diante dessas reflexões, é importante destacar que a cultura da mídia¹⁴ não é um fenômeno homogêneo e unidimensional. Ela é formada por uma diversidade de práticas, produtos e processos que podem ter impactos distintos e até mesmo contraditórios sobre a sociedade e sobre as formas de produção do eu contemporâneo. Ao saber desses usos e possíveis efeitos da cultura da mídia sobre formas de ser e de estar no mundo, emergem as perguntas: de que têm sido constituídos a Arquitetura e seus profissionais na cultura da mídia? Quais elementos têm sido usados para ver e dizer o que seria a Arquitetura e seu fazer nos dias de hoje? Que tipos de sujeitos entram em cena nesses modos de ver e de dizer? Quem seriam, afinal, os/as arquitetos/as disponibilizados/as e demandados/as pela cultura da mídia? Como analisar os efeitos dessa cultura na produção de realidades sobre a Arquitetura e seus profissionais? Mi-

14 No capítulo seguinte descrevo o artefato da cultura midiática que foi material empírico deste livro – o Instagram.

nha hipótese é a de que a cultura da mídia tem oferecido um currículo outro que, embora funcione fora dos ateliês de projeto e das escolas de Arquitetura, tem afetado estudantes e profissionais de Arquitetura, produzindo tipos particulares de sujeito arquiteto/a, centrados na figura do/a arquiteto/a instagramável, uma subjetividade demandada para estar visível e ser vendável. A seguir, com o objetivo de balizar este livro cientificamente, será apresentada a seção metodológica.



CAMINHOS INVESTIGATIVOS PARA UMA VIDA SUBJETIVA EM ARQUITETURA

Um dia, há muito tempo atrás, estabeleceram que ‘método’ era algo mecânico, objetivo e fechado. Isso é herança do positivismo e do cartesianismo, você sabe, mas nem todo mundo pensa ou faz ‘método’ dessa maneira [diálogo entre um arquiteto, uma alquimista e um monstro] (Vasconcelos, 2020, p. 20).

Diante do assunto, do tema desta pesquisa e da questão que me mobiliza, foi necessário decidir sobre a metodologia mais adequada para a realização da investigação aqui relatada. A cartografia se apresentou como metodologia legítima e apropriada diante dos objetivos da minha pesquisa. Meu contato inicial com produções cartográficas deu-se em minha pesquisa de mestrado (Vasconcelos, 2020), aprendi que ela não pode

ser encontrada e experienciada da mesma maneira com a qual se soluciona uma equação matemática. Afinal, “realizar cartografias são artes de fazer, modos de chegar a um horizonte, modos de pensar com pistas, fragmentos e composições” (Vasconcelos, 2020, p. 20).

As inspirações cartográficas assumidas neste livro vêm, sobretudo, dos *insights* e provocações tanto dos livros *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) e *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo* (Rolnik, 2011) quanto da minha dissertação de mestrado, bem como do método cartográfico indisciplinar¹⁵ (Lopes; Rena; Sá, 2019). Foi possível entender que os conteúdos expostos por essas obras poderiam servir como pistas (e não como regras) para o desenvolvimento desta pesquisa. Neste capítulo, procuro apresentar referências, procedimentos, categorias conceituais e artefatos que

15 O método cartográfico indisciplinar consiste em uma metodologia própria pensada e proposta pelo Grupo de Pesquisa Indisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais. Trata-se de um método de trabalho que possibilita a construção da informação articulando necessidades e temporalidades das lutas, com as demandas da produção científica/acadêmica, de forma coletiva e em rede. A cartografia indisciplinar se baseia em filósofos pós-estruturalistas franceses como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari e Bruno Latour e busca evidenciar “contranarrativas” e “controvérsias” dos/nos discursos hegemônicos. Mais detalhes e informações estão disponíveis em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=68&lang=en>.

(des)organizam a composição metodológica para a minha aproximação do objeto de estudo e sua problematização.

O Artefato Cultural #Instagram

O Instagram, originalmente, consistia em um aplicativo voltado apenas ao compartilhamento de fotos para celulares do tipo iOS¹⁶. O aplicativo foi lançado no ano de 2010 e foi criado por Kevin Systrom e Mike Krieger. O Instagram se tornou amplamente difundido no mundo após dois acontecimentos: sua compatibilização e disponibilização para o sistema Android¹⁷; e sua venda no ano de 2012 para Mark Zuckerberg, cocriador do Facebook. Antes de sua venda, no início de 2012, ele possuía pouco mais de 30 milhões de usuários, no final daquele mesmo ano, a quantidade de usuários já ultrapassava 80 milhões (Lopes; Beck, 2020, p. 158). Segundo Bortolazzo e Machado (2021), atualmente o app (sigla que significa “aplicativo”) conta com mais de um bilhão de usuários ativos por mês. Para além do compartilhamento de fotos, hoje, o Instagram possibilita

16 iOS é um sistema operacional móvel da Apple Inc. desenvolvido originalmente para o iPhone, iPod Touch e o iPad até a introdução do iPadOS em 2019, um sistema derivado do iOS, segundo a Wikipedia.

17 Android é um sistema operacional (SO) baseado no núcleo Linux, projetado principalmente para dispositivos eletrônicos móveis (como *smartphones* e *tablets*) com tela sensível ao toque ou interface de usuário baseada na manipulação direta, de acordo com a Wikipedia.

várias funcionalidades, como publicação de vídeos no perfil dos usuários; transmissão de conteúdos “ao vivo” por meio de *lives*; postagem de *stories* (fotos e/ou vídeos temporários de curta duração); republicação de postagens de outros usuários; troca de mensagens, chamadas de áudio e vídeo através de DM (mensagem direta), entre outras funções.

Sendo amplamente difundido no mundo, ganhando múltiplas funcionalidades e, segundo dados recentes, sendo responsável por comprometer, em média, 2 horas e 45 minutos por dia dos usuários brasileiros (Santana, 2021), o Instagram vem se tornando objeto recorrente de estudos, investigações e pesquisas no Brasil e no mundo. Lopes e Beck (2020) investigaram narrativas de si na visibilidade das telas hiperconectadas, definindo como recorte “*selfies*”, Instagram e pedagogias culturais. Já Bortolazzo e Machado (2021) analisaram o Instagram e suas interfaces com questões curriculares, conseguindo evidenciar relações de poder e a lógica neoliberal difundidas e perpetuadas por meio do aplicativo. Os autores Ferreira e Costantino (2018) estudaram a efemeridade e as narrativas de si publicadas através de *stories* do Instagram. Estas três pesquisas são exemplos de como existem múltiplas possibilidades de se analisar esse aplicativo, bem como de seu papel na constituição de sujeitos e na manutenção da lógica neoliberal.

Pontos de partida e modos de fazer

A pesquisa que subsidiou este livro foi de abordagem pós-crítica, privilegiando especificamente os procedimentos da cartografia. As pesquisas pós-críticas emergem da confluência de diversas abordagens teóricas, tais como o pós-estruturalismo, pós-colonialismo, pós-feminismo, pós-humanismo, as filosofias da diferença, os estudos culturais, os estudos queer, os estudos de gênero, os estudos (trans) feministas, ecológicos, geracionais e étnicos/raciais (Meyer; Paraíso, 2021). Se por um lado essas teorizações significam crítica e recusa a formas canônicas de conhecimento, por outro lado implicam em acolhida, experimentação e legitimação de formas alternativas que assumem e privilegiam o dissidente, o local, o parcial e o provisório nos processos de conhecer (Maknamara, 2021).

Pesquisas pós-críticas “assumem os construcionismos de suas realidades e as contingencialidades de suas metodologias” (Maknamara, 2021, p. 181), daí também suas conexões com a cartografia. Os significados de cartografia aqui adotados têm inspirações em seus postuladores — Deleuze e Guattari — e foram capturados a partir de Passos, Kastrup e Escóssia (2009) e de Rolnik (2006). A cartografia é uma subversão “do sentido tradicional de método” (Passos; Barros, 2009, p. 17). Neste sentido, cartografar não se trata de representar uma realidade em um mapa ou noutro esquema

gráfico qualquer, mas sim de mapear subjetividades que despontam em um território (neste caso, no território midiático). Com base em tais obras, entendi que três pistas cartográficas seriam fundamentais para alcançar os objetivos de minha pesquisa: a cartografia como método e política de conhecimento, a cartografia como política de narratividade, e a cartografia como pesquisa-intervenção e política de subjetividade.

A primeira pista cartográfica diz respeito ao método de acompanhar processos e política de conhecimento. Pozzana e Kastrup (2009) alertam que muitas pesquisas costumam seguir uma mesma sequência de etapas — produção, análise e discussão de dados. Esse modo representa uma série de momentos distintos e separados entre si, de maneira que apenas quando se termina uma etapa se prossegue para a próxima. Ao contrário, a cartografia se constitui de etapas que podem ou não ser sequenciais, porém que não se separam (Pozzana; Kastrup, 2009). Ao acompanhar um processo torna-se possível desenhar as redes e as conexões de forças às quais o objeto está ligado, possibilitando a compreensão do seu papel e do seu nível de influência e de participação no processo investigado (Pozzana; Kastrup, 2009). Para que o processo seja acompanhado de modo livre, Pozzana e Kastrup (2009) afirmam que é necessário deixar-se levar

pelo campo coletivo de forças. O objetivo do deixar-se levar é evitar a busca por informações, dados e comprovações, para que o foco recaia e seja direcionado na possibilidade de o cartógrafo abrir-se ao encontro com o novo.

A segunda pista cartográfica compreende uma política de narratividade. Para dar início a esta segunda pista é importante destacar a seguinte frase: “somente a expressão nos dá o procedimento” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 35). A escolha de uma determinada posição narrativa deve ser entendida como algo conectado às políticas que representam a pesquisa. Deste modo, não podemos abrir mão de uma linguagem própria para nos fazer entender (Passos; Barros, 2009b). A política da narratividade se apresenta como uma posição tomada pelo pesquisador frente ao mundo e a si mesmo, definindo sua forma de expressar o que acontece e o que percebe/enxerga em seu percurso (Passos; Barros, 2009b). Logo, a cartografia nos permite explorar outras formas de escrita, admitindo um sentido diferente para rigor metodológico. Isso amplia possibilidades de expressão, sem que haja um comprometimento do exercício crítico exigido por qualquer pesquisa, assim permitindo a criação de uma escrita própria da Arquitetura e dos/as arquitetos/as produzidos/as pelo currículo da cultura da mídia.

A terceira pista cartográfica, com base em Passos e Barros (2009a), diz que a cartografia pode ser adotada como

método de pesquisa/análise-intervenção e por isso eu a significo como política de subjetividade. A compreensão da cartografia como pesquisa-intervenção fica mais clara quando percebemos que é impossível separarmos o conhecer do fazer, o pesquisar do intervir (Passos; Barros, 2009a). A partir desta perspectiva, chegar ao conhecimento implica em criar uma nova realidade do observador, do objeto e do mundo. Essa ação também se constitui como um ato e/ou posicionamento político, portanto, trata-se de intervir na realidade enquanto ela é pesquisada. Passos e Barros (2009a, p. 17) afirmam que “tal processo se dá por uma dinâmica de propagação da força potencial que certos fragmentos da realidade trazem consigo. Propagar é ampliar a força desses germens potenciais numa desestabilização do padrão”. Isso torna ainda mais evidente a importância de acompanhar processos por meio da imersão no plano da experiência, pois apenas quando se assume que o conhecimento sempre representa uma transformação da realidade é que a pesquisa pode ganhar complexidade e, assim, se tornar capaz de explorar os limites dos procedimentos metodológicos utilizados (Passos; Barros, 2009a).

A partir da argumentação desenvolvida anteriormente é possível compreender que quem opta pelo método da cartografia assume um posicionamento político. Deste modo, a forma de relação com o material empírico

assumida e entendida como a mais apropriada foi a do tipo “rizomática”, ou seja, aberta, difusa, indeterminada e não-hierárquica. O termo “rizoma”, originalmente conceituado e adotado pelas ciências biológicas, foi apropriado por Deleuze e Guattari (2011) em oposição ao modelo positivista de árvore. Desta forma, o modelo rizomático apresenta-se como uma resistência ética, estética e política ao pensamento cartesiano, positivista e linear.

Considerando a abordagem adotada e os objetivos deste livro, os procedimentos metodológicos consistiram na realização de um levantamento e de uma revisão bibliográfica frente aos conteúdos e aos conceitos considerados relevantes e inerentes à pesquisa; na produção e na análise de dados a partir de vídeos publicados no Instagram; na produção e na análise de mapas abertos a partir do método cartográfico indisciplinar. No primeiro momento, juntamente com as leituras realizadas nas disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foram feitos estudos e revisões quanto aos conceitos foucaultianos, deleuzianos e guattarinianos, bem como estudos sobre os conceitos de currículo, cultura, cultura da mídia e cultura de massas.

Posteriormente, de forma “aleatória”, a partir de sugestões disponibilizadas através do Instagram, que opera

com uso de algoritmos¹⁸, o que significa que os vídeos que foram analisados neste livro foram oferecidos a mim pela rede social, considerando o perfil que seu algoritmo traçou sobre mim. Durante o período de produção do material de análise foi possível capturar quase 200 mídias. Após excluir as repetições, esse número foi reduzido para aproximadamente 150 vídeos. Considerando principalmente o tempo para a finalização desta pesquisa, dentre as 156 mídias, de forma amostral, 60 foram selecionadas como material de análise. Por fim, a partir da análise dos vídeos foram construídos mapas abertos, com o uso de folhas de acetato, *post-its* e canetas permanentes, que sintetizam e possibilitam evidenciar linhas de fuga, permanências e controvérsias possíveis entre o currículo oficial de Arquitetura e Urbanismo e o Currículo Algorítmico de Arquitetura.

Ferramentas Conceituais

Ao propor uma metodologia de cunho cartográfico nesta pesquisa, veio um desafio: articular os conceitos

18 Segundo o dicionário Oxford, algoritmo é o conjunto das regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas. No Instagram, os algoritmos são equações que possibilitam, a partir de parâmetros e dados coletados dos usuários (cor, gênero, idade, cidade e região onde vive, histórico de buscas etc.), traçar perfis personalizados de interesses e, desta forma, direcionar conteúdos específicos para cada usuário.

de currículo, pedagogia cultural, representação e endereçamento ao conceito de poder e, ao mesmo tempo, operar com procedimentos de uma metodologia que não costuma focalizar as capturas, mas sim as formas e as forças do que escapa, do que resiste e do que cria para além do poder. Assim, a partir de Agostinho (2017), fundamentado na noção de que a cartografia também é busca por territórios existenciais, é possível justificar essa articulação como possível. Pois, se não existe território sem exercício de poder, se não existem formas e forças sem alguma relação com o poder, seria possível e produtivo cartografar considerando-o nas suas articulações com currículos, pedagogias, formas de representação e forças de endereçamento.

#RelaçõesDePoder

A partir do referencial pós-crítico, o poder não é algo da ordem da posse e da repressão. Notadamente com Michel Foucault aprende-se que o poder é da ordem da relação e da produção. Esse poder “se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (Foucault, 2006, p. 104); é uma relação e um movimento, em vez de ser significado como uma posse e um centro na mão de um indivíduo, grupo ou instituição soberana. O “poder não se dá, não se troca, não se retoma, mas se exerce, só existe em ação” (Foucault, 2007, p. 175) — indivíduos se

relacionam, disputam e exercem poder uns sobre outros/as, e nessas relações é possível conduzir ou ser conduzido em suas condutas.

Aqui, o poder não está em subtrair e nem tampouco somente extrair, ele é mais um direcionador para fazer algo acontecer. Nesse sentido, o poder interessa a esta pesquisa porque ele é “positivo”, produtivo: se “só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, recalcamento, [...] se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos” (Foucault, 2007, p. 148). Em vez de ser significado como ação fatalista de negação, interdição, repressão e violência, é possível significar o poder como uma relação em que também se produzem objetos, campos de atuação, formas de viver. Como diz Byung-Chul Han (2023, p. 60), “a técnica de poder do regime neoliberal não é proibitiva, protetora ou repressiva, mas prospectiva, permissiva e projetiva”.

Logo, ao entender o poder como “um domínio de relações estratégicas entre indivíduos ou grupos [...] que podem recorrer a técnicas e procedimentos diversos, dependendo dos casos, dos quadros institucionais em que ela se desenvolve dos grupos sociais ou das épocas” (Foucault, 1997, p. 110), esta pesquisa esquadrinhará os quadros de relações tornadas possíveis nos enquadramentos

da Arquitetura e seus/suas profissionais. Já que “o poder tem formas de manifestação bem diferentes” (Han, 2023, p. 25), esta pesquisa entenderá que interesses, campos e instrumentos de trabalho, formas, finalidades e resultados de projeto, e modos de ser e estar como arquiteto/a na cultura contemporânea são alvos de investimentos de poder que procuram configurar a Arquitetura e a formação de seus/suas profissionais. Por isso também é tão importante para este livro a noção de representação, já que diferentes formas de escolher, enquadrar e oferecer à visão objetos, pessoas e estilos de vida em uma cultura são exercícios de poder.

#FormasDeRepresentação

A representação é uma poderosa estratégia de poder na cultura contemporânea. Foucault (1995, p. 248) definiu estratégia de poder como “conjunto dos meios operados para fazer funcionar ou para manter um dispositivo de poder”. Representar é acionar e direcionar estrategicamente o poder, já que a representação é uma forma de apresentar coisas e pessoas, uma forma de escolher o que (e como) será incluído/excluído na descrição de paisagens, cenários, objetos, processos e sujeitos. Representação, em perspectiva pós-crítica, é “inscrição, marca e traço” (Silva, 2001), é uma prática “cujo significado depende, não da qualidade material do signo, mas de sua função simbólica” (Hall, 2016).

Na década de 1990, Henry Giroux (1995, p. 136) assombrou-se com o então novidadeiro e “poderoso papel que a mídia está, de forma crescente, assumindo na produção de imagens e de textos que penetram cada vez mais áreas da vida cotidiana”. Desde então e mesmo “na análise cultural mais recente”, representação tem se referido “às formas textuais e visuais através das quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características” (Silva, 2000, p. 97). Por exemplo, para analisar como negros/as e indígenas eram representados/as em meio a narrativas e ilustrações em livros infantis, Freitas (2014) partiu dos pressupostos de que uma cultura, seus discursos e seus ditos são “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 2005, p. 50) e que uma imagem “deixa de ser o antigo objeto do olhar para converter-se em ‘fazer’ e em ‘produzir’” (Paraíso, 2008, p. 115). Vale a pena conhecer os detalhes de como ela operou metodologicamente a partir desses pressupostos:

Nesse sentido, não bastava apenas uma descrição técnica e formal da imagem. Era necessária uma descrição analítica que abarcasse os elementos que lhe são específicos – traços, formas, cores, texturas, ângulos, enquadramentos, distâncias, cortes, sombras etc. –, considerando essa materialidade significativa da imagem em sua dimensão discursiva. [...] Isto é, permitiu, por exemplo, que eu mapeasse como são apresentadas as personagens de diferentes raças e etnias nos livros de literatura infantil: em que cenário

estão inseridas, que técnicas são utilizadas para representá-las, como elas são construídas (traços, formas, cores, destaque, ausência etc.) e caracterizadas (roupas, adereços, gestos, comportamentos), registrando os significados produzidos sobre elas. Permitiu que eu indagasse, como, em sua materialidade, essas imagens aproximam-se, distanciam-se, dão continuidade, rompem, isto é, relacionam-se ou não com a narrativa expressa por meio das palavras e também contribuem para a produção de sentido (Freitas, 2014, p. 78-79).

Fazendo uma analogia com o que Hall (2005, p. 49) diz sobre nação, representação e construção de identidades nacionais, a Arquitetura não é somente uma área de atuação, nem arquitetos/as são somente seus/suas profissionais. Arquitetura e arquitetos/as são produto e produtores de sentidos, são composições de significados em um sistema de representação cultural. Logo, ao entender que “não existe identidade fora da representação” (Silva, 2000, p. 97), a cartografia aqui proposta tem o desafio de mapear formas textuais e visuais que têm composto significados sobre Arquitetura e arquitetos/as na cultura da mídia. Nas trilhas abertas por pesquisadores/as da cultura que me precederam, entre o assombro e o fascínio caberá à minha cartografia acompanhar o processo de como tem sido imaginada a Arquitetura na cultura da mídia, desenhar as redes de diferentes narrativas midiáticas e padrões de visualidade que contam sobre atuações em Arquitetura

e evidenciar as conexões de forças que se acoplam aos conjuntos de significados e estratégias representacionais que essa cultura aciona para disponibilizar, demandar e constituir modos de ser arquiteto/a.

#ModosDeEndereçamento

Quando modos de ser e estar na Arquitetura são problematizados como questões de representação e poder, é bem-vindo cartografar contando também com o conceito de endereçamento. Inicialmente problematizados por Ellsworth (2001) em seus estudos de cinema, os modos de endereçamento de diferentes artefatos culturais têm sido estudados para visibilizar estratégias de constituição de sujeitos. Endereçamento “pode ser entendido como uma forma de interpelação, um modo como se processa a convocação para que os sujeitos assumam determinadas posições e não outras. Essa ação é imprescindível no processo de constituição de identidades culturais” (Fabris, 2008, p. 124). É um conceito que desloca de um caráter meramente voluntário, de livre escolha para um evento relacional, as situações de acessar/ver/ouvir/assistir um artefato cultural (Maknamara, 2020). Trata-se de um conceito utilizado para traduzir o alcance e capturas de artefatos culturais de grande público, inclusive para dar especificidade e densidade à análise para além da denúncia de manipulação, degradação

e interesse comercial costumeiramente dirigida a artefatos considerados “sensacionalistas” (Amaral, 2005) ou “de gosto duvidoso” (Maknamara; Paraíso, 2013).

Os modos de endereçamento dizem menos do algo que está em um artefato cultural e mais do que se passa nas possíveis relações entre o texto dele e seu espectador/audiência, possibilidade de relação que ocorre em algum lugar entre o social e o individual (Amaral, 2005). Já que a meta de um artefato cultural midiático é fazer com que “cada espectador/a entre em relação particular com a trama e com o sistema imagético” (Maknamara; Paraíso, 2015) dele, o conceito de endereçamento dá a ver a “diferença entre o que poderia ser dito — tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer — e o que é dito” (Ellsworth, 2001, p. 47) no sentido de formatar “uma projeção de tipos particulares de relações entre o eu e o eu, bem como entre o eu e os outros, o conhecimento e o poder” (Ellsworth, 2001, p. 19), a partir de uma estética e estilo próprios (Gomes, 2008).

Assim como Fabris (2008, p. 124-125) se valeu do endereçamento para investigar filmes “não apenas como espectadora, mas como alguém que buscava tocá-los para que mostrassem sua produtividade nas respostas às questões investigativas”, minha cartografia de endereçamentos dos artefatos a serem selecionados (Instagram, YouTube,

Facebook, Twitter) considerará os silêncios e os ditos nas suposições e direcionamentos das representações culturais de Arquitetura e arquitetos/as, suposições e direcionamentos acionados para abordar o público que tais artefatos pensam ter e querem constituir. Para tanto, esta cartografia conta também com as pistas deixadas por Maknamara (2020, p. 68) para interpelar endereçamentos de um artefato cultural ao sugerir perseguir “quem o artefato pensa atingir/quem ele pensa ser seu público; quem o artefato quer que seja seu público; como ele quer que seja esse público; definições de personagens, cenários, focalizações, localizações no enredo como frentes de captura de público e suposições de efeito sobre esse público”.

Para cada endereçamento há um sujeito endereçado, ou seja, um tipo suposto e demandado pelo artefato como provável destinatário (Silva, 2000, p. 81). E para que haja esse possível efeito é necessário que o artefato “ensine” o/a receptor/a de forma que possa aprender a ser o sujeito idealizado e ideal desse endereçamento. Logo, esta cartografia deverá atentar aos elementos dos currículos e pedagogias dos artefatos culturais em questão.

#CurrículosCulturais

Um rápido olhar sobre diferentes artefatos da cultura midiática possibilita supor que o ensino, a aprendizagem

e a atuação profissional em Arquitetura não são mais exclusividade das instituições “formadoras por excelência”. As imagens que vêm com essa suposição tornaram-se possíveis desde que estudos no campo curricular brasileiro alargaram o conceito de currículo. Quando se está diante do problema do que conta como conhecimento válido a ser ensinado para formar alguém, está-se diante de um problema de currículo (Silva, 2001).

Mas, desde os aportes das teorizações pós-críticas é possível reconhecer currículos em artefatos culturais, os quais, mesmo não sendo escolares, comportam-se como “máquinas de ensinar”, termo lançado por Giroux (2001) para falar das astúcias pedagógicas desses artefatos. Desde então, a noção de “currículo cultural” destaca a importância de serem investigados “outros currículos (além do escolar) que contribuem para a formação das pessoas e que disputam espaço na produção de sentidos e dos sujeitos” (Paraíso, 2007, p. 24). Com essa noção tem sido possível entender currículo como “produto da disponibilização de formas de raciocínio, saberes, valores, afetos e comportamentos que contribuem, através de estratégias e técnicas específicas, para a formação de pessoas ao atribuir significados a lugares, coisas, fenômenos, práticas e/ou sujeitos” (Maknamara, 2020, p. 69).

Assim, é possível admitir que instituições de pesquisa e suas produções científicas seguem empenhadas na constru-

ção e difusão de significados sobre Arquitetura e arquitetos/as, mas tanto o conhecimento fornecido por elas quanto seu primado sobre a formação têm sido disputados por outras instâncias da vida social. Além da disputa de significados, Maknamara (2020) enfatiza que muitas das representações disponibilizadas em diferentes artefatos culturais não-escolares não apenas “entram” e provocam instituições formadoras como escolas e universidades, mas também chegam a entrar em conflito com o que nelas se ensina.

Logo, a cartografia aqui em cena está interessada em esquadrinhar a rede de conhecimentos e formas de raciocínio em Arquitetura que se têm procurado fazer chegar a arquitetos/as ainda em formação inicial ou já atuantes. Essa cartografia está igualmente interessada em mapear as possibilidades e modelos de saberes, valores, comportamentos e aspirações que vêm a reboque da divulgação de fios e desafios com seus feitos e efeitos na Arquitetura e atuação de arquitetos/as. Significa que, nas coordenadas de uma cartografia assim, foi possível rastrear possíveis efeitos de todos esses diferentes elementos de currículo na constituição do que tem contado como possível e desejável para a Arquitetura e os/as arquitetos/as.



ARQUITETO: PERDIDO NO INSTAGRAM, DISTANTE DAS DIRETRIZES, ENTRE MAPAS ABERTOS

A partir do período entendido como “virada linguística”, a linguagem passou a ser entendida como produtora da realidade. Filósofos como Foucault, Deleuze, Guattari, entre outros, localizaram o poder na linguagem. Desde então, pesquisas pós-críticas, em geral, têm como objetivo a desconstrução das estruturas dominantes de poder através dela. Sendo a linguagem produtora da realidade, o ato de nomear torna-se um procedimento capaz de desafiar, de conduzir a reflexões e de desconstruir estruturas de poder presentes em narrativas hegemônicas. Além disso, nomear permite e contribui para uma análise mais profunda das relações sociais, políticas e culturais.

Várias vezes me perguntei como iria conseguir produzir os dados que iriam compor este livro. Por vezes pensei que teria um trabalho imenso para conseguir indicações de perfis (páginas) de arquitetos, escritórios ou estudantes de Arquitetura. Contudo, como dito por Byung-Cul Han (2023, p. 89), “o sujeito contemporâneo é um empreendedor de si mesmo que se autoexplora”. Assim, de forma desavisada, ao buscar uma única vez por “escritório de Arquitetura” no Instagram, o próprio aplicativo começou incessantemente a exibir anúncios autopatrocinados por profissionais e escritórios de Arquitetura. Então, vamos ver o que acontece quando estamos “apenas” perdidos no Instagram.

Perdido no Instagram – Tem de tudo um pouco!

Tudo começa quando um arquiteto está perdido rolando no Instagram...

A partir de agora iremos esquadrinhar e analisar vídeos publicados no Instagram, relações estabelecidas entre mídia e usuário, formas de representação, endereçamentos e posições de sujeitos que estão sendo demandadas pelo Currículo Algorítmico. Desta forma, buscando compreender quais saberes estão sendo disponibilizados e, além disso, que tipos de sujeitos-arquitetos vêm sendo

demandados por esse Currículo, mais de 180 postagens foram gravadas desde o início da produção dos dados¹⁹. Entretanto, esta pesquisa não tem a pretensão de analisar todas as publicações já realizadas no Instagram. Mas, sim, como explicitado no capítulo metodológico, a esta pesquisa interessa evidenciar relações de poder, sociais e culturais presentes nessa rede social. Neste capítulo de análise, vídeos capturados no Instagram serão apresentados através de *QR-Codes*. Após esse breve esclarecimento, preparem seus celulares e apontem suas câmeras para imergirem nesse universo digital.

19 Outros vídeos guardados no drive podem ser acessados através do link:
https://drive.google.com/drive/folders/IRHkHZFn4z50hpeoAz2xHfbNNwGKxJL_?usp=drive_link.

Figura 1 – Livro de Acessibilidade para quem está perdido no Instagram



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, uma mulher branca, arquiteta, vestida com uma blusa verde segura em uma de suas mãos um livro com capa vermelha intitulado “Acessibilidade Arquitetônica”. Ela fala diretamente a quem se endereça o vídeo e busca vender a versão digital do livro que ela segura por um preço, segundo ela, ridículo de R\$ 9,90. No vídeo ela afirma que o livro permitirá aos seus leitores aplicar a acessibilidade arquitetônica sem errar.

Fonte: Post patrocinado via Instagram (2023).

Para um arquiteto conseguir não errar e fazer projetos incríveis e acessíveis, ele precisa estar rolando perdido no Instagram e ter a sorte de encontrar a promoção de um livro que está custando cem reais mais barato. Trata-se de um livro que ensina um arquiteto a fazer projetos com acessibilidade. Segundo o Currículo Algorítmico, acoplado a essa “pedagogia da clicagem” rápida rumo ao sucesso, é por um preço ridículo de R\$ 9,90 que um arquiteto consegue aplicar adequadamente a acessibilidade e não errar em seus projetos. Então, um arquiteto que entra em contato

com o Currículo Algorítmico está sujeito a se deparar com este primeiro ensinamento — o sucesso profissional pode estar a um clique do Instagram e a uma visualização de um vídeo no qual se vende um artefato que promete sucesso profissional a um preço ridículo. A pressa e a convocação para clicar fazem com que o profissional arquiteto, neste currículo, não passe de um consumidor em busca da sua pedra preciosa que lhe permitirá fazer um projeto sem inadequações, ou seja, com acessibilidade.

Figura 2 – Direito à Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS)



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O cenário de fundo do vídeo é predominantemente branco, onde se exhibe uma imagem de um projeto. No canto inferior esquerdo do vídeo, um estudante de Arquitetura, homem branco, cabelo preto penteado para trás, vestindo uma camisa vermelha, fala para seu público sobre a existência do direito à Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social. Ao longo do vídeo também é exibido em tela a legenda da fala do autor.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

O Currículo do Algoritmo do Instagram também opera e oferece um raciocínio muito particular, a ideia de que um Brasil mais bonito passaria, necessariamente, pelo cumprimento da Lei de ATHIS, que garante assistência técnica para famílias com renda de até três salários-mínimos. Há um raciocínio, então, de que a beleza do país estaria vinculada ou dependeria do cumprimento dessa Lei, no sentido de que as famílias em condição de vulnerabilidade conseguissem ter suas casas projetadas por arquitetos. Por desdobramento, há no vídeo a ideia de uma Arquitetura social, essa ideia está explícita desde o título do vídeo, pois, se por um lado existe um raciocínio de que um Brasil mais bonito passaria pelo cumprimento dessa Lei em que as pessoas teriam garantido um projeto e um acompanhamento do projeto de suas casas; por outro lado há um outro raciocínio correlato que inova e inaugura uma ideia muito particular de Arquitetura social. Segundo esse raciocínio, além de objetivar Arquitetura social como garantia de Arquitetura gratuita, tal raciocínio procura objetivar uma ideia de beleza. Esses dois raciocínios operam, também, em torno da objetivação de um dado que muito interessa à Arquitetura e à atuação dos arquitetos e arquitetas: trata-se da objetivação do que seria uma pessoa em situação de vulnerabilidade, considerando que o critério de corte para ter acesso à referida assistência técnica social seria ter renda de até três salários mínimos.

Tudo se passa, então, como se todas as famílias que ganham acima de três salários mínimos fossem famílias que tivessem, necessariamente, condições, prioridades e disponibilidade de orçamento para contratarem profissionais arquitetos para projetarem suas casas e, assim, individualmente, irem em direção a um Brasil mais bonito.

Figura 3 – Representação e Apresentação de Projetos



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo tem como cenário um fundo preto, o arquiteto, autor da mídia, é um homem branco, vestindo uma camiseta preta. Ele fala, com o uso de um microfone, sobre a importância de se saber representar corretamente o projeto arquitetônico. Ao longo de todo o vídeo se exibe um texto em destaque, centralizado no canto inferior da tela, com a seguinte frase: “compre agora”.

Fonte: *Post via Instagram* (2024).

“Preço ridículo” ou “desconto absurdo” são alguns dos termos usados para vender produtos de quem aposta na má qualidade da formação inicial de arquitetos e arquitetas. Neste vídeo, de menos de um minuto, um

profissional de Arquitetura lista áreas a partir das quais alguém teria problema de formação ou precisaria melhorar de atuação. “Se você é da Arquitetura é muito provável que você precise aprender ou até mesmo melhorar sua representação gráfica”, é assim que se inicia o vídeo e processo de venda de pacotes que prometem melhorar a atuação de profissionais de Arquitetura. Essa venda reitera um processo histórico que ocorre no Brasil que é de aposta na má qualidade da formação universitária. Tal má qualidade é o passo inicial para que “soluções milagrosas”, desde a própria reformulação de cursos até propostas de melhoria da atuação profissional, sejam vendidas.

Criação de pranchas, renderizações, mapas e, até mesmo, visualização de portfólios são tomados como prováveis problemas da formação e da atuação de arquitetos e, para isso, o Currículo Algorítmico disponibiliza uma figura (que ainda será denominada), que é essa que assume a formação e a educação como um serviço. Se a educação de arquitetos é um serviço, esse serviço pode e deve ter um preço, e nesse vídeo o preço é dito em termos de “60% de desconto” com anúncio de “*black week*” ao final. Para reforçar o argumento de autoridade daquilo que é vendido, esse profissional de Arquitetura retratado no vídeo, que divulga uma determinada posição de sujeito (que já será denominado), se coloca como alguém que entende tudo

desse universo. É dessa forma que ele constrói o argumento de autoridade para poder reformar o significado de que a formação é deficitária e, portanto, exige e requer uma constante atualização que está disponível no mercado, disponível não apenas com preços ridículos, mas com um desconto absurdo.

Dentro do processo de convencimento dessa venda, um outro elemento surge quando, no vídeo, o profissional de Arquitetura que sabe das coisas e que quer vendê-las anuncia que o momento ideal seria agora, para que os estudantes, ao comprarem o material, praticassem o que lá está durante as férias, para voltar às aulas já sabendo de tudo. Ao final do vídeo, o material que está sendo vendido é apresentado em quatro eixos “expressando Arquitetura, animando Arquitetura, expressando mapas e divulgando Arquitetura”. Esses seriam então os quatro eixos identificados pelo vendedor do material, em processo de *black week*, como eixos que, necessariamente, as pessoas, supostamente, têm problemas desde a formação até a atuação, precisando melhorá-las. O vídeo, ao final, diz: “tenha acesso a todos os cursos pagando o valor de apenas um: processo integrado para apresentações de pranchas, mapas, apresentações e portfólios”. Pranchas, mapas, apresentações e portfólios são significados aqui como os processos e produtos finais do trabalho do arquiteto e, portanto, são objeto de

conhecimento que está sendo vendido nesse curso. O profissional que está sendo disponibilizado e demandado nesse vídeo é o arquiteto-guru, aquele que se apresenta como líder de uma comunidade e que sabe das coisas.

Figura 4 – Chalé Modular



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa, ao som de uma música internacional, mostrando a imagem de um balão colorido voando no céu. Depois, uma sequência de imagens aéreas, feitas com drone, começa a ser exibida, onde dois profissionais planejam uma construção de um chalé. Passa-se, então, a mostrar o projeto do chalé na tela de um computador, em seguida, o vídeo termina mostrando o chalé executado e, novamente, o balão voando no céu.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Se o Currículo Algorítmico demanda que o trabalho do arquiteto seja composto por tarefas prazerosas, divertidas e esquemáticas, o jogo desse arquiteto-gamer não se restringe a quatro paredes do escritório. Neste vídeo nós temos o retrato e a representação do trabalho

do arquiteto ao ar-livre, vendido sob uma música de leveza e descontração, que é complementada por tomadas aéreas do projeto modular desse profissional e pela aparição de um balão, que tem a função de reforçar a ideia de leveza, descontração e aventura. O arquiteto-gamer parece ser um novo tipo de profissional que, em vez de “jogar” com linhas, cores e traços, como tradicionalmente se esperou/espera de alguns arquitetos, joga com as formas contemporâneas de existências dos seus possíveis clientes e dos possíveis usuários de seus projetos. Agora são apresentadas linhas rápidas, modulares, fashionistas e conectadas com as demandas contemporâneas por leveza, diversão e aventura como eixos de existências dos sujeitos contemporâneos.

Para reforçar a ideia de que os arquitetos e arquitetas contemporâneos seriam profissionais desprovidos e desprovidas de tempo, engajados em gerenciar arquivos eletrônicos e motivados a tomar decisões relativas a quais softwares de BIM seriam os mais adequados para o seu trabalho nos dias de hoje, temos o exato oposto, a figura do arquiteto, arquiteta-artista, como será possível observar no próximo vídeo.

Figura 5 – Detalhe de uma calha em 3D

Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um engenheiro, começa exibindo a imagem de uma modelagem 3D de uma calha. Depois começa-se a orbitar por essa modelagem, fazendo movimentos de aproximação, exibindo de forma ampliada detalhes construtivos dessa calha, como rufo, pingadeira e a própria calha. Ao longo de todo o vídeo toca-se uma música do tipo rock internacional em língua inglesa.

Fonte: *Post* via Instagram (2023).

No Currículo Algorítmico, algumas vezes, não basta ser um arquiteto que tenha um escritório, saiba gerenciá-lo, saiba mexer com arquivos, possa aprender a não perder tempo, dentre outras capacidades e valores adquiridos. Algumas vezes demanda-se que, antes de tudo, esse arquiteto saiba decupar um simples corte transversal em conjunto de elementos, dos respectivos materiais de que esses elementos são compostos, da sua possível localização, função e relação com outros elementos no conjunto. Toda essa miríade de informações, tidas como necessárias à compreensão de determinados seguimentos do projeto e da

obra, demandam a produção de um arquiteto-anatomista-de-obra. O arquiteto-anatomista-de-obra sabe, por exemplo, que um simples corte transversal de uma calha rende ao telhado inúmeros elementos, os quais se detalham para que essa calha seja construída.

Figura 6 – Perspectiva artística em papelão



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. No vídeo, ao som de uma música internacional, aparece uma mão masculina que segura e usa vários tipos de canetas, lápis e pincéis para colorir um croqui de uma edificação, desenhado sobre um pedaço de papelão cru. Todo processo de pintura exibido pelo vídeo se dá de modo acelerado, de modo que ao final o desenho concluído é apresentado

Fonte: *Post* via Instagram (2023).

O arquiteto-artista — como representado neste vídeo do Instagram, postado pelo perfil chamado “Crazy Architecture”, ou seja, “Arquitetura louca” —, esse profissional da Arquitetura louca, é o que mais se assemelha aos profissionais de antigamente, cujo trabalho é um

trabalho mais artístico feito em papel ou em outros suportes não eletrônicos. Além disso, um trabalho mais dedicado, meticuloso e detalhista em relação ao desenho de uma fachada. Nesse vídeo, que é um recorte de uma ação de colorir uma fachada, uma mão colore inúmeros detalhes de uma edificação usando um amplo espectro de cores e materiais, tudo isso para tornar esse desenho ainda mais atrativo, realista e convincente em vídeo de 1 minuto e 28 segundos. A loucura da Arquitetura em torno da figura do arquiteto-artista seria precisamente essa: em primeiro lugar, dispor de bastante tempo; em segundo lugar, dedicar-se a colorir manualmente detalhes que, hoje em dia, são feitos rapidamente em softwares disponíveis no mercado.

Figura 7 – Volumetria da cidade para realizar análises e simulações



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa ao som de uma música internacional de língua inglesa do tipo empolgante. Então, exibe-se uma mão feminina, com unhas pintadas na cor verde, realizando um esboço de quadras com caneta vermelha em um papel, onde passa a fazer um estudo volumétrico com uso de pedaços de madeira. O vídeo termina com uma sequência

acelerada do desenvolvimento desse mesmo esboço, de forma digital, em um computador.

Fonte: *Post via Instagram (2024).*

A loucura da Arquitetura pode estar materializada também, para além da posição já vista anteriormente, em outro tipo muito particular de arquiteto: trata-se do *desarquiteto*. O *desarquiteto* é aquele profissional demandado pelo perfil do Instagram “Crazy Architecture” que faz exatamente aquilo que a Arquitetura não. Se arquitetar envolve conceber projetos a partir de um sentido crescente de abstração até chegar a um produto, aqui se tem uma simulação de um produto com prédios e natureza em volta, e a partir dessa simulação real, material e concreta faz-se uma animação até se regredir a um suposto projeto decorrente dessa concretude que havia sido realizada pela mão humana. Dito de outro modo, é como se o arquiteto pudesse, a partir desse simulacro, partir de elementos concretos da obra e só então, a partir daí, chegar a um projeto.

Figura 8 – Breve história da Bauhaus



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um professor arquiteto, começa exibindo a escola de Arquitetura de Bauhaus na Alemanha. Conforme o autor informa onde surgiu, qual a importância e o perfil dos alunos que estudaram na Escola, exibem-se fotografias antigas. O professor não se encontra em cena, ele apenas realiza a locução. O vídeo termina mencionando as três fases vividas pela Bauhaus.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Até aqui é curioso que, diante de tantos vídeos, na maioria deles há a predominância de personagens masculinos, exaltando o potencial e os diferenciais positivos do uso de tecnologias e da Inteligência Artificial em projetos. É curioso que, após tudo isso, eu tenha me deparado com um vídeo em que se faz menção e celebração a uma escola formativa, conhecida entre arquitetos do mundo todo, que é a Bauhaus. O espanto não se dá propriamente e somente pela baixíssima frequência de formação, que como o próprio vídeo mostra, foi determinante na formação de gerações de arquitetos e arquitetas até hoje. O espanto é

precisamente o fato de que, como o vídeo diz, Bauhaus diz respeito a um modo de fazer arquiteto que é integrativo das artes, da Arquitetura, da artesanaria e do design. Logo, se a integração de todas as artes plásticas e a valorização do trabalho artesanal são dois valores importantes para o profissional de Arquitetura que se forma e atua inspirado na Bauhaus, tudo leva a crer, no Currículo Algorítmico, que esses tipos de valores, no Instagram, não estão em alta e, por decorrência, ser um profissional arquiteto que se inspira em uma escola que inspirou gerações não é algo visto nos dias de hoje como algo inovador, como uma tendência atual, como algo conectado às demandas contemporâneas. Um outro aspecto do modelo formativo da Bauhaus era a presença incontestada de mulheres na Arquitetura e a integração entre alunos e mestre em colaboração mútua, um tipo de atividade e de modelo de desenvolvimento curricular que não está presente nos vídeos vistos anteriormente.

Todos esses elementos, que estão presentes nesse vídeo para explicar a Bauhaus e demandar arquitetos e arquitetas a atuarem conforme os princípios da Escola Bauhaus, levam ao entendimento de que inspirar-se na Bauhaus, embora reconhecidamente algo sofisticado, inovador e contundente na formação dos arquitetos, ficou para trás. Tudo isso sugere que está sendo demandado aqui, a partir dos significados atrelados à Bauhaus e em relação

aos demais significados das outras posições de sujeitos analisadas, um tipo de profissional de Arquitetura que seria o arquiteto-antiquado. O arquiteto-antiquado seria aquele que reconhece o trabalho colaborativo e mútuo como um valor, a presença das mulheres como um elemento positivo, e a demanda por integração entre artes plásticas e Arquitetura como algo importante para formação do arquiteto. Quem se posiciona dessa forma, provavelmente, de acordo com esse vídeo, estaria em um sentido e em uma direção divergente dos outros vídeos, até então, aqui analisados.

Figura 9 – Escada em concreto armado



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um mestre de obras, homem, branco, vestindo uma camiseta branca e bermuda preta, começa exibindo detalhes de uma trama de aço de uma escada em balanço. Depois, exibe-se como foi o processo de corte, dobra e montagem dessa estrutura, sendo todo esse processo mostrado de forma acelerada, de modo a conseguir apresentar o resultado da montagem. Este vídeo não contém nenhum som.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Este vídeo chegou até mim através do Currículo Algorítmico em um momento em que eu selecionava as mídias que iriam compor o material empírico da minha pesquisa. Me chamou atenção pelo fato de não haver nenhuma palavra dita pelo personagem que está atuando, reforçando o significado de que uma imagem vale mais que mil palavras. Esse silêncio me deixou sem saber se se tratava de um arquiteto colocando a mão na massa ou de um mestre de obras ou pedreiro. Para além de não ter uma palavra acoplada à imagem, esse vídeo tem mais de 40 mil *likes*, enquanto outros vídeos desse mesmo perfil sequer tinham mil *likes*. Então fiquei me perguntando: “o que será que esse vídeo quer dizer pra mim?”. A resposta veio através de um outro vídeo desse mesmo perfil.

Figura 10 – Eu sou formado e tenho pós



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um mestre de obras, homem, pardo, vestindo uma camiseta cinza e bermuda preta, começa exibindo uma mesa de corte de madeira. Depois exibe-se o mestre de obras fazendo marcações de corte em uma tábua de madeira, ao mesmo tempo uma voz com tom

de deboche fala: “aí, eu sou formado e tenho pós!”, “mas você sabe fazer uma gambiarra dessa aqui?”.

Fonte: *Post via Instagram (2024).*

Neste outro vídeo, no qual eu tive a resposta para o questionamento feito para o vídeo anterior, ao contrário, há uma voz que fala e não apenas uma trilha musical. O cerne das imagens é o mesmo, um profissional que trabalha com madeira e ferro para fazer a caixaria e armação metálica de uma escada. O diferencial não na presença de palavras ditas acopladas às imagens. O diferencial está desde o começo do vídeo quando uma voz diz: “ah é que eu sou formado e tenho pós!”. Após mencionar, em tom de deboche, essa informação, o vídeo mostra o trabalho sendo feito em madeira e, na sequência, a mesma voz debochada fala: “se a NASA investisse no pobre, a gente já estaria em Marte”. Com essas duas afirmações, uma debochada e outra ressentida, o vídeo produz dois encaminhamentos de significados: um é o de que a formação acadêmica não tem valor diante da possibilidade de se fazer gambiarras; e o outro é a de que fazer gambiarra e ser pobre estariam vinculados e em oposição a ter uma formação acadêmica que, supostamente, por decorrência seria uma formação voltada às pessoas ricas.

Para além dessas duas frentes, também é possível constatar uma terceira frente de significação que é a de que

um profissional de Arquitetura, sendo ele um profissional de formação acadêmica, não seria capaz de improvisar. Pelo diferencial hierárquico produzido pelo vídeo entre o profissional capaz de fazer gambiarra de pobre, ou gambiarra que não é a gambiarra do arquiteto, e o profissional arquiteto que faz as gambiarras que aprende em sua formação, mas que não são gambiarras da obra, entre um e outro, demanda-se um profissional de Arquitetura específico — o arquiteto-gambiarra, pois ele nem é um arquiteto propriamente, nem é um profissional não-arquiteto propriamente.

Figura 11 – Guia DEFINITIVO para Arquitetos



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, uma mão masculina segura e folheia um livro. Ao mesmo tempo, uma música instrumental toca ao longo de todo o vídeo e, centralizado no canto inferior da tela, é exibido o ícone “saiba mais”. Além disso, uma mensagem na forma de legenda é exibida, nela, o perfil do ator do vídeo diz que esse “livro é para aqueles arquitetos e engenheiros que desejam ser memoráveis”.

Fonte: *Post* via Instagram (2023).

Que não se subestime a capacidade de um produto vendido pelo Currículo Algorítmico transformar vidas, para além de demandar e disponibilizar posições de sujeitos-arquitetos. Essa transformação é prometida neste vídeo, onde se demanda, clara e taxativamente, a posição de arquiteto-memorável. O arquiteto-memorável, dentre tantos atributos, é alguém que, conceitualmente, é capaz de despertar um super reconhecimento e de estar entre os melhores do seu mercado. Esse artefato que é vendido no Currículo Algorítmico se vende a si mesmo, ao mesmo tempo que vende a ideia do arquiteto-memorável, o qual seria composto das seguintes características: saber pintar uma sala, saber fazer um gráfico de Gantt, aprender que o orçamento é uma coisa e fazer proposta comercial é outra, aprender a olhar uma obra do jeito certo e aprender a fazer um projeto executivo na prática. Todos esses atributos disponibilizados para compor a posição de sujeito arquiteto-memorável teria um efeito, o efeito de que nunca mais você verá sua carreira e o mercado da mesma forma.

Figura 12 – O foco do projeto é o cliente do meu cliente



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo a fachada de um hotel, construída com revestimento branco e com piscinas de vidro na varanda. Após exibir essa fachada e alguns ambientes, entra em cena o arquiteto autor desse projeto e do vídeo, homem, branco, vestindo uma camisa e uma calça branca, sentado em uma cadeira suspensa, onde ele fala sobre a experiência de projetar para alguém que ele não conhece, ou seja, os hóspedes.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Quando um arquiteto é chamado a projetar um espaço cuja finalidade não é dada pelo cliente, mas é determinada pelo cliente do cliente, a exemplo de hotéis e pousadas, tem-se a demanda pela produção do arquiteto-imoderado. Na contramão do arquiteto-bioclimático, que seria o profissional orientado por preceitos ecológicos e atento às demandas ambientalistas da sociedade contemporânea, o arquiteto-imoderado é um profissional extravagante que beira o supérfluo. Quando ele começa a descrever o projeto que fez para o seu cliente, que é

pensado no cliente do cliente, ele confessa que pensou, em primeiro lugar, em muitos elementos e muitos detalhes que seriam necessários para causar aquilo que ele entende como importante nesse tipo de projeto: causar uma sensação de experiência. Só que para o arquiteto-imoderado, esse arquiteto supérfluo, extravagante e desmedido, experiência é algo curioso pela profusão que ele confessa ter adotado em seu projeto, desde a entrada do estabelecimento, passando pela suíte do hóspede até chegar no *roof-top*. A profusão de elementos, no referido trajeto, vai falar de uma experiência que não é propriamente a experiência no sentido foucaultiano, que seria a experiência como aquilo que transforma um indivíduo ou um sujeito. A experiência, para esse arquiteto, é confessada na sua profusão de elementos adotados para impressionar, é uma experiência que é uma verdadeira prisão e não uma transformação de um sujeito.

Figura 13 – Aprenda a criar desenhos da sua cabeça



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, um professor

de desenho, homem branco, cabelos grisalhos, vestindo uma camiseta azul, responde a uma voz feminina que lê uma pergunta que está dentro de uma caixinha sobre como criar desenhos originais. O professor se encontra de pé no vídeo e tem como cenário de fundo uma estante de livros. Além disso, o vídeo exibe legenda simultânea do que está sendo falado pelo professor.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Se um arquiteto-artista prosseguir sendo demandado e disponibilizado pelo Currículo Algorítmico, uma pergunta que pode surgir seria: “eu só consigo copiar desenhos dos outros, você acha que eu consigo criar da minha cabeça?”. E aí essa pergunta poderia ser respondida por um outro arquiteto-artista que já vem com a solução pronta. Esse arquiteto-artista, disponibilizado pelo Currículo Algorítmico para recrutar e demandar outros arquitetos-artistas, responde que a solução é a pessoa se inscrever na semana do desenho, um evento 100% gratuito no mês de novembro. Mas, essa inscrição não significa uma simples habilitação para se fazer o curso, antes mesmo já há a indicação dos diferenciais que esse curso pode proporcionar para profissionais de Arquitetura que possam assumir a posição de arquiteto-artista: aprender a criar da cabeça e colocar no papel. Criar da cabeça e colocar no papel não de qualquer jeito, mas de uma maneira muito específica: de maneira criativa e com personalidade. Esse diferencial coroa

o significado do arquiteto-artista como um profissional distinto, com singularidade, com diferencial de mercado. Mas no começo do vídeo demonstra-se que há um problema, que é colocado na venda do curso como “o mar de gente copiadoras na internet”.

Tudo Pronto – “É só Editar”

Ao final do tópico analisado anteriormente, “o mar de gente copiadoras na internet” foi entendido como um problema, entretanto, como passaremos a analisar agora, dentro do limite ético do Currículo Algorítmico em Arquitetura, “só editar” é permitido e, nessa perspectiva, não seria necessariamente uma cópia. No próximo vídeo promete-se o envio, a preço acessível, de 100 projetos editáveis voltados ao público do Minha Casa Minha Vida (MCMV). Nele divulga-se que tanto o arquiteto quanto uma pessoa comum podem vir a manusear esses arquivos. “Ficou muito mais fácil construir para você ou para um cliente” — restando perguntar se esse “você” é um você genérico e universal ou simplesmente restrito aos profissionais de Arquitetura.

Figura 14 – Pacote com 100 projetos prontos



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa fazendo um passeio por uma casa pronta, em seguida passa a mostrar arquivos e imagens de projetos em telas de computadores. A partir desse momento, de forma acelerada, passa-se a intercalar cenas de casas já construídas com cenas de casas ainda em projeto. Nesse vídeo uma voz artificial acelerada oferece um pacote com 100 projetos prontos e editáveis no padrão Minha Casa Minha Vida.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

O arquiteto-perdido-no-Instagram também pode ser aquele tipo de sujeito que se depara com a possibilidade de fazer projetos modernos, exclusivos e com várias metragens de terreno, apenas editando projetos, padrão MCMV, já prontos.

Figura 15 – Construa fácil 74 mil reais



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa exibindo a imagem de uma modelagem desenhada no software SketchUp, depois passa a exibir centenas de pastas de arquivos de projeto. Neste vídeo, uma voz artificial acelerada oferece um pacote com 70 projetos prontos e editáveis no padrão Minha Casa Minha Vida que, segundo anunciado no vídeo, equivaleria a R\$ 74 mil reais em projetos.

Fonte: *Post* via Instagram (2023).

Figura 16 – Documentos para gestão eficiente



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. No vídeo, ao som de uma música internacional, aparece uma mão feminina que segura uma caneta *touchscreen* na cor branca. Com o uso dessa caneta, a mão vai sinalizando na tela de um *tablet* aquilo que já foi realizado.

Ao longo de todo o vídeo é exibida, em uma caixa de texto de fundo vermelho, a seguinte mensagem: "Arquiteto, disponibilizei os DOCUMENTOS DO MEU ESCRITÓRIO para que você faça uma gestão eficiente do seu".

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Cronograma, lista de compras, levantamento técnico, *briefing* residencial e uma série de outros arquivos figuram com elementos fundamentais do cotidiano da gestão de escritórios de Arquitetura. Esses elementos estão dentro de um vídeo em que se procura significar o arquiteto como um profissional cuja atuação incide especialmente e, sobretudo, dentro de um espaço chamado escritório de Arquitetura. Se a atuação do arquiteto se dá por excelência nesse espaço, esse espaço não pode ser gerido de qualquer maneira. Pressupõe-se que o profissional de Arquitetura, muito embora tenha por atuação de excelência o escritório de Arquitetura, e embora seja o profissional desse espaço, ele não sabe gerenciar. Para isso seria necessário aprender a gerir aquilo para o qual ele foi formado, gerir o escritório de Arquitetura, gerir o espaço onde deve atuar. Dessa forma, a publicação demanda uma necessidade por esse tipo de saber, o saber gerir. Além disso, também demanda um profissional que atue por excelência no escritório de Arquitetura e saiba gerenciá-lo.

Nesse vídeo temos a objetivação do que é ser arquiteto e de onde ele pode trabalhar ou do local de trabalho por excelência do arquiteto. O local de trabalho por excelência do arquiteto é o seu escritório de Arquitetura, e não sendo um local trivial, esse local de trabalho precisa ser devidamente gerenciado. Há aqui a produção não apenas de um espaço privilegiado para o trabalho do arquiteto, há também a produção de uma necessidade para que esse trabalho aconteça a contento. A produção de tal necessidade leva à criação de uma outra necessidade, a necessidade de gestão e essa gestão não pode ser qualquer gestão, mas, sim, uma gestão eficiente. Ao mostrar/exibir uma sequência da suposta arquiteta gestora de escritório preenchendo planilhas de cronograma de compras, *checklist* de compras, cronograma de entregas, o vídeo está trazendo o cotidiano desse profissional de Arquitetura que é o arquiteto gestor de escritório de Arquitetura e é algo relevante, pois, entre tantas possibilidades de atuação de um arquiteto, o significado predominante e a disputa por significação do profissional e do seu local de trabalho está incidindo, restringindo e privilegiando o escritório de Arquitetura como espaço de trabalho do arquiteto. Desta forma, esse post nega a possibilidade de o local de atuação por excelência do profissional arquiteto ser a obra, a construção, o canteiro, os movimentos sociais, os espaços públicos e a cidade.

Figura 17 – Arquivo-referência e 800 blocos editáveis do SketchUp



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa com a narração de uma arquiteta que oferece uma série de arquivos de referência para o software SketchUp. Uma mão feminina vai mostrando uma sequência de várias folhas impressas de projetos com imagens detalhadas. Além disso, o vídeo conta com legenda que informa aos deficientes auditivos o conteúdo de sua fala. O vídeo termina exibindo a tela de um computador com inúmeras pastas de arquivos.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Foi-se o tempo em que lapiseiras, compassos, escalímetros, régua, pranchetas e folhas de papéis e outros instrumentos, canonicamente e tradicionalmente reconhecidos como instrumentos de trabalho de um arquiteto, eram essenciais. Agora, segundo o Currículo Algorítmico, um arquiteto além de precisar ter, atuar e gerenciar um escritório de Arquitetura, também precisa ter, como instrumentos de trabalho, um arquivo editável e centenas de blocos também

editáveis do SketchUp²⁰, isso é o que se ensina nesse vídeo. Nesse *post* se oferece uma solução para um arquiteto que é supostamente sem tempo e que precisa ser eficiente. Cria-se primeiro um problema para se oferecer um produto-solução, o problema do arquiteto que não parou para pensar que é possível agilizar seu trabalho e não perder tempo, ou seja, o problema seria perder tempo. Assim, a um arquiteto não se permite perder tempo. Para esse problema, em relação ao uso do tempo, que não é mais o uso de pensar projeto, fazer a planta, conversar com o cliente, mas tão somente produzir e poder fazer várias coisas, se oferece então um arquivo com centenas de blocos editáveis do SketchUp.

É peculiar também que a partir dessa demanda por um arquiteto-sem-tempo e por um arquiteto-eficiente faça surgir uma demanda por um novo tipo de profissional da Arquitetura. Tal peculiaridade se dá porque tradicionalmente os cursos de Arquitetura, por serem reconhecidos como cursos de elite ou cursos elitistas, eram direcionados às pessoas que socialmente dispunham de tempo, que podiam dedicar-se a trabalhos intelectuais. Isso se dava porque, na sociedade brasileira, quem não dispunha de tempo era a

20 SketchUp é um software, amplamente difundido mundialmente, voltado ao desenvolvimento de desenhos, representações e projetos volumétricos, ou seja, em três dimensões (3D). Este programa permite aos seus usuários produzirem e visualizarem imagens que, além de altura e comprimento, possuem profundidade.

classe trabalhadora e a essa classe se restringia os trabalhos braçais, e é aqui que reside a inflexão peculiar, pois agora assume-se que o profissional arquiteto é um profissional sem tempo. Com isso, quando se estimula a ideia de que o arquiteto não possa editar várias vezes e que precisa dispor, necessariamente, de vários arquivos para poder compor aceleradamente, se está demandando e forçando a significação do arquiteto-sem-tempo. Ao significar o arquiteto-sem-tempo, o vídeo também acaba por produzir a ideia de que o arquiteto é um profissional sem descanso ou sem direito a descansar. Esse vídeo, mesmo apresentando um problema e uma solução, e portanto disponibilizando um diferencial de atuação profissional para o arquiteto, não deixa de fazer o arquiteto se assemelhar a qualquer trabalhador contemporâneo que é superexplorado pelo Capital.

Figura 18 – Documentos para viver de Arquitetura



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. No vídeo, ao som de uma música instrumental, aparece uma mão feminina que segura uma caneta *touchscreen* na cor branca. Com o uso dessa caneta, a mão

vai sinalizando na tela de um *tablet* aquilo que já foi realizado. Ao longo de todo o vídeo é exibida, em uma caixa de texto de fundo vermelho, a seguinte mensagem: “Arquiteto, esses são os documentos que me fazem VIVER DE ARQUITETURA”.

Fonte: *Post* via Instagram (2023).

O arquiteto supostamente sem tempo e pretensamente eficiente, tendo aprendido a gerenciar seu espaço de trabalho por excelência — que seria o escritório de Arquitetura e que, por natureza, precisaria ser bem gerenciado —, vai passar, então, a ser um arquiteto cuja vida se ganha com determinado gerenciamento de determinados documentos. Este é o ensinamento que se depreende do vídeo no Instagram, no qual a BAUS Arquitetura inicia um vídeo de dezesseis segundos dizendo e mostrando: “esses são os documentos que me fazem viver de Arquitetura” — em legas garrafais. Quais seriam mesmo tais documentos? Seriam: termo de abertura de projeto, levantamento arquitetônico, *checklist*, planilha de fornecedores, *briefing* comercial e um conjunto de documentos diversos, incluindo outras planilhas. O que é interessante depreender desse vídeo de apenas 16 segundos é que viver de Arquitetura reforça a ideia anterior de Arquitetura como gestão do escritório, e se fazer Arquitetura seria gerir o escritório de Arquitetura, viver de Arquitetura seria produzir e manusear os documentos eletrônicos que compõem os arquivos des-

se escritório de Arquitetura. Esse vídeo termina, portanto, por demandar e tentar produzir uma outra figura correlata àquela do arquiteto-gestor que é uma figura híbrida, que denominamos, aqui, como arquiteto-biblioteconomista. Considerando que o profissional de biblioteconomia trata da produção, da organização, da conservação, da comunicação e da utilização de informações, e que se trata, então, de um profissional que é um agente de informação, que trabalha nas interfaces entre o analógico e o digital, o profissional arquiteto-biblioteconomista seria aquele responsável por classificar e organizar as informações do seu próprio escritório. Não apenas responsável, mas aquele cuja essência do próprio trabalho incidiria e seria restrita, sobretudo, a esse tipo de atividade.

Figura 19 – Faça qualquer cálculo de engenharia civil rapidamente



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo são exibidas inúmeras planilhas de cálculo de Engenharia Civil, ao mesmo tempo, é possível ouvir a voz de um locutor que busca vender tais planilhas. Ao longo do vídeo são exibidas as seguintes frases: “faça qualquer cálculo da engenharia civil rapidamente e pare

de perder tempo”; “cálculos de dimensionamento estrutural, força, produtividade, orçamentos, traços de concreto etc.”; e “de 97 por apenas 10”.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

Quando um arquiteto ou arquiteta já aprendeu qual é o seu espaço de trabalho por excelência e como deve gerenciá-lo, além dos tipos de arquivos que ele pode precisar manusear nesse gerenciamento, ele supostamente conseguiria adquirir um nível de rendimento tal que faria disso um atestado de que ele alcançou uma nova posição, a do arquiteto ou arquiteta-turbo. A posição de arquiteto(a)-turbo trata-se de um profissional que, equipado do melhor espaço de trabalho, das melhores técnicas de gerenciamento e dos melhores arquivos e formas de manuseio desses arquivos, adquiriu uma capacidade que lhe permite aumentar seu rendimento. É um arquiteto-turbo porque, uma vez turbinado, seu rendimento é incomum e superior aos dos demais, incapazes de assumir essa posição a partir do Currículo Algorítmico. A promessa do Currículo Algorítmico, no sentido da produção do arquiteto-turbo, é a de que esse sujeito seria capaz de fazer qualquer cálculo da Engenharia Civil rapidamente e seria incapaz de perder tempo diante da necessidade de fazer cálculos de dimensionamento estrutural, cálculo de força ou de produtividade, orçamento e traços de concreto. A posse de

150 planilhas automáticas seria, então, segundo o Currículo Algorítmico materializado através desse vídeo, aquilo que possibilitaria o diferencial de capacidade de um arquiteto-turbo diante das demais possibilidades de ser e de estar no universo profissional da Arquitetura. É isso que o Currículo Algorítmico oferece: 150 planilhas de cálculo automático como um diferencial de capacidade para se reconhecer como um profissional turbo.

Figura 20 – *Template CAD* padrão Porto



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, a palma de uma mão passa sobre a tela de um notebook, no qual começam a aparecer na tela inúmeras imagens de blocos e *templates* para o programa AutoCAD, são objetos como portas, janelas, mobiliários etc. O vídeo conta com uma música de fundo mixada e alegre e exibe a seguinte mensagem: “um conjunto de arquivos que vai economizar 50% do tempo no desenvolvimento dos desenhos”.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2023).

Se o arquiteto-turbo é demandado como um profissional que não perde tempo, ele pode, inclusive, estar

materializado na sua forma de desenhar, quando ele seria capaz de, ao aprender a manusear determinados conjuntos de arquivos (bibliotecas, *templates* e legendas), economizar 50% de tempo no desenvolvimento de projetos. Tem-se aqui uma evidência e um reforço da ideia de que haveria um tipo de arquiteto indisponível para perder tempo e essa indisponibilidade seria marcada pela sua aquisição de traquejo no manuseio de arquivos do tipo *template*.

Figura 21 – *Template* com tudo configurado



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, uma arquiteta, branca, vestida com blusa preta, aparece sentada de frente para seu notebook, e na sua tela começam a aparecer inúmeras imagens de blocos e *templates* para o programa AutoCAD, são objetos como portas, janelas, mobiliários etc. O vídeo conta com uma música de fundo mixada e exibe a seguinte mensagem: “tenha um template com tudo configurado que te fará ser 50% mais rápido”.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

Dizem que a pressa é a inimiga da perfeição, mas, no Currículo Algorítmico, quando se trata de demandar o arquiteto-turbo, ter pressa é um valor positivo que é significado como elemento para qualidade do projeto, para além de evitar perda de tempo. Nesse vídeo, de apenas 15 segundos, convoca-se indivíduos para assumirem uma posição que é a posição do arquiteto-turbo através do seguinte chamamento: “arquiteto, se você sente que perde mais tempo do que deveria no CAD, tenha um *template* com tudo configurado que te fará ser 50% mais rápido e que trará padronização e qualidade aos seus projetos”. Então, nesse vídeo vê-se que o arquiteto-turbo é aquele tipo de sujeito-arquiteto que é demandado como alguém que — sendo já capaz de perceber e de sentir que poderia estar perdendo tempo com suas atribuições — estaria disponível para assumir essa posição de fazer projetos padronizados com 50% a mais de velocidade, o que seria significado como qualidade aos seus projetos.

“Sim ou Não”, “Pode ou Não Pode”, “Certo ou Errado” – Como Fazer

Se um sujeito do Currículo Algorítmico não seguir os ensinamentos sobre conhecimentos requeridos, sobre capacidades e habilidades demandadas e disponibilizadas por esse próprio currículo, esse sujeito corre o risco de se

tornar uma pessoa que não atenta a um aspecto muito singular, existem projetos que levam a algo bonito, mas disfuncional, é o que se ensina no vídeo abaixo. Nele, nós temos a disponibilização da posição da arquiteta-vidente. A arquiteta-vidente é aquela que vê o que já está posto e que antecipa possíveis problemas de funcionalidade relacionados a projetos, móveis e designs de interiores. No vídeo ela expõe, pinça e escolhe diferentes situações relacionadas a cômodos, ambientes e seus respectivos projetos nos quais possíveis falhas e disfuncionalidades viriam por diferentes motivos e diferentes causas.

Figura 22 – Bonito, mas não funciona, versão interiores



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa com uma arquiteta, branca, loira, usando uma blusa branca e uma calça bege, sentada em uma poltrona em um ambiente decorado e iluminado com luzes indiretas. Como em uma conversa informal, ela passa a dizer o que ela costuma propor para usar na casa de seus clientes, mas não usaria na sua própria casa. Conforme ela vai citando os exemplos, exibe-se na tela vinhetas com imagens ilustrativas de cada caso.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Dentre as diversas situações exibidas no vídeo destaca-se a de um armário com uma porta que abre para cima, segundo o *post*, pode ser bonito, mas sua disfuncionalidade estaria posta no fato de que ou usuário não teria altura suficiente para fechar o armário depois de abri-lo, e ou o projeto poderia levar a porta do armário a encostar no teto. Há, nessa situação específica, um furo de argumentação, porque se o problema da abertura da porta seria um erro de projeto que faria a porta encostar no teto, bastaria o(a) arquiteto(a) corrigir seu próprio projeto, de modo que a porta não atingisse o teto. Para além dessa situação, o vídeo apresenta outras situações como armários com portas de vidros, closets sem portas, tapetes em escritórios, tudo isso é tomado pela arquiteta-vidente como um problema. Tais problemas são tomados pela arquiteta-vidente como problemas para os quais ela teria a posição privilegiada para ver e até antecipar, vaticinando que, em algumas situações, o projeto pode ser bonito, mas não ser funcional. Dessa forma, pressupõe-se que todos os arquitetos e arquitetas estariam sujeitos(as) a esse “erro fatal”, o de projetar coisas bonitas, mas disfuncionais. Desse modo, o vídeo acaba por causar uma cisão na relação entre beleza e funcionalidade, como se projetar bonito, necessariamente, incorresse no risco de projetar disfuncional.

Figura 23 – Tendência passada x Tendência atual



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. No começo do vídeo, a tela é dividida em dois planos, o superior, onde são exibidas fotos de ambientes que são considerados como tendência passada e como tendência atual, e o inferior, onde aparece um arquiteto, homem branco, jovem, cabelo preto penteado para o lado, vestindo uma camisa azul. Ao final do vídeo, a imagem do arquiteto expande para a tela toda e ele fala diretamente com seu público.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

“Não valorizar o seu sonho é uma tendência passada”. Neste vídeo demanda-se que o profissional de Arquitetura, dentre tantos conhecimentos, habilidades, capacidades e valores, adquira uma capacidade em especial, a de distinguir o que é tendência passada e o que é tendência atual. O *post*, ao fazer essa distinção em três momentos diferentes sobre o que seria uma tendência passada e o que seria uma tendência atual, produz um gradiente de distinção de tendência trazendo uma demanda por uma habilidade adicional que o profissional deveria ter. Não basta mais o profissional de Arquitetura que saiba identificar tendências,

esse foi um conhecimento e uma habilidade que durante anos têm pairado na formação e na atuação de arquitetos.

Nesse vídeo demanda-se que o profissional de Arquitetura não seja mais apenas um profissional que segue tendências, mas que saiba identificar o que seja uma tendência passada e o que seja uma tendência atual. Para tanto, a publicação se vale da exibição de imagens antagônicas, mas, sobretudo, de entonações e expressões faciais quando se apresenta o que seria uma tendência passada e uma tendência atual. Uma cara fechada, sinalizando problema em relação à tendência passada, uma cara mais simpática e até esboçando sorrisos demarcando o que seria uma tendência atual, reforçando a significação entre passado x atual. Além disso, tal distinção de tendências não figura aleatoriamente, ela é produzida no vídeo como um elemento fundamental para um(a) profissional arquiteto(a) que deseja valorizar o seu sonho. Coloca o profissional de Arquitetura como um profissional que sonha e cujo sonho, para ser realizável, precisaria passar pela necessidade de saber distinguir o que seria tendência passada e tendência atual. Porém, o *post* omite que o que hoje pode ser considerado como tendência atual pode um dia, muito rapidamente, se tornar uma tendência passada.

Figura 24 – Bonito, mas não funciona – Versão Arquitetura

Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa com uma arquiteta, branca, cabelos castanhos, usando uma blusa de manga longa na cor preta, sentada em uma mesa externa de um café. Como em uma conversa informal, ela passa a dizer o que para ela funciona e o que não funciona em um projeto de interiores. Conforme ela vai citando os exemplos, exibe-se na tela imagens de ambientes ilustrativos de cada caso.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Se o Currículo Algorítmico tem coisas a ensinar e demanda a(o) arquiteta(o)-vidente, ele aciona um exemplar desse próprio tipo de sujeito (a(o) arquiteta(o)-vidente) para ensinar as coisas que ele tem vontade de que sejam aprendidas. Ao acionar um(a) arquiteta(o)-vidente, ele coloca em cena que ele(a) pode elaborar, a partir das suas perspectivas e opiniões, um conjunto de consignas, de conselhos, de miradas, de advertências e de ameaças. Então, a pedagogia correlata a esse currículo faz com que se chame atenção para problemas, faz com que se antecipe o inferno da limpeza, prevê arrependimentos, faz concessão a maníacos de

organização, dá comando para abandono de ideias e pede voto de confiança. Todos esses comandos fazem parte da pedagogia própria a esse currículo, não apenas reforça os significados em torno do que seria a(o) arquiteta(o)-vidente, como também faz da(o) própria(o) arquiteta(o)-vidente a(o) profissional que materializa os ensinamentos e pode recrutar mais pessoas do tipo que esse currículo quer.

Figura 25 – Uso na casa do cliente, mas não uso na minha



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa com uma arquiteta, branca, loira, usando uma blusa branca e uma calça bege, sentada em uma poltrona em um ambiente decorado e iluminado com luzes indiretas. Como em uma conversa informal, ela passa a dizer o que ela costuma propor para usar nas cozinhas de seus clientes, mas não usaria na sua. Conforme ela vai citando os exemplos, exibe-se na tela vinhetas com imagens ilustrativas de cada caso.

Fonte: *Post via Instagram* (2024).

Uma vez assumida a posição do(a) arquiteto(a)-vidente, pode-se alçar um outro nível, o nível de arquiteto(a)-profeta que, além de ter a capacidade de ver, tem a capacidade

de antecipar o que vai acontecer, graças a seu contato divino com o mundo da Arquitetura, assim, dotando esse arquiteto de uma palavra de autoridade, porque seria uma palavra dos deuses e deusas da Arquitetura. Tal como nas passagens bíblicas, pela sua capacidade de prever e antecipar tanto coisas boas quanto ruins, ele é dotado de uma posição ambígua de popularidade e de ódio público. A máxima que sintetiza o ser e estar no mundo da Arquitetura se expressa nesse vídeo quando a arquiteta diz: “a gente avisa, e aí, normalmente, a gente não é escutada”. Dotada, por uma autoridade divina, da capacidade de ver, a arquiteta-profetiza é aquela que prevê o caos e sabe quando algo vai dar errado.

Figura 26 – O que é velho x O que é atemporal



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. No começo do vídeo, a tela é dividida em dois planos: o superior, onde são exibidas fotos de revestimentos e decorações que, segundo o autor, tornam o ambiente antigo ou atemporal; e o inferior, onde aparece um arquiteto, homem branco, jovem, cabelo preto penteado para o lado, vestindo uma camisa

azul. Ao final do vídeo a imagem do arquiteto expande para a tela toda e ele fala diretamente com seu público.

Fonte: *Post via Instagram (2024).*

Do chão ao teto e da parede à pia existe algo sobre o qual um arquiteto deve aprender, segundo o Currículo Algorítmico, que vai além de características estéticas, algo que diz respeito à relação do arquiteto com o tempo. O vídeo trata de disponibilizar significados muito particulares e específicos a respeito da relação que um arquiteto pode ter com o tempo e a temporalidade e, por decorrência, da relação dos produtos do trabalho do arquiteto, dos projetos de um arquiteto com o tempo. Assim, trata-se de fazer pensar que a relação com o tempo não é mais da ordem de procurar por produtos duráveis ou de aumentar a durabilidade dos produtos, mas, sim, de um modo muito particular, trata-se de colocar o problema do tempo em termos de algo, ou alguém, ou uma ideia ser atemporal ou não conseguir ter uma maior durabilidade.

Para além disso, mais do que ser atemporal ou ter maior durabilidade, parece haver um outro problema ainda maior, o problema de conseguir ou não fazer o tempo parar, o problema de conseguir durar no tempo sem, contudo, parecer velho, perecível ou não atemporal. Dessa forma, com esse vídeo inaugura-se uma outra frente de sonho,

uma outra fonte de desejo para arquitetos, que trata-se de conseguir estabelecer consigo, com seus trabalhos e com seus clientes uma relação com o tempo, de modo que as coisas não pareçam velhas. Para que esse ensinamento possa fazer-se ainda mais eficaz, não se faz qualquer tipo de problematização em relação à historicidade do próprio conceito de “temporal” e “atemporal”, considerando que sempre há o risco de algo que, por mais tempo que dure, possa ser considerado atemporal para uma época e não para outra.

Figura 27 – A casa que esse terreno merece



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa exibindo perspectivas de um projeto de uma residência no estilo contemporâneo, com volumes e linhas retas. Em seguida, um arquiteto entra em cena, homem branco de meia idade, vestindo uma camisa polo preta. Sentado a uma mesa de escritório, ele começa a esboçar e a dizer, com o uso de uma caneta *touchscreen* e um *tablet*, qual deveria ser o programa de necessidades ideal para um terreno de 8x25 metros.

Fonte: *Post* via Instagram (2023).

A partir da posição de arquiteto-perito fundiário e da posição de suposto saber sobre como dimensionar e compor uma planta perfeita para um terreno de 8x25m, esse currículo, através dessa posição de sujeito arquiteto, cria uma necessidade: a de saber projetar casas para terrenos com essa dimensão. O arquiteto-perito fundiário assume saber qual é a melhor planta para um terreno 8x25m e acredita conseguir evidenciar esse seu suposto saber. Para isso, o vídeo vai demandar que a planta ideal para um terreno com essa dimensão, necessariamente, precisa ter três quartos, duas vagas de garagem, uma área gourmet com piscina, uma casa toda integrada e a fachada contemporânea com linhas retas em combinação com o interior da edificação. Nesse vídeo estamos diante do arquiteto-perito fundiário, ele julga, mas não é juiz, porque ele não aprofunda o mérito da matéria; ele age como um árbitro, pois sua aferição é baseada, tão somente, em asserções, ou seja, em proposições assumidas como verdadeiras. Apenas assumidas, tanto que, ao final do vídeo, é possível ao arquiteto-perito fundiário recorrer à opinião alheia em busca de aprovação ou de certificação: “comenta aí se vocês gostaram da fachada”, “gostou do projeto”.

Em síntese, ao disponibilizar e, ao mesmo tempo, demandar a posição de arquiteto-perito fundiário, o Currículo Algorítmico parte da suposição de que há uma

planta perfeita para um terreno de determinada dimensão, pois, quando entra em cena a figura do arquiteto-perito fundiário, ele figura como um sujeito-suposto-saber capaz de dizer como dimensionar e projetar essa relação entre tamanho do terreno e tipo de residência, assume esse suposto saber que se materializa em determinados tipos de necessidades para projetá-lo e para a atuação do arquiteto.

Figura 28 – “Home by me” fácil como um videogame



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa com um sujeito sem formação dizendo para parar de se projetar usando folha de papel. Então, exibe-se uma mão amassando um projeto desenhado à mão e jogando-o no lixo. Ao mesmo tempo, um som de alerta é emitido e um “x” na cor vermelha começa a piscar. Abre-se um computador e o locutor instrui como acessar um site que faz uso de Inteligência Artificial para gerar projetos automaticamente.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

O arquiteto-gamer é a posição de sujeito demandada por esse vídeo. Tudo se passa como se ser arquiteto e

projetar tivessem que ser tarefas prazerosas, divertidas e esquemáticas, tal como se faz em um jogo de vídeo game. O Currículo Algorítmico também produz comandos, um deles é o de que a pessoa “deve parar agora de planejar assim”. Assim como? A imagem mostra uma pessoa com uma folha de A4 na horizontal, com um lápis em sua mão esboçando o que seria uma planta, pressupondo que os arquitetos e arquitetas quando iniciam o planejamento de uma casa fariam dessa forma, sem poder, por exemplo, experimentar os processos canônicos em relação ao desenho de uma planta que se aprende em disciplinas de Projeto nos cursos de Arquitetura. O vídeo, na sequência, a partir desse comando, quer levar a sua audiência e a sua assistência a entender que planejar uma casa passa, necessariamente, pela simples escolha de cômodos e de preenchimento para esses cômodos.

O vídeo mostra um site chamado “home by me”, o seu título soma-se à dica de que esse site seria superior a um certo modo de planejar indesejável (aquele no qual um arquiteto projeta uma planta sobre uma folha de papel). “Home by me” é apresentado, nesse vídeo, como uma possibilidade de a pessoa projetar de um jeito que, supostamente, seria mais adequado. O botão que aparece no vídeo intitulado “planejador de lançamento” sintetiza toda a ideia: tudo se passa com se arquitetar fosse restrito

a projetar casa e como se projetar casa fosse uma simples questão de dimensionar cômodos e de preenchê-los com móveis. Ao final do vídeo, a ideia de que haveria um modo fácil, interessante e rápido de projetar se concretiza, materializa e se intensifica dentro do seguinte dizer de quem apresenta o vídeo: “é fácil, parece até um videogame”.

Um toque “verde”, para quem pagar!

Aqui o Instagram demanda o arquiteto-bioclimático, trata-se de um profissional dotado da ousadia de propor a construção de uma casa de pau a pique em pleno século XXI. Mas, embora possa parecer para os desavisados uma proposição chocante, dentro do campo de saber da Arquitetura, uma casa de pau a pique oferece uma série de vantagens, como conforto térmico, durabilidade, baixo custo e apelo ecológico. O vídeo, embora possa levar sua audiência para esse caminho, pode suscitar as seguintes perguntas: onde haveria madeira para casas de pau a pique? Por que a madeira escolhida tem que ser bambu? Todos e todas, em situação de optar por uma casa de pau a pique, poderiam fazê-la de bambu? A realidade socioeconômica brasileira para as pessoas que acessam pau a pique é uma realidade que possibilite às pessoas fazerem casas de pau a pique, com bambu e uma porta bonita com madeira possivelmente de reflorestamento?

Figura 29 – Instalações elétricas nas tramas do pau a pique



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, um arquiteto, homem branco, cabelo curto, com tatuagens, vestindo uma camiseta cinza, fala como devem ser realizadas previamente as instalações elétricas em uma edificação construída com tramas de pau a pique. O cenário é uma casa em construção com tramas de bambu não acabadas, onde o arquiteto consegue mostrar como posicionou o eletroduto corrugado amarelo. O vídeo exibe legenda simultânea.

Fonte: *Post* via Instagram (2023).

As questões anteriores nos fazem pensar que o arquiteto-bioclimático — embora antenado com demandas contemporâneas de cunho ecológico e, ao mesmo tempo, aproximando-as de conhecimentos construtivos sofisticados — é um profissional que, possivelmente, deve enfrentar não apenas algumas resistências pela simbologia que o pau a pique traz e, ao mesmo tempo, enfrentar a própria contradição de querer dar um acabamento e um ar de vanguarda a algo que remete, em nosso país, a uma dura realidade socioeconômica. O apelo ecológico e fashionista do arquiteto-bioclimático

co faz o Currículo Algorítmico não interditar, mas obscurecer a discussão socioeconômica em torno das casas de pau a pique. Então, o arquiteto-bioclimático é uma posição que é disponibilizada dentro de uma rede de significados em que não há espaço para uma discussão socioeconômica e política em relação àquilo que está sendo oferecido.

Figura 30 – *Ugreen Pass* está disponível



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, um arquiteto, homem, branco, cabelo preto, vestindo uma camisa cinza, fala de forma descontraída sobre um curso que está oferecendo o chamado “*ugreen pass*”. O vídeo tem como fundo o cenário de um escritório de Arquitetura, com computadores, mesas, cadeiras e estantes. O vídeo também exibe legenda simultânea.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

A posição de sujeito arquiteto-bioclimático é reforçada por esse outro vídeo — no qual os ideais de sustentabilidade e de aparência verde, com soluções fáceis e instrumentais e que remeteria a um passaporte para profissionais serem “verdes” — que anuncia que no Currículo Algorítmico

há disponibilidade de uma série de recursos no sentido da produção de um arquiteto-bioclimático. O Currículo Algorítmico, materializado nesse *Ugreen Pass*, oferece mentoria de temas, técnicas e negócios relacionados à Arquitetura sustentável, a interiores sustentáveis e ao tema da sustentabilidade em geral no seu cruzamento com as possibilidades de ser arquiteto. Então, se há um Currículo Algorítmico demandando múltiplas posições de sujeito-arquiteto e uma delas é a do arquiteto-bioclimático, esse currículo conta com a estratégia de mentoria para reforçar a possibilidade de produção daquele tipo de sujeito que ele quer ver produzido.

Figura 31 – Estudo de viabilidade ambiental ECOMIMESIS



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa com um locutor, que não está presente no vídeo, explicando como se dá o processo de Estudo e Viabilidade Ambiental (EVA). Passa-se a exibir imagens de páginas de livros antigos e de gráficos computadorizados que inspiraram a metodologia praticada nesse tipo de estudo de viabilidade ambiental. O vídeo termina mostrando a visita da equipe envolvida no estudo andando pela área estudada, uma floresta densa.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

No Currículo Algorítmico, um arquiteto ou um aspirante a arquiteto pode se deparar com este vídeo, oriundo do perfil chamado “Ecomimesis”. Nele, o arquiteto ou o futuro profissional arquiteto se depara com alguns elementos necessários para se pensar a natureza em larga escala. Estudo de viabilidade ambiental e planejamento ecológico figuram como atividades e frentes de atuação similares para esse arquiteto-designer-da-natureza. O vídeo sai vendendo a ideia do que é e de como se faz esse estudo de viabilidade ambiental a partir da proposta que está sendo vendida para os profissionais de Arquitetura.

O argumento de autoridade daquilo que é vendido começa com o apelo ao nome de Ian McHarg que, segundo o vídeo, é uma figura incontornável do planejamento ecológico. Nesse vídeo, o Currículo Algorítmico leva a conhecer que o estudo de viabilidade ambiental requer o cruzamento de várias fontes de informações, no sentido de oferecer uma leitura completa do terreno. Dessa forma, para ser um profissional arquiteto-designer da natureza você precisa fazer uma leitura completa do terreno, que é tornada possível a partir de diferentes frentes, como orientação cardinal, declividade, escoamento. Todos esses são os elementos que o vídeo está significando como indispensáveis para uma leitura completa do terreno. Mas, segundo o que o Currículo Algorítmico está disponibilizando, no sentido de fomentar essa posição de

sujeito de arquiteto-designer da natureza, não bastam os conhecimentos, também é preciso determinados procedimentos e conjuntos de atividades como: visitar o terreno para se avaliar as características físicas, biológicas e sociais, e praticar aerofotogrametria com drones.

Figura 32 – Projeções de possíveis intervenções paisagísticas



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um escritório de Urbanismo, começa exibindo uma imagem aérea de alguns quarteiros de uma cidade, sem nenhuma ou pouca vegetação. Depois, uma linha passa a deslizar da esquerda para a direita, exibindo uma projeção do tipo antes e depois; antes, sem vegetação, depois, com vegetação. Ao longo de todo o vídeo toca-se uma música instrumental do tipo inspiradora.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

Nas situações em que é necessário pensar a natureza em larga escala, um arquiteto do eco-business precisa e pode contar também com mapeamentos e análises automatizados de diversidade arbórea em ambientes urbanos. É o que um vídeo silencioso nas palavras, mas

insidioso nos significados, mostra nos seus 17 segundos de duração. Nesse vídeo, oriundo de um perfil chamado “Urban Design Lab”, diferentes áreas, cenários e situações vegetais urbanas passam por uma projeção do tipo antes e depois, sendo exibida como poderia ficar determinada área, caso o projeto paisagístico fosse executado, dando a entender que um profissional de Arquitetura empenhado em desenhar/projetar a natureza pode contar com uma simulação para antecipar e prever aquele espaço.

IA? Bom é BIM – Vai ser mais rápido! SERÁ?!

Dentro e alinhada com a lógica neoliberal, a metodologia conhecida como BIM (*Building Information Modelling*) — que faz uso de programas (softwares) que operacionalizam uma nova forma de se realizar a representação de projetos, considerando informações reais de cada elemento construtivo — tem como uma de suas vantagens a aceleração dos processos e, dessa forma, o aumento da produtividade. Dentre os softwares que possibilitam operar a partir da metodologia BIM, para esta pesquisa destaca-se o Revit Architecture. Vejamos o próximo vídeo.

Figura 33 – Método Revit *Express*



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa com a narração de uma arquiteta que oferece um curso para o uso do software Revit. Dentro de um círculo, em uma pequena janela no canto superior esquerdo da tela, a arquiteta direciona sua fala a possíveis novos(as) alunos(as). Enquanto anuncia seu método de ensino, chamado *Revit Express*, no resto da tela são exibidas várias abas do programa, mostrando vistas, cortes, elevações e perspectivas de um projeto.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

Mesmo que um profissional de Arquitetura venha dominar o Revit, e até mesmo participar da comunidade e acompanhar todos os maiores lançamentos do software, e assim tornar-se um arquiteto-reviteiro, se ele não fizer isso com velocidade e aceleração, ele não será, necessariamente, um arquiteto-reviteiro, mas sim terá aquela posição de sujeito arquiteto-sem-tempo. É que existiria um método para criar projetos de alto padrão e que, certamente, não seria aquele projeto voltado a projetos de luxo, mas trata-se, tão somente, de fazer projetos de alto padrão com uma

aceleração do próprio trabalho que é vendida como uma solução inovadora, seja ela com o Revit²¹ ou com qualquer outro programa. Aqui nesse vídeo, os ideais neoliberais de “qualidade total”, “produtividade”, “aceleração” e “inovação” são estimulados e reforçados pelas palavras finais do vídeo: “fluxo de trabalho estratégico e produtivo, clique em saiba mais e eleve seu padrão de entrega hoje mesmo”. Poderíamos, portanto, chamar o arquiteto-sem-tempo por um outro nome: o arquiteto-instantâneo.

Figura 34 – Você usa CAD ou uma ferramenta BIM?



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo tem como cenário um escritório com mesa, computador e uma porta. Neste *story*, um arquiteto, homem branco, cabelos castanho-claros, encena um diálogo com ele mesmo como sendo um estudante de Arquitetura. Quando arquiteto, ele veste um casaco e está sentado em uma

- 21** Revit Architecture, ou simplesmente Revit, é um programa que opera a partir da metodologia BIM (*Building Information Modeling*), o que significa que a geometria (desenho) carrega consigo informações precisas de cada elemento, objeto e material ali representados, possibilitando aos projetos desenvolvidos com o uso desse software a capacidade de prever, antecipar e simular respectivos cenários e resultados projetuais e construtivos.

cadeira dizendo quais softwares o estudante deveria usar; quando estudante, ele usa uma camiseta preta e segura tubos de projeto em suas mãos.

Fonte: *Post* via Instagram (2023).

Se o arquiteto ou arquiteta-guru é aquele ou aquela que sabe das coisas, ele pode dar conselhos e identificar furos e problemas na atuação de alguém. Então, essa é uma posição que pode ser assumida por qualquer arquiteto ou arquiteta que se percebe como alguém capaz de identificar e aconselhar seus colegas de trabalho ou de curso, no sentido de uma melhor atuação profissional. A posição de guru é aquela passível de ser assumida por alguém que, dentre tantos questionamentos possíveis em sua atuação profissional, pode se perguntar: “é melhor fazer os meus projetos de Arquitetura usando CAD ou uma ferramenta BIM?”. O guru tem uma resposta de pronto para essa pergunta: “se você planeja entregar um projeto com várias plantas diferentes, com vários cortes, com várias perspectivas, detalhamentos e elevações 3D que se ajustam automaticamente quando você os modifica, é melhor você trabalhar com uma ferramenta BIM”. Então, o guru é aquele que sabe as perguntas que podem ser feitas ou que um profissional de Arquitetura pode se fazer em sua atuação profissional. Não apenas isso, ele tem a resposta que é vaticinada ao final do vídeo, que é: “não faz mais sentido

a pessoa trabalhar com CAD hoje em dia”. Desse modo, o guru é uma figura capaz de fazer perguntas e de produzir sentidos em Arquitetura.

Para fazer tudo isso, esse vídeo do Currículo Algorítmico ativa dois conceitos que são o de fluxo de Arquitetura e o de trabalho de forma integrada. Estes conceitos são acionados pelo guru para que ao final do vídeo — como o próprio profissional de Arquitetura que está retratado nele — qualquer pessoa da audiência, ao final desse ensinamento desse currículo, possa dizer: “está bem, entendi, o BIM faz mais sentido”. Só que, ao final, após ter essa resposta e após, supostamente, entender que o BIM faz mais sentido, a partir da perspectiva ensinada pelo guru do Currículo Algorítmico, surge uma outra pergunta, como própria dos processos de conhecer, nos quais um conhecimento leva a outro. O sujeito, profissional de Arquitetura que está diante do guru, pergunta: “ok, mas eu tenho que usar o Revit ou o Achicad?”. Então, o guru vaticina: “ambas as ferramentas são muito boas, e eu falo isso de alguém que já usou bastante as ferramentas”. Então, o guru não apenas ensina, mas reforça aquilo que ele ensina e o seu argumento de autoridade dizendo, textualmente, que ele é uma pessoa que sabe o que está dizendo. Tudo isso, com esses conceitos, com esses ensinamentos, com essa predisposição a dizer o que é correto e errado, ou, o sim e

o não da Arquitetura, esse currículo, além de demandar a posição de arquiteto-guru, demanda um correlato a essa posição, que seria o arquiteto-dependente. O arquiteto ou arquiteta-dependente é aquele(a) profissional ou estudante em formação que é, se não incapaz, pessoa com dificuldade na construção da sua própria autonomia. Ela não sabe se nomear como profissional ou como estudante de Arquitetura, ela precisa ou está sempre na dependência de uma voz ou autoridade exterior para poder dizer o que seria melhor ou o que ela precisa fazer.

Figura 35 – Pare de perder tempo no Revit



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, a tela é dividida em duas, na parte superior, em proporção menor, encontra-se uma arquiteta, mulher, branca, usando uma blusa preta; e na parte inferior, uma imagem da área de trabalho do Revit. Ela busca demonstrar como é fácil usar esse programa, exibindo uma demonstração da sua explicação. O vídeo conta com a exibição de legenda simultânea.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

Desde que um arquiteto-turbo, forjado a partir do Currículo Algorítmico, tenha adquirido um nível de rendimento distinto, destacado e superior ao dos demais indivíduos profissionais de Arquitetura, há um passo seguinte, no qual, tendo aprendido a ter um rendimento de alto nível, ele, supostamente, não estaria disponível a perder tempo com qualquer coisa. Como no exemplo do Revit, dentro da tecnologia BIM já analisada aqui em outros vídeos, como uma forma de fazer Arquitetura superior a outras formas ditas analógicas. Só que, mesmo dentro de uma perspectiva digital, como o uso da tecnologia BIM, a tarefa não está finalizada para um profissional de Arquitetura que possa assumir a posição de um arquiteto-turbo. Isso acontece porque, mesmo se utilizando de ferramentas BIM como o Revit, há situações em que o erro ou a perda de tempo são processos passíveis de acontecer, para isso, o Currículo Algorítmico disponibiliza um vídeo no qual se convida alguém a parar de perder tempo no Revit, reforçando a ideia de que é indesejável ser lento ou se perder tempo. Quando esse vídeo faz uma negativação e disponibiliza um significado negativo de um processo lento ou do risco de se perder tempo, ele reforça a demanda pelo arquiteto-turbo.

Figura 36 – Curso de Revit exclusivo para engenheiros

Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, um engenheiro ensina comandos para utilizar o Revit de forma mais rápida. O vídeo começa exibindo a área de trabalho do Revit, onde com apenas alguns cliques começam a aparecer paredes, pisos, tubulações e eletrodutos. Então, no canto inferior da tela, dentro de uma janela circular, aparece o engenheiro, homem, branco, vestido de preto, que fala “como dobrar sua velocidade dentro do Revit”.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

A formação, os valores, as ferramentas e as habilidades que têm sido vistas demandando a produção de um arquiteto-turbo são fundamentais, mas não são suficientes. Em outro vídeo vê-se que não basta não perder tempo e escolher a plataforma adequada para atuação do arquiteto-turbo, mas, também, a própria forma de manusear a plataforma seria determinante na economia de tempo e no aumento na produção e na produtividade desse arquiteto-turbo. Nesse vídeo é disponibilizado que o domínio de determinados comandos é o que efetivamente fará a diferença na atuação profissional, tais como: “WA” para criar paredes; “FL” para

cortes; “PI” para pisos e tubulações e, assim, o arquiteto-turbo vai sendo produzido entre plataforma, valores e modos de uso das próprias plataformas, isso figurando como método correto em direção à produção desse arquiteto.

Figura 37 – *Pack ultra Revit*



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um sujeito sem formação, começa exibindo imagens de perspectivas realísticas de projetos de residências, depois exibe-se inúmeras pastas e ícones de arquivos de computador. Em uma janela no canto inferior direito, o sujeito sem formação, homem, branco, vestindo camisa preta, faz seu anúncio, com voz robotizada, vendendo como *templates* “arquivos de projetos prontos em Revit padrão Alphaville”.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

Se um arquiteto almeja se tornar um profissional de Arquitetura de luxo ou trabalhar em um escritório de Arquitetura de luxo, segundo o Currículo Algorítmico, ele precisa ser um arquiteto-ultra-revit. O arquiteto-ultra-revit não é somente um arquiteto que gerencia bem o *pack* de

arquivos que ele foi induzido a comprar, ele é mais do que isso, dentre suas capacidades, ele fica antenado com as supernovidades e com o que acaba de ser atualizado em termos de Revit. Contudo, o Currículo Algorítmico apresenta um furo de argumentação ao demandar o sujeito arquiteto-ultra-revit, porque enquanto demanda esse profissional como alguém voltado ao mercado de luxo, ele especifica que isso é possível acessando um conjunto pronto de arquivos editáveis.

Figura 38 – Especialista em Projetos em BIM



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um arquiteto, homem, pardo, vestindo uma camiseta preta, começa exibindo imagens de modelagens de projetos arquitetônicos, elétricos, estruturais e hidráulicos em Revit. O arquiteto busca vender seu curso de Revit, no vídeo ele promete que quem comprar poderá assistir as aulas em casa e se tornar um especialista em Revit, com direito a certificado e assistência ao longo do curso.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

Há um tipo de arquiteto que pode querer ser único, mas não do modo como o arquiteto-memorável; que pode querer ser um grande manuseador de BIM, mas não da forma supostamente luxuosa como o arquiteto-ultra-revit; que pode querer ser uma pessoa que manuseia mil arquivos, mas não da forma como outras posições de sujeito-arquiteto que já vimos aqui. Trata-se de um outro tipo de arquiteto que é demandado pelo Currículo do Algoritmo do Instagram, trata-se do arquiteto-reviteiro. Ele é convocado a tornar-se um do time a partir de uma pergunta: “já pensou em se tornar um especialista em BIM?”. Projetos arquitetônicos, projetos de instalações hidráulicas e elétricas, projetos estruturais e ainda fazer renderizações e animações de cair o queixo seriam exclusividades e especialidades do arquiteto-reviteiro demandado pelo Currículo Algorítmico. O arquiteto-reviteiro torna-se especialista não somente a partir de suas particularidades de atuação, mas, também e sobretudo, desde as características da sua formação, pois trata-se de alguém que consegue ter acesso ao seu certificado estudando dentro de casa, na hora que quiser, sendo acompanhado por profissional que é descrito no vídeo como alguém que tem uma didática leve e descomplicada e que concede aos seus alunos acesso vitalício a um arquivo de Revit. Então, em síntese, não se trata apenas de alguém que seria capaz de atuar bem

com o Revit, mas de alguém que, desde sua formação, acessa elementos, recursos e mentorias constantes, além de licença gratuita ao programa, o que o levaria, dada essa formação, a conseguir ter uma atuação de tal forma que seus projetos, renderizações e animações seriam passíveis de fazerem seus clientes caírem o queixo.

Figura 39 – Saber Revit do absoluto zero



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um arquiteto, homem, branco, vestindo uma camiseta branca, começa exibindo uma modelagem no Revit. Então, o locutor aparece em uma janela circular no canto superior esquerdo, ele começa a fazer uma analogia na qual abandonar de vez o AutoCAD para usar imediatamente o Revit seria como “dar uma bicicleta a uma criação que não sabe andar”, conforme a fala, exibe-se imagens que ilustram a cena.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

Para possíveis aspirantes a arquiteto-reviteiro há elementos a mais sendo difundidos no Currículo Algorítmico. Neste vídeo se fala que estamos na era da tecnologia e

que, por isso, se ainda usa o AutoCAD para fazer seus projetos você está jogando dinheiro pela janela. Essa é a provocação inicial que procura demandar o arquiteto-reviteiro, preparando sua produção a partir de uma negação do uso do AutoCAD. Faz-se uma analogia da ação de fazer projeto com a ação de andar de bicicleta. Nessa analogia, usar o AutoCAD é comparado a alguém que, quando criança, começa a andar de bicicleta. Então, no vídeo, a evolução de alguém andando de bicicleta é posta como análoga à evolução de um profissional de Arquitetura aprendendo a projetar inicialmente com CAD e depois com o Revit. Ainda dentro dessa analogia, entre o aprender a ir projetando com tecnologia e o abandono progressivo do AutoCAD, tem-se que à medida que o profissional de Arquitetura vai se familiarizando com os elementos a mais do AutoCAD, ele estaria “naturalmente” abandonando aquelas rodinhas.

Logo, para se tornar um arquiteto-reviteiro, você pode partir já imediatamente daquilo que é prometido como formação ideal, o próprio Revit; como você também pode ser um indivíduo que um dia usou o AutoCAD e que “naturalmente” foi migrando em direção ao Revit. Tudo isso sendo taxativamente posto no vídeo em que se demanda essa posição: “aprenda do absoluto zero”, reforçando, mais uma vez, que a formação de um arquiteto em direção à posição do arquiteto-reviteiro requer uma formação muito

particular que, necessariamente, não precisa passar pelos bancos das escolas de formação.

Figura 40 – Se eu renderizar essa imagem em 15 segundos você me segue?



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um arquiteto, homem, branco, vestindo uma camiseta preta, começa exibindo o arquiteto em uma janela retangular localizada no canto superior esquerdo e ao fundo uma imagem de um desenho de uma perspectiva. Então, o arquiteto pergunta: “se eu renderizar essa imagem em 15 segundo você me segue?”. O vídeo termina com ele fazendo a renderização do desenho em um site com uso de IA.

Fonte: Anúncio patrocinado via Instagram (2024).

Em um vídeo de 47 segundos, o Instagram disponibiliza uma posição de sujeito que se vê sendo formada em menos de 15 segundos: trata-se da posição de sujeito arquiteto-alimentador-de-IA. Neste vídeo, um profissional de Arquitetura inicia sua fala propondo um desafio, sem sequer dar tempo para que sua audiência tope ou não seu desafio. Ele já performa a própria lógica, que já conhecemos, do ar-

quiteto como um profissional que não tem tempo a perder. Então, antes de dar tempo para sua audiência pensar se topa ou não o desafio, ele já faz a demonstração. Esse desafio se concentra em renderizar uma imagem em 15 segundos com uso da Inteligência Artificial (IA), que é defendida por eles como uma grande solução para a Arquitetura e que, para a felicidade do próprio vídeo, consegue apresentar três propostas de renderização em 12 segundos.

Dessa forma, o profissional arquiteto-alimentador-de-IA é aquele que se lança à tarefa de fazer e deslizar um arquivo direto do SketchUp para uma plataforma de IA gratuita e on-line, que vai fazer uma parte importante do trabalho do profissional de Arquitetura atualmente, que é a da renderização. Esse profissional da Arquitetura não é propriamente o arquiteto-turbo e nem é exatamente o arquiteto-ultra-revit, pois não trabalha exclusivamente com o mercado de luxo como no caso do arquiteto-ultra-revit; e não é o profissional-turbo porque aqui não se trata especificamente e unicamente de tempo, mas de se fazer uso da inteligência artificial.

Após a análise desses quarenta vídeos foi possível evidenciar que as mídias difundidas e disponibilizadas através do Instagram estão selecionando conteúdos, disponibilizando saberes e demandando posições particulares de sujeitos arquitetos. Logo, se estão

selecionando, disponibilizando conteúdos e saberes, estão configurando necessariamente um currículo. Além disso, se também estão demandando posições particulares de sujeito, também estão acabando por ditar quem e/ou como devemos ser para que possamos nos reconhecer como bons estudantes de Arquitetura ou como bons profissionais arquitetos, isso é condução de condutar, isso é exercício de poder, segundo Foucault. A peculiaridade encontrada até aqui nessa condução de condutas está no modo sofisticado, garantido pelo uso de algoritmos, de seleção dos alvos de endereçamento desse currículo.

Na próxima seção buscaremos analisar se haveria ou como se daria possíveis aproximações e afastamentos entre as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquitetura e o Currículo Algorítmico em Arquitetura.

Distante das Diretrizes

Juntamente com o estudo sobre cultura da mídia, para este livro, entende-se como importante situar e compreender quais correntes de Arquitetura se destacam atualmente no Brasil, bem como o contexto que possibilitou que tais correntes se consolidassem. Atualmente, é possível observar a existência de diferentes estilos arquitetônicos sendo produzidos no país. Dentre eles, destaca-se a

Arquitetura Contemporânea que, para vários teóricos, teve origem a partir da coadunação de vários estilos anteriores, principalmente do Estilo Modernista e do Estilo Internacional. O referido estilo tem como características principais o funcionalismo, a simplicidade nas formas e o uso de novas tecnologias e materiais. Boa parte das casas construídas em condomínios ditos “de luxo” podem ser classificadas como contemporâneas pós-modernistas. Com base em Denison (2015), Portoghesi (2002) e Koch (2009), e com o objetivo de facilitar a leitura quanto aos estilos que influenciaram e que influenciam a Arquitetura entendida como “Estilo Contemporâneo”, realizou-se uma breve sistematização que resultou no quadro abaixo.

Quadro 1 – Sistematização dos estilos arquitetônicos que mais influenciam o Estilo Contemporâneo no Brasil

ESTILOS QUE MAIS INFLUENCIARAM O ESTILO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL	
ESTILO ARQUITETÔNICO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Estilo Modernista	Funcionalismo – Prioriza a função e a utilidade, com formas simples e práticas; Uso de novos materiais – Adoção de materiais como concreto armado, aço e vidro; Rejeição à ornamentação – Simplicidade e eliminação de detalhes decorativos excessivos; Linhas retas e formas geométricas – Ênfase em formas simples e claras, sem adornos.
Estilo Internacional	Simplicidade e universalidade – Projetos que podem ser aplicados em qualquer lugar do mundo, sem referência a estilos locais; Uso de vidro e aço – Grandes janelas de vidro e estruturas de aço, buscando transparência e leveza; Planos abertos – Ambientes internos sem divisões rígidas, promovendo fluidez e flexibilidade; Formas geométricas – Arquitetura baseada em formas simples e limpas, como quadrados, retângulos e círculos; Ausência de adornos: Uma estética de “menos é mais”, sem decorações desnecessárias.

ESTILOS QUE MAIS INFLUENCIARAM O ESTILO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL	
ESTILO ARQUITETÔNICO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Estilo Industrial	Uso de materiais expostos – Estruturas de aço, concreto e tijolos visíveis, valorizando a aparência crua e inacabada; Espaços amplos e abertos – Ambientes sem divisões internas excessivas, tipicamente com tetos altos e vigas expostas; Estilo funcional – Foco na praticidade e na reutilização de espaços, muitas vezes originados de antigos armazéns ou fábricas; Elementos metálicos – Presença de acabamentos metálicos, como tubulações e conduítes expostos; Mistura de antigo e novo – Integração de elementos industriais antigos com novas tecnologias e acabamentos.
Estilo Brutalista	Concreto aparente – Uso predominante de concreto, muitas vezes de forma crua e sem acabamento polido; Formas massivas e geométricas – Estruturas pesadas, imponentes e angulosas, com formas simples e robustas; Impressão de solidez – A Arquitetura transmite uma sensação de estabilidade e permanência, com formas que parecem maciças; Estruturalismo – Foco nas qualidades estruturais do edifício, com uma estética que destaca as formas do concreto e da construção; Rejeição à ornamentação – Eliminação de decorações e superfícies refinadas, com a forma enfatizando a função.

ESTILOS QUE MAIS INFLUENCIARAM O ESTILO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL	
ESTILO ARQUITETÔNICO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Estilo Minimalista	Simplicidade extrema – Uso de elementos reduzidos ao essencial, com poucos componentes e adornos; Espaços abertos e luminosos – Ambientes amplos, com grandes janelas e luz natural predominante; Cores neutras – Predomínio de tons neutros, como branco, cinza e preto, criando ambientes tidos como calmos e sem distrações; Formas puras e geométricas – Linhas retas, formas simples e volumetrias claras; Ausência de excessos – Foco no essencial, em que a beleza vem da simplicidade e da funcionalidade.
Estilo Sustentável	Uso de materiais ecológicos – Materiais naturais ou recicláveis que minimizam o impacto ambiental; Eficiência energética – Integração de tecnologias para reduzir o consumo de energia, como painéis solares, ventilação natural e isolamento térmico; Design passivo – Aproveitamento das condições climáticas locais, como o sol e o vento, para otimizar o conforto térmico e reduzir o consumo de energia; Áreas verdes e vegetação – Uso de jardins verticais, telhados verdes e paisagismo para melhorar a qualidade ambiental e promover o bem-estar; Redução de resíduos e desperdício – Projetos que buscam diminuir a quantidade de resíduos durante a construção e garantir um uso eficiente dos recursos.

ESTILOS QUE MAIS INFLUENCIARAM O ESTILO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL	
ESTILO ARQUITETÔNICO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Estilo Desconstrutivista	Formas irregulares e fragmentadas – Estruturas que parecem desordenadas, com linhas e ângulos não convencionais; Desafiar a lógica tradicional – Quebra de normas de simetria e equilíbrio, criando uma estética de caos controlado; Construção aparentemente caótica – Elementos arquitetônicos desconstruídos, como sobreposição de formas e planos em ângulos inesperados; Uso de materiais contrastantes – Mistura de materiais que criam um impacto visual, como vidro, metal e concreto; Exploração de novas tecnologias – Adoção de novas técnicas de construção e modelagem digital, permitindo formas inovadoras e únicas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Tais formas de pensar e de fazer Arquitetura tiveram origem a partir do século XX com a Escola de Belas francesa e, posteriormente, com a escola Bauhaus alemã. Foi a partir dos preceitos e ensinamentos dessas escolas, principalmente da Bauhaus, que se desenvolveram teorias, modos e visões de como ensinar a projetar Arquitetura. A partir de Mahfuz (1986), é possível correlacionar os estilos presentes contem-

poraneamente no Brasil às teorias, às noções e às visões assumidas, de forma recorrente, por escolas e professores de Arquitetura, são elas: a teoria funcionalista, a visão poli-funcional, a noção de Arquitetura autônoma, e a noção de contextualismo. A referida correlação pode ser observada e analisada através do Quadro 2 apresentado a seguir.

Quadro 2 – Correlação entre teoria, visões e noções e estilos arquitetônicos praticados atualmente no Brasil

CORRELAÇÃO ENTRE TEORIA, VISÕES E NOÇÕES E ESTILOS ARQUITETÔNICOS CONTEMPORÂNEOS PRATICADOS NO BRASIL		
TEORIA, VISÃO E NOÇÃO	CARACTERÍSTICAS	ESTILOS ARQUITETÔNICOS
Teoria Funcionalista	Um processo de determinação formal baseado em considerações programáticas e técnico-construtivas [...]; Preferência pelo objeto isolado no espaço, indiferente ao sítio, à história e à geografia: os elementos que conferem significados coletivos particulares e específicos a um lugar; Atomização e segregação das funções urbanas [...]; Exaltação do valor da novidade e originalidade em relação ao processo criativo, concebido como inovação constante (Mahfuz, 1986, p. 48-49).	Contemporâneo; Internacional; Minimalista.

CORRELAÇÃO ENTRE TEORIA, VISÕES E NOÇÕES E ESTILOS ARQUITETÔNICOS CONTEMPORÂNEOS PRATICADOS NO BRASIL		
TEORIA, VISÃO E NOÇÃO	CARACTERÍSTICAS	ESTILOS ARQUITETÔNICOS
Visão Polifuncional	De acordo com a visão polifuncional, sendo o homem um indivíduo complexo, o projeto de uma edificação deveria ser determinado a partir de quatro propósitos, sendo eles: Os propósitos imediatos, ou seja, o seu uso no contexto imediato; Os propósitos históricos, segundo Mahfuz (1986), referem-se ao que atualmente se convencionou chamar de “condicionantes”, ou seja, esse propósito se refere ao levantamento do histórico de normas e leis que condicionam o projeto e que, dessa forma, desempenham também um papel muito importante na funcionalidade; Os propósitos sociais “considera[m] o ambiente construído como o resultado físico das organizações da estrutura social à qual pertencem arquitetos e usuários [...]” (Mahfuz, 1986, p. 51). O quarto propósito, chamado de “individual” pelo autor, pode ser entendido como a necessidade de individualização, personalização e singularização dos projetos, devendo, a partir desse propósito, buscar responder aos desejos e necessidades individuais do cliente.	Contemporâneo; Internacional; Industrial; Brutalista; Minimalista; Desconstrutivista; Sustentável.

CORRELAÇÃO ENTRE TEORIA, VISÕES E NOÇÕES E ESTILOS ARQUITETÔNICOS CONTEMPORÂNEOS PRATICADOS NO BRASIL		
TEORIA, VISÃO E NOÇÃO	CARACTERÍSTICAS	ESTILOS ARQUITETÔNICOS
Noção de Arquitetura Autônoma	Segundo essa noção de ensino de projeto de Arquitetura, estudantes, a partir da oferta de repertórios, seriam capazes de produzir seus projetos autonomamente. Tal pensamento se sustentava na ideia de que esses repertórios, conhecidos como “tipos”, possibilitariam inúmeras combinações. Para tanto, o acervo oferecido aos estudantes deveria contemplar quatro categorias de tipos arquitetônicos, sendo elas: Configurações gerais, em termos planimétricos e/ou volumétricos. Exemplo: organizações centralizadas; Principais elementos estruturais. Exemplo: coberturas dômicas ou plana, sistemas estruturais arqueados ou travejados; Detalhes arquitetônicos. Exemplo: ordens de colunas, pórticos, detalhes ornamentais; Relações entre edificações e contexto. Exemplo: edifício que ocupa uma quadra inteira, o “pavilhão” isolado (Mahfuz, 1986, p. 53).	Contemporâneo; Internacional; Industrial; Brutalista; Sustentável.

CORRELAÇÃO ENTRE TEORIA, VISÕES E NOÇÕES E ESTILOS ARQUITETÔNICOS CONTEMPORÂNEOS PRATICADOS NO BRASIL		
TEORIA, VISÃO E NOÇÃO	CARACTERÍSTICAS	ESTILOS ARQUITETÔNICOS
Noção de Contextualismo	A noção de um ensino contextual em projeto de Arquitetura traz consigo as seguintes características: Atribuir-se ao sítio importância fundamental no processo de determinação da forma em Arquitetura; Entendimento da Arquitetura como meio de reação contra a objetificação e homogeneização arquitetônica diante da lógica capitalista; Valorização do sítio, do seu entorno e do seu contexto; Harmonização com o entorno, respondendo a ele, servindo de transição e completando um traçado urbano existente ou implícito; O conceito de sítio abrange os elementos naturais e artificiais de uma determinada região.	Sustentável.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Além deste contexto teórico, é necessário também levarmos em consideração o currículo oficial das escolas de Arquitetura. Dessa forma, como já conceituado neste livro, o currículo oficial é aquele que foi planejado para ser trabalhado em diferentes disciplinas e séries de um curso oficial (Paraíso, 2023), em cursos de Arquitetura e Urbanismo, tal exemplo equivaleria às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Dessa forma, passaremos a buscar compreender as DCN dos cursos de Arquitetura e Urbanismo com o intuito de constituir referenciais e parâmetros de análise frente ao Currículo Algorítmico, aqui nomeado como Currículo Algorítmico de Arquitetura.

Atualmente, as DCN dos cursos de Arquitetura e Urbanismo são resultantes de resoluções propostas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que se dão a partir de pareceres técnicos que foram elaborados e propostos desde 2005, conforme sistematizado a seguir pelo Portal do Ministério da Educação (MEC)²², resultando em três resoluções, sendo elas: a resolução CNE/CES nº 6, de 2 de fevereiro de 2006, que **institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo** e dá outras providências; a resolução CNE/

22 A ordem, sequência e descrição foram retiradas diretamente do site oficial do MEC e podem ser acessadas em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12991-diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>.

CES nº 2, de 17 de junho de 2010, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, **alterando dispositivos da Resolução CNE/CES nº 6/2006**; e a resolução CNE/CES nº 1, de 26 de março de 2021, que altera o Art. 9º, § 1º da Resolução CNE/CES 2/2019 e o Art. 6º, § 1º da Resolução CNE/CES 2/2010 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo.

Após a leitura completa do documento referente ao último Parecer CNE/CES nº 454/2024, aprovado em 2 de agosto de 2024, onde constam todas as DCN atualizadas, constatou-se que não seria nem produtivo e nem relevante trazer integralmente todos os artigos e diretrizes presentes no referido documento. Desta forma, a partir de agora analisaremos os artigos que demonstraram ser relevantes para a discussão aqui pretendida.

Os artigos referentes às disposições preliminares buscam reforçar, ratificar e cancelar a presente Resolução como o documento oficial que deverá balizar os cursos de Arquitetura e Urbanismo no território nacional. Além disso, destacam a importância dos profissionais arquitetos e urbanistas frente à qualidade socioambiental da Arquitetura, do Urbanismo, dos espaços construídos, da organização do território, das paisagens e, assim, das condições de habitabilidade.

Considerando que para este livro, compreender como embricam-se currículo oficial e Currículo Algorítmico em Arquitetura consiste em algo importante, e tendo em vista também que, além disso, é relevante e produtivo compreender os possíveis perfis profissionais possibilitados por cada um desses currículos a partir do que eles têm oferecido, foram selecionadas, especificamente, as seções I e II do capítulo II da referida Resolução como objeto de análise. A seção I do capítulo II se refere ao perfil, às competências e às habilidades dos egressos e tem início a partir do Art. 9º que diz:

Art. 9º O curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo tem como objetivo a formação do arquiteto e urbanista com habilitação única, **apto para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino da Arquitetura**, do Urbanismo e da Arquitetura da Paisagem nas suas diversas áreas, nos seus diferentes níveis de complexidade e como área de conhecimento próprio (Brasil, 2024, p. 3, grifos meus).

Será que o Currículo Algorítmico em Arquitetura também possibilita essas aptidões?

Art. 10. O curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo deve assegurar uma formação científica, artística, ética, política, generalista, humanista, crítica, reflexiva, democrática e laica, embasada nos Direitos Humanos e na responsabilidade técnica e social, contribuindo para a formação integral dos estudantes, para a atuação profissional e para a cidadania, por meio do aprimoramento das

inteligências cognitiva, emocional e social, da estreita relação entre teoria e prática e da vivência de diversas realidades (Brasil, 2024, p. 3, grifos meus).

O Currículo Algorítmico em Arquitetura assegura tais formações?

O Art. 11º da Resolução apresenta dezenove incisos e busca estabelecer ações pedagógicas que visem o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, competências e atitudes com responsabilidade técnica, artística ambiental e social. Dentre os dezenove incisos, os incisos I, II, III, VII, X e XIX visam o desenvolvimento de conhecimentos quanto aos aspectos filosóficos, antropológicos, históricos, sociológicos, geográficos e econômicos do ambiente natural e construído; da história das artes, da estética e das diversas manifestações artísticas que são, de alguma forma, capazes de influenciar a prática da Arquitetura, do Urbanismo e da Arquitetura da Paisagem; de teorias e de história da Arquitetura, do Urbanismo e da Arquitetura da Paisagem; de conhecimentos especializados para elaboração de estudos de viabilidade técnica, econômica e socioambiental; de técnicas e sistemas construtivos, de instalações e equipamentos prediais, de gestão e organização de obras e canteiros e de tecnologias de informação (Brasil, 2024).

Os incisos IV, VIII e XV versam sobre o desenvolvimento de habilidades e competências para o desenho e expressão

tridimensional, o domínio da geometria e de outros meios de expressão e representação; para conceber projetos e executar obras de Arquitetura, Urbanismo e Arquitetura da Paisagem em todas as suas escalas; e para elaborar, executar e interpretar estudos topográficos com os recursos de geoprocessamento (Brasil, 2024).

Por fim, os incisos V, VI, IX, XI, XII, XIII, XVII e XVIII visam o desenvolvimento do domínio e da compreensão listados a seguir: dos instrumentais de informática para tratamento e modelagem da informação de projeto aplicados à Arquitetura, ao Urbanismo e à Arquitetura da Paisagem; das questões que envolvem o projeto e o planejamento da paisagem de maneira multiescalar e da avaliação dos impactos e potencialidades socioambientais com vistas ao desenvolvimento sustentável, à preservação, conservação, e recuperação ambiental e à garantia à vida; dos sistemas estruturais e o domínio do projeto estrutural para conceber e elaborar projetos e executar obras de Arquitetura, de Urbanismo e de Arquitetura da Paisagem; das variáveis bioclimáticas e das demandas de habitabilidade e conforto humano e o domínio das técnicas geradoras de eficácia térmica, acústica, lumínica e energética para aplicação em projetos de Arquitetura, de Urbanismo e de Arquitetura da Paisagem.

Além disso, visam também o desenvolvimento do domínio e da compreensão de: metodologias, técnicas e tecnologias referentes ao patrimônio cultural para a preservação, conservação, restauração, reconstrução, reabilitação, revalorização, requalificação e reutilização de edifícios, conjuntos edificados, conjuntos paisagísticos, sítios urbanos, cidades e regiões; de metodologias e técnicas de pesquisa para compreensão, análise e proposição em Arquitetura, Urbanismo e Arquitetura da Paisagem; de metodologias e técnicas e os conhecimentos específicos para planejar, gerir, coordenar e executar obras de Arquitetura, de Urbanismo e de Arquitetura da Paisagem; e de metodologias e técnicas para elaborar relatórios e pareceres técnicos nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e Arquitetura da Paisagem (Brasil, 2024).

Como foi possível observar até aqui, as DCN dos cursos de Arquitetura e Urbanismo especificam grande número de recomendações, orientações e deveres. Com a finalidade de evitar equívocos de leitura e interpretação das DCN, bem como de proporcionar uma visualização mais clara, os Art. 12º, 13º e 14º foram organizados e sintetizados no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 – Síntese das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquitetura e Urbanismo

QUADRO SÍNTESE DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DOS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
ARTIGO	CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICAÇÕES
Artigo 12º O perfil do egresso em Arquitetura e Urbanismo deve compreender as seguintes características:	I – Ter visão holística e humanista, ser crítico, reflexivo, criativo, cooperativo e ético e com forte formação técnica; II – Estar apto a pesquisar, desenvolver, adaptar e utilizar novas tecnologias, com atuação inovadora e empreendedora; III – ser capaz de reconhecer as necessidades dos usuários, formular, analisar e resolver, de forma criativa, os problemas de Arquitetura, de Urbanismo e da Arquitetura da Paisagem; IV – Adotar perspectivas interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares em sua prática; V – Considerar os aspectos globais, políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e de segurança e saúde no trabalho; VI – Atuar com isenção e comprometimento com a responsabilidade social e com o desenvolvimento sustentável; VII – Comunicar-se eficazmente nas formas escrita, oral e gráfica, dominar as linguagens e a comunicação digitais, e ser capaz de expressar-se adequadamente, seja na língua pátria ou em idioma diferente do Português, inclusive por meio do uso consistente das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação–TDIC, mantendo-se sempre atualizado em termos de métodos e tecnologias disponíveis; VIII – trabalhar e liderar equipes multidisciplinares [...]; IX – Conhecer e aplicar com ética a legislação e os atos normativos no âmbito do exercício da profissão [...] (Brasil, 2024, p. 5-6).

QUADRO SÍNTESE DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DOS CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
ARTIGO	CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICAÇÕES
Artigo 13º Define os princípios que baseiam os conteúdos curriculares dos cursos de Arquitetura e Urbanismo:	I – Respeito aos direitos humanos e sociais; II – Valorização da qualidade de vida dos habitantes dos assentamentos humanos e da qualidade material do ambiente construído, suas condições de habitabilidade, manutenção e durabilidade; III – Uso responsável da tecnologia incorporando necessidades sociais, culturais, estéticas, econômicas, ambientais e de segurança dos espaços e das comunidades; IV – Busca da sustentabilidade social, cultural e econômica do ambiente construído e natural, a partir da compreensão do papel central das formas de ocupação do território e da exploração dos recursos naturais no comprometimento da viabilidade da vida no planeta; V – Valorização e preservação da Arquitetura, do urbanismo e da paisagem como responsabilidade e heranças coletivas; e VI – Valorização e respeito ao pluralismo e à diversidade cultural (Brasil, 2024, p. 9).

QUADRO SÍNTESE DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
ARTIGO	CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICAÇÕES
Artigo 14º Define os conteúdos curriculares obrigatórios, que devem estar organizados em dois núcleos. Recomendando-se sua interpenetrabilidade e as possibilidades de incorporação de tecnologias e inovações inerentes ao desenvolvimento do campo profissional:	I – Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação, composto por campos do saber que forneçam o necessário embasamento para o desenvolvimento do espírito crítico e criativo, assim integrado: a) Artes, Estética e História das Artes, Estudos Sociais e Econômicos, Filosofia e Antropologia Cultural, Desenho e meios de expressão e representação; b) Informática aplicada à Arquitetura, ao Urbanismo e à Arquitetura da Paisagem, Processos e Ferramentas de Modelagem Digital e Física; c) Instalações prediais; e d) Estudos das relações entre ambiente e comportamento.
	II – Núcleo de Conhecimentos Profissionais, composto por campos do saber destinados à caracterização da identidade profissional do arquiteto e urbanista, assim constituído: a) Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e da Arquitetura da Paisagem; e b) Projetos de: Arquitetura, Arquitetura de Interiores, Urbanismo, Arquitetura da Paisagem, Planejamento Urbano, Regional e Metropolitano; Planos e Projetos Ambientais e da Paisagem; Soluções baseadas na natureza; Infraestrutura Urbana; Infraestrutura verde e azul; Mobilidade Urbana; Acessibilidade e Desenho Universal; Tecnologia da Construção; Instalações Prediais; Gestão de Obras; Sistemas Estruturais; Conforto Ambiental; Desempenho e Segurança das Edificações; Desenho Universal; Teoria, Projeto e Técnicas de Restauro e Conservação do Patrimônio Cultural Edificado; Projetos e Produção de Habitação de Interesse Social e Assessoria Técnica; Topografia; Gestão de Projetos, Processos e Técnicas em Arquitetura e Urbanismo; Ética e Prática Profissional.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

As características, especificações e disciplinas, apresentadas no quadro acima, servirão, juntamente com os dois primeiros quadros, como referências e parâmetros diante da análise que será tecida a partir de agora. Mais uma vez convido a todos e todas a navegar em *posts* e anúncios publicados no Instagram. Preparem seus celulares, apontem as câmeras e CUIDADO com o clique em “saiba mais”!

Figura 41 – Um guia para saber projetar sem errar



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo uma mão feminina, com pulseiras no braço, que folheia um livro. No vídeo, uma voz feminina narra que aquele livro contém uma metodologia que garante a capacidade de projetar sem errar. Segundo ela, o livro é um guia passo a passo para se desenvolver qualquer projeto. Termina com a arquiteta entrando em cena, mulher, branca, loira, vestindo casaco preto, convidando “para clicar em saiba mais”.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

Sem contexto, sem história, sem tipo, sem sítio. Estes são os parâmetros que falam do arquiteto ou da arquiteta demandados por um vídeo que promete uma metodologia para fazer qualquer projeto sem errar. Trata-se de um vídeo em que se oferece um guia que foi produzido e desenvolvido após muitos anos e muitos projetos, segundo sua narradora. E esse guia, então, seria o instrumento universal capaz de fazer um arquiteto ou uma arquiteta conseguir projetar sem errar e, por outro lado, sem fazer qualquer menção a detalhes de contexto, detalhes de história, detalhes de função, detalhes de autonomia. Logo, se o vídeo fala do mais novo lançamento do Clube ArqExpress, poderíamos dizer que esse lançamento se trata, precisamente, de um produto que está sendo disponibilizado e demandado, não o produto guia, mas o produto arquiteto, que a gente poderia chamar de arquiteto universal. É importante frisar que esse arquiteto ou arquiteto universal difere do arquiteto generalista, que é aquele tipo de sujeito da Arquitetura que é demandado, por exemplo, pelas diretrizes curriculares nacionais de Arquitetura e Urbanismo. Isto porque o arquiteto ou arquiteta generalista, dentre tantas atribuições, vem acompanhado de outros atributos, como formação científica, artística, ética e política. Enquanto o arquiteto ou arquiteta universal, demandado, disponibilizado e produzido com o auxílio desse vídeo do clube ArqExpress, não é um

arquiteto ou uma arquiteta que toma esses atributos como eixos da sua constituição. O atributo, por excelência, que está em cena no vídeo é, tão somente, saber comprar e usar um guia que foi produzido para fazer um arquiteto projetar sem errar do começo até o fim da obra.

Figura 42 – Imagens criadas em segundos por IA



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo uma mão masculina apontando para uma tela de computador que mostra o desenho de um projeto de uma implantação de um condomínio com lotes e quadras. Depois, ao deslizar uma linha vertical presente na tela, o desenho, com uso de inteligência artificial, transforma-se rapidamente em uma imagem tipo fotográfica. Este vídeo é narrado por um arquiteto e na tela aparece legenda simultânea e o ícone “saiba mais”.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

Em pouco mais de quarenta segundos, um vídeo que se dedica a facilitar o trabalho do arquiteto traz um grande problema para a Arquitetura. É que, ao se basear no festejo do uso da inteligência artificial, tem-se o desenho de uma

implantação de um condomínio, ou do que parece ser um condomínio de casas, em que há uma noção problemática tanto de implementação quanto do que seria o objeto da Arquitetura. Referente à noção de implantação há uma transmutação, uma ressignificação do que seria implantar um condomínio, quando o vídeo sugere que a implantação do condomínio feita sem inteligência artificial é uma implantação simples. Mas, mais que isso, a publicação fala que aquela intervenção que seria oriunda da implantação arquitetada pela inteligência artificial, de tão sofisticada, sequer teria o nome de implantação e, muito menos, de “implantação simples”, o vídeo chama de “eu entrego isso aqui”. Esse “isso aqui” dá um ar de mistério ao que seria o efeito do projetar em Arquitetura com auxílio da IA — este é um primeiro problema. Mas o segundo problema, talvez maior, é o que, com este vídeo, há uma retomada da noção de tecnologia como elemento para utopia do arquiteto ou da arquiteta. Mahfuz (1986) fala sobre isso como algo que seria retomado pela teoria autônoma de Arquitetura, mas, na verdade, aqui a Arquitetura se depara tanto com o problema da retomada dessa noção de tecnologia como meio para utopia, quanto com o problema da simples funcionalidade como foco da prática do arquiteto.

Figura 43 – O prédio que se move



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa com um engenheiro, homem, branco, barba curta, vestindo uma camiseta preta, passeando por uma rua de Nova York, onde ele encontra e apresenta o edifício chamado Boomerang, um prédio capaz de se mover e expandir sua área. O vídeo conta com legenda simultânea e o tempo todo vai intercalando aparições do engenheiro, que passeia pela rua, e imagens e animações ilustrativas de como funciona o prédio.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

Se no vídeo anterior nós tínhamos a figura do arquiteto deslumbrado com a inteligência artificial, neste vídeo demanda-se de nós a posição do arquiteto deslumbrado com a polifuncionalidade pós-moderna de um edifício. Um edifício que desliza, um edifício que, por abrigar uma companhia de arte sem fins lucrativos, se move e desliza, a depender da função que tenha. Neste caso, tem o propósito de abrigar funções tradicionais ou mover-se em direção a uma nova função e incorporar na sua forma um galpão adicional. Todo o foco do vídeo está na funcionalidade do

edifício, na descrição da sua altura, dos componentes, dos elementos químicos que compõem os materiais construtivos e, ainda, do contexto da vizinhança do edifício. Essa contextualização se dá quando o vídeo leva em consideração que a edificação está ao lado de um outro prédio, cujo nome remete a uma finalidade: “vessel”, que significa vaso. Então, trata-se de um arquiteto que, encantado com a “cidade sonho”, a “cidade que não dorme”, a “cidade que não para”, que é Nova York, se encanta e demanda pessoas igualmente encantadas com edifício ou edifícios que mudem de formato, de posição e, portanto, de função.

Figura 44 – Aprenda a fazer a Casa Pequii



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo imagens de desenhos e perspectivas realísticas de um projeto chamado “casa pequii”. Ele é narrado por uma arquiteta que oferece um curso de como projetar essa casa em apenas 4 dias. Enquanto fala sobre o que será ensinado no curso, imagens deslizam da direita para a esquerda exibindo antes e depois de desenhos renderizados em fotografias. Ao longo do vídeo, encontra-se em tela o ícone “saiba mais”.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

Ao longo dos anos, em termos de Teoria e História da Arquitetura, tem sido usual reconhecer teorias de Arquitetura como divididas em torno das questões de funcionalidade, autonomia e contextualidade. Deste entendimento vem o reconhecimento das possibilidades de uma Arquitetura funcional, monofuncional, polifuncional, autônoma e contextual. Todas essas classificações giram em torno da problematização do objeto, do conteúdo da Arquitetura, da matéria-prima da prática do profissional de Arquitetura. Contudo, de acordo com o vídeo, toda essa discussão não é o que mais importa. Em se tratando de saberes e fazeres dos futuros profissionais ou dos profissionais já formados em Arquitetura e Urbanismo, não mais o conteúdo e o objeto são importantes, mas, sim, a produtividade e a forma de apresentação do produto do trabalho do arquiteto, ou seja, do produto e não do processo.

Mais importante do que saber situar aquilo que as diferentes teorias e correntes de Arquitetura têm colocado como problema em relação à matéria-prima e ao produto, além do próprio processo de arquitetar, o que esse vídeo coloca e elege como importante para ser considerado como projeto é que ele seja dinâmico e prático. Para o vídeo, isso só seria possível com o uso do Revit, com o uso do Lumion, com um processo de trabalho chamado “*workflow*”. Isso faz o vídeo evidenciar

suas próprias artimanhas, no sentido do convencimento de que esse é um tipo de arquiteto supostamente distinto e mais sofisticado. Desta forma, seria um arquiteto capaz de aprender a desenhar uma casa pequi em quatro aulas gratuitas. Dentro de um processo de “*workflow*” pautado na produtividade e em uma outra forma de apresentação, uma forma de apresentação que seria capaz de fazer o trabalho do arquiteto ganhar diferenciais. Só que nesse *workflow* pautado em praticidade, agilidade e produtividade se explique que, ao final do vídeo, tenham escrito casa “Pique” no lugar de casa “Pequi”.

Por mais produtivo, prático e ágil que seja o arquiteto *workflow* da produtividade, apesar de ter todos esses atributos e de ser significado como um profissional com diferenciais positivos, tal profissional não possui, em contrapartida, atributos e habilidades que estão previstos nas diretrizes, ou seja, não possui atributos e habilidades como aqueles que asseguram uma formação científica, artística, ética, política, generalista, humanista e crítica que levaria à cidadania. Ou seja, enquanto o arquiteto *workflow* da produtividade pode trabalhar menos e faturar mais, tendo isso como o horizonte da sua prática profissional (segundo vídeo), por outro lado, apesar de poder conseguir essa produtividade, esse faturamento, ele não estará em sintonia como um atributo fundamental

posto pelo currículo de Arquitetura e Urbanismo, que é ser um profissional voltado à cidadania, um profissional que tem a cidadania como seu horizonte.

Figura 45 – Nem toda casa é abrigo



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo mãos masculinas que abrem e folheiam um livro de Arquitetura. Na tela encontra-se a seguinte frase: “todas as casas oferecem abrigos, mas nem todos os abrigos são casas”, do livro Como Criar em Arquitetura. O vídeo é narrado por um arquiteto que oferece seus serviços com o diferencial de, segundo ele, não serem projetos superficiais, genéricos ou de gostos estéticos duvidosos.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

Projetos superficiais, abrigos genéricos e mau gosto estético são os problemas que são tomados como ponto de partida neste vídeo curto. O vídeo pretende ser efetivo em torno da seguinte mensagem: “todas as casas oferecem abrigos, mas nem todos os abrigos são casas”. Apesar de aparentemente inovador, sensível, vanguardista e contemporâneo, o vídeo trata de um conceito e de uma

ideia de projeto que mais se associam à visão polifuncional em Arquitetura. A visão polifuncional em Arquitetura é aquela que critica a visão monofuncional, em que há uma determinação formal em relação ao projeto e seu objeto, e onde há também uma visão essencialmente e exclusivamente pragmática em relação a projetar uma casa. Já na visão polifuncional, para além dos propósitos imediatos, consideram-se os propósitos históricos, os propósitos sociais e, além disso, a própria singularidade de quem vai habitar ali. Logo, quando esse vídeo parte da crítica de que todas as casas oferecem abrigo, mas nem todos os abrigos são casas, demanda uma posição do profissional de Arquitetura que, embora aparentemente sensível e conectada ao contexto, não passa de uma retomada da visão polifuncional em Arquitetura.

Figura 46 – Apartamento DUO



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa ao som de uma música instrumental estilo bossa nova e exibe, como em um passeio, um apartamento reformado e decorado. Na sequência,

o arquiteto autor do projeto, homem, branco, vestindo uma camisa branca, aparece de costas abrindo uma cortina. Depois, seu cliente aparece tocando um violão e, em seguida, novamente o arquiteto entra em cena passeando pela cozinha como que fiscalizando o resultado.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

O que pode acontecer quando o enunciado “uma imagem vale mais que mil palavras” se encontra com um vídeo no Instagram de um perfil de arquiteto? Estamos diante de um vídeo, de quarenta e um segundos, em que um suposto profissional de Arquitetura caminha elegantemente por um apartamento chamado “Duo”. Finalmente decorado com formas e cores sóbrias e contemporâneas, o arquiteto observa a sua obra passeando tranquilamente, vestido de branco e abrindo-a para um horizonte verde rodeado de prédios. O vídeo representa o arquiteto como um profissional tranquilo e descolado, já que esse mesmo profissional aparece em uma cena dedilhando um violão, enquanto parece “curtir” aquilo, pelo qual passeia, que seria o resultado de sua obra. Se no vídeo não está em cena uma monofuncionalidade do projeto arquitetônico, também não está sugerido que haveria uma polifuncionalidade, no sentido dos propósitos históricos e dos propósitos sociais, no sentido do coletivo. Há um horizonte individual e o propósito imediato de “curtir” o espaço por si só. Haveria de

se perguntar se o vídeo estaria demandando um profissional de Arquitetura cuja ação de projetar estaria pautada na autonomia, na noção/teoria de Arquitetura autônoma. Contudo, não fica muito claro se as formas, as relações formais e os métodos compositivos presentes nessa cena são efetivamente elementos que remetem a diferentes escolas e correntes e estariam dando juntos uma originalidade e singularidade a essa obra.

Parece que estamos diante de um vídeo bastante complexo, uma vez que a demanda pelo profissional de Arquitetura que está em cena não seria pelo profissional pautado nem na nonofuncionalidade e nem na autonomia, uma vez que na Arquitetura autônoma há uma noção clássica da relação entre tipos e cidade, e nesse vídeo a cidade é um mero adereço. No vídeo, tudo se passa como se o apartamento e seu conforto e beleza se bastassem por si só. O que nos remeteria a uma última saída: se não é monofuncional, nem é contextual, seria, então, o arquiteto demandado por esse vídeo o polifuncional? Parece-me que não poderia ser polifuncional, uma vez que os propósitos históricos, os propósitos sociais, que vão além dos cânones funcionais e de uma relação imediata entre forma e função, também não estão presentes aqui. Restaria imaginar um nome e um tipo de arquiteto que emergiria de um vídeo pautado em privilegiar somente a dimensão individual,

ainda que ela não seja monofuncional. O arquiteto da luxúria seria aquele profissional demandado por um vídeo no qual, embora o indivíduo esteja associado a mais de uma dimensão (nesse caso conforto e beleza), não é capaz de projetar polifuncionalmente. Então, indivíduo multifacetado, dentro do paradigma da luxúria, mas incapaz de pensar as várias facetas individuais dentro de um contexto mais amplo, social, econômico e político.

Figura 47 – Como saber “o vento dominante”



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa com um arquiteto, homem, pardo, vestindo uma regata branca, falando com seu público sobre como encontrar informações sobre a direção predominante dos ventos de uma determinada cidade. Na sequência, para apresentar o site onde se encontram tais informações, a imagem do arquiteto se reduz em uma janela no canto superior direito do vídeo. O vídeo conta com música de fundo, legenda e exibe figurinhas.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

Ninguém negaria que pensar em estratégias bioclimáticas para um projeto seria importante. Afinal, o conhecimento sobre o conforto térmico, sobre a capacidade de compreender e de traduzir as necessidades de indivíduos está previsto nas diretrizes curriculares. Além disso, o uso de tecnologia para aproximar-se de necessidades sociais, culturais, estéticas e econômicas das comunidades também está previsto. No entanto, o foco desse vídeo está no uso de tecnologia a respeito de necessidades projetuais de um indivíduo e não de uma coletividade.

Estratégias bioclimáticas e conforto ambiental associados a tecnologias construtivas e a tipos de projeto de Arquitetura, Urbanismo e paisagismo fazem parte do núcleo de conhecimentos profissionais previsto nas diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em Engenharia, Arquitetura e Urbanismo do ano de 2021. Contudo, a partir desse vídeo, esse núcleo de conhecimentos profissionais figura, de forma muito simplificada, no sentido de que bastaria acessar um aplicativo de internet chamado “windfinder” para se conseguir a direção do vento. Além disso, adicionalmente, caso haja um centro meteorológico perto de onde seria executado o projeto, poder ter acesso a outras informações que poderiam complementar essas estratégias bioclimáticas.

Ao contrário do que pode parecer, o problema aqui não é somente o de não ter acesso a essas informações caso o profissional de Arquitetura não more próximo de um centro meteorológico, ou não tenha acesso à internet, ou não possa entrar nesse aplicativo, ou mesmo acessar o perfil do Instagram — “BioArquitetura” — que está divulgando esta solução bioclimática. O problema é que as soluções bioclimáticas estão subsumidas, estão resumidas a um aplicativo que reduz o bioclimático a um aspecto matemático e estatístico, quando, na verdade, outros aspectos precisariam ser considerados, no sentido de fazer valer os núcleos de conhecimentos, capacidades e habilidades profissionais que um profissional arquiteto ou arquiteta precisa compreender e traduzir, em termos de necessidades individuais, sociais e comunitárias. Como se trata aqui de um arquiteto que, ao se deparar com as demandas bioclimáticas de sua atuação profissional, acaba concentrando seus esforços na direção dos ventos e em dados estatísticos sobre essa direção, poderíamos chamar o arquiteto demandado por esse vídeo de arquiteto biruta digital, considerando o seu foco na direção dos ventos.

Figura 48 – Escritório especializado em realizar sonhos



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa com um arquiteto, homem, branco, vestindo camisa branca, calça preta e sapatos sociais, sentado em uma cadeira em um cenário de uma obra em andamento, com andaimes, piso não acabado e tijolos aparentes. Neste vídeo, o arquiteto busca por novos clientes, tentando convencê-los de que seu escritório é especialista em realizar sonhos. O vídeo conta com legenda simultânea e um fundo musical instrumental.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

As credenciais para que um arquiteto possa responder questões cruciais da sua profissão e dos seus clientes, e também produzir conteúdos “legais”, seriam ter formações no exterior e estar figurando no vídeo que se apresenta neste momento. Além da formação no exterior, esse arquiteto precisaria ter um escritório especializado em “realizar sonhos”. É assim que o Currículo Algorítmico apresenta mais um arquiteto risonho, bem-vestido e no cenário de obras, para demandar outros arquitetos e arquitetas que possam pensar igualmente em questões da profissão e dos seus

clientes. Tudo gira em torno de uma questão central, que anuncia e que inicia esse vídeo: “como um arquiteto pode fazer diferença na sua vida?”.

Além dos elementos utilizados no vídeo para enfatizar autoridade (formação no exterior, possuir escritório especializado em realizar sonhos), temos outros aspectos que são entendidos como fundamentais nesse modo de ser arquiteto, quais sejam: acompanhar o cliente desde a concepção do projeto, através da obra até a finalização, colocando a decoração como a cereja do bolo. Ainda assim, não basta acompanhar os clientes do começo ao fim da obra e cuidar da decoração (entendida como a cereja), é necessário um pouco mais e o vídeo já deixa claro que deveria acompanhar um *podcast* e uma série de conteúdos legais. Ou seja, demanda-se que o arquiteto, além de acompanhar todas as fases do projeto, esteja alinhado, antenado e conectado permanentemente com os conteúdos que circulam no Currículo Algorítmico. Tudo se passa como se o arquiteto, que é produto do Currículo Algorítmico, precisasse ser ao mesmo tempo o seu próprio produtor, reativando constantemente a lógica de demanda por um arquiteto instagramável.

Fazer a diferença, ter formação no exterior e possuir um escritório especializado em realizar sonhos são atributos que, embora não estejam previstos nas diretrizes curriculares de Arquitetura, são elementos do Currículo

Algorítmico na forma de valores, capacidades e trajetórias de formação. Disponibiliza-se, demanda-se e produz-se, assim, a figura do arquiteto acompanhante: aquele que não só se constitui acompanhando os clientes, mas que tem como necessidade estar permanentemente acompanhando aquilo que o próprio Currículo Algorítmico disponibiliza como necessidade para sua formação e atuação profissional. Além disso, esse vídeo também demanda a posição de sujeito do arquiteto Morpheus, já que, assim como o Morpheus da mitologia, seu escritório é capaz de realizar sonhos.

Figura 49 – Cada projeto é único, cada cliente é especial



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo um apartamento decorado com vários objetos e mobiliários exclusivos. O vídeo é narrado por um arquiteto, que não aparece em cena, mas que busca por novos clientes. Ele oferece, como diferencial de seu trabalho, a realização de projetos únicos e personalizados, pensados a partir dos desejos e da personalidade de cada cliente. Ao longo de todo o vídeo é realizado um tipo de passeio pelo apartamento.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

O arquiteto onírico se faz presente mais uma vez a partir de um outro vídeo patrocinado, cujo nome de perfil remete à ênfase da Arquitetura no aspecto dos interiores do projeto. O arquiteto onírico aqui disponibilizado e demandado é alguém extremamente atento aos gostos, desejos e necessidade dos seus clientes e que, assim, seria capaz de concretizar os sonhos dos seus clientes a partir do seu trabalho, demandando-se ao mesmo tempo o arquiteto Morpheus. É óbvio que os profissionais de Arquitetura na cultura contemporânea não são os únicos que são demandados como profissionais dos sonhos. Há outras diferentes profissões que igualmente têm sido produzidas como profissões que envolvem a dimensão onírica da existência humana. Segundo esse vídeo, o que torna o trabalho do arquiteto e arquiteta ainda mais especial seria precisamente focar na dimensão onírica da existência humana e traduzir isso através dos projetos de Arquitetura. Não deixa de ser curioso, entretanto, que os currículos oficiais de Arquitetura ressaltem a importância de se compreender as necessidades de clientes e de indivíduos. Contudo, em nenhum momento o profissional de Arquitetura, nesses currículos oficiais, tem sido posto explicitamente como alguém que deve necessariamente ter conhecimento e domínio a respeito da psique humana.

Figura 50 – *Pack* de documentos de sucesso

Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo uma arquiteta, mulher, branca, cabelos castanhos, vestindo blusa preta, encenando uma profissional preocupada e desorganizada, que leva as mãos à boca e à cabeça. Em seguida, exibe-se uma série de ícones de arquivos e pasta na tela de um computador, que são vendidos pelo vídeo como documentos de sucesso. O vídeo conta com narração e centralizado no canto inferior há um ícone “saiba mais”.

Fonte: Anúncio via Instagram (2023).

Há situações em que a atuação do profissional de Arquitetura demanda capacidades, habilidades e competências bem mais modestas, nas quais o sinônimo de sucesso se restringe, simplificada e, a ter um pacote de documentos. Isto é o que se pode aprender com um vídeo de perfil de uma arquiteta que ensina e que se coloca na posição de ensinante. O anúncio patrocinado, em um vídeo de apenas 25 segundos, coloca, ficcionalmente, a situação de uma arquiteta denominada Renata, que é representada como profissional desorganizada e que tem dificuldade

de achar os documentos relacionados ao seu trabalho. Na sequência, o vídeo oferece um *pack* de documentos que, além de organizar a vida de Renata e dos arquitetos que assistiam ao vídeo, promete a conquista do sucesso a partir dessa dimensão de organização.

É curioso observar que não apenas neste vídeo, mas sobretudo nele, há uma ideia de sucesso reduzida à dimensão individual, que vai se repetindo ao longo de outros vídeos e de profissionais, de sujeitos de Arquitetura aqui demandados. Trata-se de uma posição de sujeito de Arquitetura que, calcada na dimensão exclusivamente individual, faz esquecer uma série de outros atributos previstos, por exemplo, na teoria e na história da Arquitetura, mas também nas próprias diretrizes curriculares. Portanto, faz esquecer do próprio currículo oficial, sendo esse currículo aquele que possibilita a aptidão de estudantes de Arquitetura à compreensão e à tradução das necessidades não só de indivíduos, mas de grupos sociais e de comunidades. Além disso, o currículo oficial tem importância não apenas em relação à concepção de projetos e de espaços, mas também em relação à organização e à construção, abrangendo diversas facetas da atuação profissional. Então, o conhecimento de aspectos antropológicos, sociológicos e econômicos, tão difundido ao longo dos anos nas diretrizes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, some para

dar lugar a um tipo de conhecimento que é sobretudo ergonômico, ou seja, um conhecimento restrito à organização do fazer cotidiano desse profissional. Não deixa de ser curioso, também, que a personagem fictícia criada para convencer a audiência do vídeo sobre a necessidade de organização seja uma mulher e não um homem. Esta escolha contraria um clichê de gênero que costuma circular, no sentido de fazer acreditar que homens são mais desorganizados que mulheres e que mulheres seriam necessariamente mais organizadas do que homens. Esse vídeo subverte esta noção, muito embora no sentido de restringir a possibilidade de significação do que seria uma profissional ou um profissional de sucesso em Arquitetura.

Figura 51 – Tudo foi criado pela IA



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo um homem, branco, vestindo camiseta preta e calça jeans, com tatuagens nos braços, sentado. Esse homem fala que sua imagem e sua voz foram criadas artificialmente com o uso de IA. O vídeo busca argumentar que a Engenharia Civil não pode ficar fora de uma possível revolução possibilitada pelo uso da

Inteligência Artificial. O vídeo conta com legenda e exibe no centro da tela o ícone “saiba mais”.

Fonte: *Post via Instagram (2024).*

Antes de se atingir um novo patamar arquitetônico seria preciso forjar um profissional com esse cenário, supostamente aguardado, esperado, festejado e necessário. É assim que um vídeo também patrocinado, com o título de um suposto arquiteto chamado “Felipe Savace”, faz uso da inteligência artificial para convencer as pessoas a se prepararem para um novo patamar em Arquitetura. O vídeo traz, como ele mesmo explicita, texto, voz, personagem e nome inventados por inteligência artificial. Tudo isso para chamar a atenção das pessoas para um evento on-line e gratuito que promete falar da revolução em curso no ramo profissional da Arquitetura e para reforçar o significado de “revolução arquitetônica” como sinônimo de uso exaustivo e extensivo de tecnologia.

O arquiteto revolucionário, o arquiteto que está dentro dessa revolução, portanto, é aquele que não fica fora de uma revolução “assim”, ou seja, é o arquiteto ou arquiteta que está completamente impregnado, verbo e carne, de inteligência artificial, segundo se demanda e se disponibiliza a partir desse vídeo. Logo, se por um lado os documentos oficiais relacionados à construção de currículos

dos cursos de formação de Arquitetura demandam perfil que condensaria uma série de características ligadas à visão holística, humanista, crítica, reflexiva, criativa e adaptativa às múltiplas necessidades de múltiplos usuários, perspectivas interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares atentas a aspectos de diferentes escalas, do micro ao macro, do local ao global; por outro lado, tudo isso ficaria secundário diante do entendimento do que seria revolucionar em Arquitetura e ter um perfil revolucionário: bastaria ser o profissional da revolução tecnológica. O arquiteto ou arquiteta revolucionário(a) demandado por esse Currículo Algorítmico é um tipo de sujeito que, embora aparentemente bem mais sofisticado, é um profissional com perfil bem mais simples, no sentido de requerer a ênfase somente em uma dimensão da existência humana, qual seja, a inteligência artificial que domina a cultura contemporânea.

Figura 52 – Um novo patamar na Arquitetura



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo um homem, branco, vestindo camiseta preta, segurando uma

caneca branca de café, encenando um diálogo fictício, no qual fica surpreso de alguém ainda usar o AutoCAD. A tela do vídeo é dividida em duas: a superior, onde aparece o arquiteto, e a inferior, onde são exibidas imagens de projetos em Revit. O vídeo conta com legenda e o ícone “saiba mais” e busca mostrar as vantagens de usar o programa Revit.

Fonte: *Post* via Instagram (2024).

Ao longo dos anos as diferentes diretrizes curriculares que orientam o pensar e o fazer dos cursos de Arquitetura têm estabelecido uma série de princípios que guiam a construção de competências, habilidades e conhecimentos na formação inicial (e quem sabe continuada) dos profissionais de Arquitetura. Tais diretrizes são norteadoras de princípios que primam pela qualidade de vida dos habitantes em diferentes formas e tipos de assentamentos humanos e pelo uso de tecnologias com atenção às necessidades sociais, culturais, estéticas e econômicas de grupos e comunidades, enquanto presumem o equilíbrio ecológico e o desenvolvimento sustentável a partir da prática profissional dos arquitetos, e uma valorização e preservação da Arquitetura, do Urbanismo, da paisagem e do patrimônio.

Nos dias de hoje há uma forte concorrente contra esses princípios, pois, sobretudo neste vídeo, o horizonte a ser supostamente almejado pelos profissionais de

Arquitetura não mais seria o horizonte dos princípios pautados no social, na coletividade e no bem-estar em prol de uma nova forma de fazer Arquitetura. Aqui, neste vídeo, os ideais de profissionais de Arquitetura estão pautados em produtividade, segurança, sucesso e faturamento.

O Currículo Algorítmico, neste vídeo, quer ensinar partindo de uma péssima notícia dada por um arquiteto de um perfil patrocinado. A péssima notícia seria a de que se a pessoa está, como profissional de Arquitetura, projetando apenas com a AutoCAD, está deixando de lado três coisas que seriam muito importantes para esse fazer: ter produtividade, segurança e faturamento. A ausência de produtividade, segurança e faturamento são significadas como indícios de um profissional ou de uma profissional de Arquitetura cansados de trabalhar e de faturar pouco. O “trabalhar, trabalhar e não sair do lugar” seria efeito profissional e de vida de um arquiteto ou de um arquiteta que não esteja antenado com os princípios e valores que o vídeo disponibiliza.

Caso o profissional ou a profissional de Arquitetura opte por esse horizonte, que está sendo sugerido e demandado pelo Currículo Algorítmico, aí sim vai alcançar o que o vídeo chama de um novo patamar da Arquitetura. Esse novo patamar teria como evidências muita produtividade, autorreconhecimento e grande faturamento. Seria então

um contraponto e um eixo de força de um currículo que não opera segundo os mesmos princípios do currículo oficialmente posto para os cursos de Arquitetura.

Figura 53 – Uma maneira eficiente e eficaz de otimizar seu tempo



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa exibindo uma vista superior de uma mesa onde estão dispostas duas canetas marcadoras, uma régua, amostras de cerâmica e de papel de parede e uma paleta de tintas. Além disso, exibe-se mãos femininas que folheiam uma sequência de páginas de um projeto. O vídeo busca vender um *template* de projeto para o SketchUp capaz de otimizar seu tempo. O vídeo conta com fundo musical e com legenda simultânea.

Fonte: *Post* via Instagram (2023).

Utilizar o tempo para gastá-lo fazendo cliques parece ser a meta de vida disponibilizada e demandada por este vídeo. Fazer uso eficiente do tempo e aprimorar projetos são colocados, neste vídeo, como necessidades de atuação de um profissional de Arquitetura. No vídeo são significadas como necessidades, porque são postas

como elementos centrais de uma demanda, que começa por um questionamento como forma de captura da audiência. Eficácia, eficiência do tempo e qualidade de projeto são coisas alcançáveis pelo uso de um protocolo de projetos feitos no SketchUp. Dada a altura de uma prática profissional sem contrapontos, sem ineficiência, sem ineficácia, sem tempo e sem problemas com a construção do projeto, aquilo que esse vídeo disponibiliza como horizonte e objeto de desejo de um profissional termina por conflitar com um perfil de arquiteto/a que vem sendo historicamente demandado nas diferentes diretrizes curriculares.

Quando promete uma prática profissional sem contratempos quanto ao uso do tempo e a possibilidade de sucesso, o vídeo está significando o profissional como uma questão de acessar um pacote de projetos feitos no SketchUp. Desta forma, coloca a prática no domínio de uma solução fácil ou como algo dependente de uma solução dada por essa tecnologia. Quando o que se demanda através das Diretrizes, com o passar dos anos, é que o profissional de Arquitetura tenha uma sólida formação generalista, capaz de abarcar diferentes dimensões e problemas da sua atuação profissional. Se a prática profissional é assim, se ela tem essa complexidade, dificilmente seria resolvível ou solucionada com o simples uso de um pacote de tecnologia.

Figura 54 – *Template* de AutoCAD

Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa mostrando um computador, um projeto humanizado e uma foto de uma casa com piscina construída, dando a entender a sequência de projeto, execução e resultado. Na sequência, uma série de blocos editáveis de AutoCAD são exibidos: são portas, janelas, hachuras, cotas e mobiliários. A mensagem é toda textual e surge conforme as imagens aparecem. O vídeo conta com fundo musical e com o ícone “saiba mais”.

Fonte: Anúncio via Instagram (2023).

A dimensão humanística em Arquitetura, tão defendida nos currículos oficiais e nas propostas curriculares das escolas de formação e, portanto, nos currículos formais, é uma demanda que atravessa a formação do profissional de Arquitetura ao longo dos anos. Contudo, nem toda demanda humanística parece ser entendida e inteligida da mesma forma. Em um vídeo de trinta e um segundos, voltado para mais uma promessa de atuação profissional de sucesso, “planta humanizada” figura apenas como um dentre vários

aspectos a serem oferecidos por um pacote com arquivos de *templates* de projetos pré-produzidos.

Trata-se de um vídeo que, dentre tantos atributos, oferece *templates* de Autocad, textos, cotas, blocos dinâmicos, plantas com hachuras, simbologias diversas, pranchas diversas, CTB²³ incluso e, dentre tudo isso, uma planta humanizada. E a imagem dessa planta humanizada em nada sugere que se trate de uma planta que leve em consideração todos os conceitos, todos os conhecimentos e todos os valores que podem estar em jogo quando se trata de lidar com o humano. Nesse vídeo, o arquiteto disponibilizado e demandado parece (antes de ser um profissional humanista por excelência) um profissional que é obrigado a acatar o humano como simples atributo a mais do seu fazer profissional. O humano, a humanidade, o humanismo e a humanística parecem ser um mal necessário para que se possa atuar em Arquitetura, dentre tantas outras demandas consideradas “mais importantes” em tempos de arquiteto-minuto, em tempos de teto forjado na tecnologia da IA, dentre outros perfis e posições aqui analisados.

23 CTB é a sigla para Tension, Continuity, and Bias, que significa tensão, continuidade e vieses. São parâmetros que servem para ajustar animações. Ou seja, o que se oferece nesse vídeo é um modelo pré-ajustado de parâmetros.

Figura 55 – Conferência/Rotina x Obra/Entrega



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo é composto por uma sequência de três stories: no primeiro um arquiteto, homem, branco, vestindo uma camiseta branca e uma calça verde, encena a vistoria de uma obra com um mestre de obras; no segundo *story* exibe-se um tour acelerado pela obra acabada de um apartamento; no terceiro mostra-se uma sequência de páginas desse projeto. Este vídeo conta apenas com fundo musical instrumental.

Fonte: *Post via Instagram* (2024).

Aqui é possível ver um outro uso de um profissional de Arquitetura diante do enunciado (já discutido neste livro) “uma imagem vale mais que mil palavras”. Contudo, especificamente neste vídeo de pouco mais de um minuto há uma divisão, uma organização, daquilo que se quer que seja lido a partir de imagens que supostamente valeriam mais que mil palavras. Na divisão do vídeo, um primeiro terço está dedicado a retratar o que seria a conferência e a rotina de conferências da execução de uma obra. No segundo terço do vídeo pode-se ver aquilo que seria a etapa seguinte à rotina de conferências, que seria a etapa em que

a obra estaria na fase de entrega final. No terceiro momento do vídeo, apenas com a legenda “cliente FS”, exibe-se uma representação e uma renderização de um projeto que seria, supostamente, da mesma obra que vinha sendo retratada nos dois terços anteriores do vídeo.

Trata-se, então, de um profissional de Arquitetura do jogo de imagens. Em vez de pressupor que uma só imagem seria suficiente, ser profissional de Arquitetura ou vender-se como de Arquitetura passaria também pela capacidade de representar-se em diferentes jogos de cena dentro de uma mesma obra. Seria, portanto, o arquiteto do jogo de imagens. Quando se está falando no arquiteto do jogo de imagens, não se está fazendo referência, necessariamente, a um bloco de competências e habilidades que vem sendo demarcado para a formação em Arquitetura a partir dos currículos oficiais, em que esse jogo de imagens se daria a partir de habilidade de desenho, de domínio da geometria e de suas aplicações e de expressões e representações sob a forma de perspectivas, modelagens, maquetes, modelos e imagens virtuais. Não, o jogo de imagens aqui não diz respeito ao processo projetual, mas sobretudo, e precisamente, ao jogo de imagens em torno da suposição do que seria, ou deveria ser, um bom profissional de Arquitetura e uma prática profissional considerada vendáveis e conquistadoras de clientes através do Currículo Algorítmico.

Figura 56 – Um cliente que era médico

Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo exibe uma arquiteta, mulher, branca, loira, vestindo casaco branco, usando brincos e anéis dourados, encenando uma conversa em que, não olhando diretamente para a câmera, ela conta um caso de um cliente que era médico e que não gostava de luzes na cor amarela. Essa encenação é usada para falar sobre a importância de se conhecer seus clientes. O vídeo conta com legenda simultânea.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

Pegar todas as características da vida de um cliente é disponibilizado e demandado como uma necessidade formativa e de atuação para arquitetos. Contudo, verifiquei que isso não está presente em nenhum dos currículos oficiais aqui mencionados. Mesmo assim, vem sendo disponibilizado e demandado no Currículo Algorítmico. Em um vídeo de trinta e dois segundos, uma arquiteta fala de uma determinada situação, na qual um médico chega para ela, seu suposto cliente, dizendo que gosta de luz branca em vez de luz amarela. A partir disso, essa arquiteta começa, nas palavras dela, a “investigar”. Ela se

lança, então, a procurar saber por que esse cliente estaria dando esse código/pista do que poderia ser interessante para ela atuar, na condição de arquiteta. Além disso, ela passa, em sua investigação, a descobrir, em primeiro lugar, que ele é médico. Com essa informação, ela desdobra que ele, além de médico, trabalha numa sala de cirurgia. Ela também descobre que, pelo fato desse médico ser alto, ele se sente “num ambiente meio fechado”. É dessa forma que, segundo ela, ela consegue “ir ‘pegando’ todas as características da vida desse cliente”, quais sejam: o que ele faz, quais são as memórias afetivas dele, qual é a sua altura, que preferências ele tem. Tudo isso faria parte da constituição do pensamento de uma arquiteta investigadora. A arquiteta investigadora, contudo, se assemelha, naquilo que é objeto de sua investigação e naquilo que é seu interesse de pesquisa, a uma figura já conhecida nossa, aqui neste livro, que é figura do arquiteto psicólogo, ou seja, aquele perfil profissional que se supõe não apenas habilitado, mas impelido a decifrar a psique humana como elemento necessário à sua boa atuação profissional.

Figura 57 – O caminho para uma nova Arquitetura



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo começa mostrando um arquiteto, homem, jovem, vestindo uma camisa branca e calça jeans, andando por uma edificação sustentável. Na sequência são exibidas cenas de pés pisando barro, de um grupo de pessoas ajudando numa construção, do próprio arquiteto participando de conferências e palestras. O vídeo responsabiliza a colonização portuguesa pela falta de uma Arquitetura genuinamente brasileira e ancestral.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

O Currículo Algorítmico, ao contrário do que parece, não traz somente uma única proposta de inovação, de novo patamar arquitetônico e de profissional pautada apenas na inteligência artificial. É possível se deparar com uma outra proposta que, em alguns momentos, faz as vezes até de contraproposta para esse tal novo patamar da Arquitetura. Trata-se de uma proposta que poderíamos chamar de focada na bioconstrução. A proposta da Arquitetura Bioconstrutiva, de acordo com o vídeo, parte de um problema inicial específico como ponto de partida: o problema de entender

que a colonização nos deixou marcas até hoje, e que essas marcas se fazem ver na Arquitetura e na prática profissional de arquitetos e arquitetas.

Ao reconhecer um atravessamento de colonialidade no conhecimento da Arquitetura e no fazer Arquitetura, o vídeo, através desse currículo, também aponta um caminho, um ponto de partida: o reconhecimento da nossa ancestralidade mediante um procedimento de busca ancestral, que possibilitaria uma reconexão do arquiteto ou da arquiteta com quem ele ou ela “verdadeiramente seria”. A reconexão com a ancestralidade e, portanto, com a verdade ancestral de cada arquiteto e arquiteta, possibilitaria uma outra forma de olhar que culmina na percepção de uma falta de identidade da Arquitetura brasileira, e que vela, portanto, o acesso a uma nova e mais verdadeira identidade para a prática do arquiteto ou da arquiteta. Seria então uma identidade inovadora que emergiria da união de técnicas ancestrais com “a tecnologia que o presente nos oferece”. Essa combinação, entre o ancestral e o tecnológico, é o que daria acesso àquilo que o vídeo chama de “nova Arquitetura”. Essa “nova Arquitetura”, distintamente do novo patamar de Arquitetura, pautado no uso exaustivo e extensivo da IA, seria o que poderíamos denominar de “Arquitetura bioconstrutiva ancestral”, sendo um produto de um arquiteto/a bioconstrutor ancestral.

Figura 58 – Banheiro 100% conectado à natureza



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, uma voz feminina narra a descrição de um banheiro que teria sido criado com o objetivo de contemplar a natureza. Exibe-se um tour pela obra, no qual é possível ver que todo o revestimento do banheiro foi feito com porcelanato cinza e a existência de uma grande janela, do chão ao teto, de canto a canto, voltada para uma mata. O vídeo conta com legenda, fundo musical e com o ícone “saiba mais”.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

Há casos em que a natureza, em vez de ser um elemento sustentador e inspirador de todo o conceito do projeto e da obra, não passa de um elemento acessório para uso e deleite incidental do arquiteto e/ou de seu cliente. É o caso deste vídeo, no qual a natureza é um elemento que precisa ser, em vez de estruturante do conceito e da obra, um elemento utilizado para o prazer humano — este é o motivo dos detalhes construtivos apresentados no vídeo. O banheiro da suíte master é cem por cento conectado à natureza e com uma vista deslumbrante propiciada por um vidro especial. Mesmo que haja uma integração entre

a natureza e o ambiente construído, a natureza aqui é um elemento a serviço do estilo de vida humano. A vida do cliente ou da cliente desse profissional de Arquitetura é uma vida difícil e ele ou ela precisa ter uma relação de uso com a natureza para suportar esse estilo de vida opressor. Tanto é que os detalhes construtivos das duas cubas que são apresentadas no vídeo possuem abertura para fácil acesso ao sifão. Fácil acesso ao sifão, “o que facilita muito o dia a dia”. Ou seja, trata-se de uma obra pensada em conexão esquemática e instrumentalizadora da natureza a serviço do prazer humano.

Esses princípios e valores vão, de algum modo, na contramão daquilo que se tem pensado contemporaneamente para a formação de arquitetos e arquitetas no que diz respeito a outras possibilidades dos seres humanos se relacionarem e conviverem com o restante da natureza, já que outras formas de sustentabilidade e outras relações entre sociedade e natureza têm sido preconizadas como necessárias à formação e atuação de arquitetos e arquitetas. Nesse vídeo há uma disponibilização, uma divulgação e uma demanda por profissionais de Arquitetura que são posicionados antropocentricamente, ou seja, acreditam-se no centro das relações entre seres humanos e natureza mais que humana ou natureza que não humana.

O arquiteto antropocêntrico, pode-se dizer, é um híbrido entre o arquiteto bioconstrutor (pela valorização dos elementos da natureza) e o arquiteto psicólogo (pela valorização do bem-estar humano e suposição de necessidades essencialmente humanas). No entanto, essa relação entre o psicológico e o natural aqui serve para demandar um outro tipo de profissional, que nem se relaciona profundamente com a natureza e nem com o humano. Desta forma, não questiona nem o humano, nem suas relações com a natureza, em tempos de mudanças e crises climáticas que demandam outras visões e outras posturas nas nossas formas de relacionamento com a natureza.

Figura 59 – Uma forma simples para desenvolver projeto



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Neste vídeo, uma mão feminina usando relógio e vários anéis em cada dedo mostra folhas com imagens de projetos. Então, exibe-se inúmeras folhas espalhadas sobre uma mesa e uma voz feminina fala sobre a dificuldade de não esquecer nenhuma informação ou etapa do projeto arquitetônico. Como solução, o vídeo oferece modelos de *checklist*.

O vídeo não conta com legenda e exibe centralizado no canto inferior da tela o ícone “saiba mais”.

Fonte: Post via Instagram (2024).

Um projeto pode ser suficientemente detalhado e possuir todas as plantas complementares, mas não adianta: “a gente só pensa no final, né? Como a gente quer deixar tudo pronto”. A partir da suposta constatação de uma atitude universal de arquitetos e arquitetas (pensar só no final), uma profissional de Arquitetura identifica um problema e para solucioná-lo disponibiliza (vende) a seguinte solução: um *checklist* do projeto executivo; todas as plantas necessárias à execução; todas as plantas que as pessoas supostamente precisam, acompanhadas das informações mais importantes; além de detalhamentos setorizados por tipos de ambientes (banheiro, cozinha, sala de estar, entre outros).

Ou seja, dado o tipo e o nível de solução apresentados e demandados para profissionais de Arquitetura, neste vídeo há uma retomada da visão monofuncional, uma vez que os ambientes são disponibilizados com informações genéricas, como se não houvesse atravessamento de singularidades individuais de contextos sociais, políticos e coletivos. Essa é a profissional de Arquitetura monofuncional em pleno século XXI: embora munida de *checklists*, plantas feitas com uso de tecnologia, não passa de uma repaginação de um modelo

de profissional já criticado amplamente. Isso se dá pelo fato dela, apesar de atuar contemporaneamente, entender que o projeto e a sua execução precisem ser realizados a partir de uma perspectiva tecnicista, com base em números, conhecimentos técnicos, detalhamento de plantas e de ambientes. Este tipo de profissional, que não considera as múltiplas outras dimensões que estão em jogo na relação estabelecida entre forma e função, acaba por restringir e resumir as possibilidades que uma edificação pode assumir a uma monofunção.

Figura 60 – Aplicativo Sun Position



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. Este vídeo, de autoria de um arquiteto, começa exibindo uma simulação da trajetória solar sobre uma edificação. Na sequência aparece, no canto superior direito em uma janela, o próprio arquiteto, homem, pardo, vestindo camisa cinza, que fala sobre um site que possibilita fazer tal simulação, sua imagem vai expandindo ou reduzindo, conforme o decorrer do vídeo. O vídeo conta com legenda e com uma música internacional de fundo.

Fonte: Anúncio via Instagram (2024).

Estamos diante do arquiteto bússola, profissional requerido, demandado, produzido e disponibilizado no vídeo, no qual saber a orientação solar é não apenas um conhecimento requerido, mas que precisa ser facilitado através do uso de tecnologia mediante a indicação de aplicativos específicos para orientação do terreno em relação ao sol. De modo similar ao arquiteto biruta, que também restringia a discussão bioclimática a aspectos técnicos e tecnológicos com base no uso de aplicativos, o arquiteto bússola imita esse tipo de procedimento: tudo se passa como se saber a posição solar de um terreno e estimar a influência da quantidade de luz que entra em um espaço e que impacta o conforto térmico fosse apenas uma questão de uso instrumental de um aplicativo, sem discutir os tipos de pensamentos que levaram a esse tipo de necessidade no projetar e sem discutir variações, em termos de contexto, de cultura e de singularidade que podem entrar no jogo daquilo que seria considerado conforto térmico e iluminação de ambientes. Afinal, não se deve supor que todas as culturas, em todos os períodos históricos e em quaisquer lugares entendem conforto térmico e necessidade de iluminação como dados universais independentes de interferências de tempo e espaço. O arquiteto bússola, portanto, desconsidera essas variações e celebra a possibilidade de, rapidamente e tecnicamente, acessar uma informação sem mais discussões.

Nesta seção de análise foi possível evidenciar que o Currículo Algorítmico em Arquitetura está necessariamente em disputa com o currículo oficial dos cursos de Arquitetura, pois enquanto nas escolas de Arquitetura temos apenas professores como sujeitos autorizados a falar, no Instagram, ou seja, no Currículo Algorítmico, temos como sujeitos autorizados a falar: professores de Arquitetura, profissionais arquitetos, profissionais de outras áreas e sujeitos sem formação. Evidenciou-se também o oferecimento de saberes distintos e contrários aos saberes ofertados e preconizados pelo currículo oficial, reforçando a existência dessa disputa. É a demanda do Currículo Algorítmico por posições de sujeito-arquiteto tão peculiares e distintas daquelas solicitadas pelo currículo oficial de Arquitetura que torna ainda mais evidente a existência de um estado de disputa desses currículos pela formação de nossos estudantes e profissionais. Seguiremos na próxima seção a evidenciar, a traçar e a esquadrihar as relações engendradas no Currículo Algorítmico em Arquitetura, desta vez a partir da construção e leitura de Mapas Abertos.

Um Caderno de Dados

Com o objetivo de registrar e, desta forma, produzir dados do lado de “cá”, de forma analógica, usando um caderno, canetas e marcadores coloridos, anotei informações presentes nos vídeos que foram analisados. Para facilitar a leitura, organizei os dados em tabelas que estão divididas da seguinte forma: sujeitos autorizados para falar no Currículo Algorítmico; alvos de endereçamento; estratégia de endereçamento — sons transmitidos pelos vídeos —; comandos transmitidos pelas pedagogias do Instagram; recursos das estratégias do currículo; saberes oferecidos pelo Currículo Algorítmico; e posições de sujeitos demandadas pelo Currículo Algorítmico. Além das tabelas também apresentarei uma nuvem de palavras contendo o vocabulário do Currículo Algorítmico em Arquitetura. Agora veremos a Tabela 1 que apresenta os sujeitos que estão autorizados para falar no Currículo Algorítmico, ou seja, “quem está falando”, quem são os autores dos vídeos analisados.

Tabela 1 – Sujeitos autorizados para falar no Currículo Algorítmico em Arquitetura

SUJEITOS AUTORIZADOS PARA FALAR NO CURRÍCULO ALGORÍTMICO	
SUJEITOS AUTORIZADOS (QUEM TEM FALADO)	NÚMERO DE INCIDÊNCIAS
Professor/a de Arquitetura	7
Arquiteto/a Profissional	37
Estudante de Arquitetura e Urbanismo	3
Engenheiro Civil Profissional	5
Engenheiro Eletricista Profissional	1
<i>Designer Profissional</i>	1
Sujeito SEM formação	6

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Conforme é possível observar, a grande maioria dos sujeitos autorizados a falar neste Currículo é composta por profissionais Arquitetos e Urbanistas formados. Além desses, é importante perceber a existência de outros profissionais que não têm formação na área de Arquitetura e Urbanismo, como engenheiros e designers. Mas, conforme apresentado na Tabela 1, sujeitos sem formação também são autorizados a falar. Desta forma, cabe perguntar: a quem tais sujeitos estão dirigindo suas falas e seus conteúdos? Com a finalidade de reconhecer quem são os alvos de endereçamento deste Currículo, ou seja, para quem está falando, foi produzida a Tabela 2, apresentada a seguir:

Tabela 2 – Alvos de endereçamento do Currículo Algorítmico em Arquitetura

ALVOS DE ENDEREÇAMENTO	
PARA QUEM O VÍDEO SE DIRECIONA	NÚMERO DE INCIDÊNCIAS
Estudantes de Arquitetura	39
Profissionais Arquitetos	38
Profissionais Engenheiros	3
Novos Clientes	13
Novos Seguidores	20

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

De acordo com a Tabela 2 é possível constatar que a grande maioria dos alvos desse Currículo são estudantes de Arquitetura e profissionais arquitetos. Além disso, também é possível entender a existência de um outro grupo de alvos, formado por novos clientes e por novos seguidores. Também é possível observar que a quantidade de alvos supera a de sujeitos autorizados a falar, isso acontece porque um único vídeo possui mais de um alvo. A partir de agora buscaremos analisar e evidenciar como tais sujeitos autorizados a falar buscaram atingir seus alvos pretendidos. Neste sentido, a partir das mídias analisadas, produzimos dados referentes às estratégias de endereçamento adotadas pelo Currículo Algorítmico em Arquitetura. A próxima tabela volta-se aos sons que foram ou não transmitidos pelos vídeos.

Tabela 3 – Alvos de endereçamento do Currículo Algorítmico em Arquitetura

ESTRATÉGIA DE ENDEREÇAMENTO - SONS TRANSMITIDOS PELO VÍDEO DO INSTAGRAM				
TRILHA SONORA	INCIDÊNCIAS	Internacional	Nacional	Instrumental
Sem áudio	2	-	-	-
Apenas com fundo musical	12	8	0	4
Locução com fundo musical	36	22	0	14
Apenas locução	8	-	-	-
Locução com sons de vinhetas	2	-	-	-

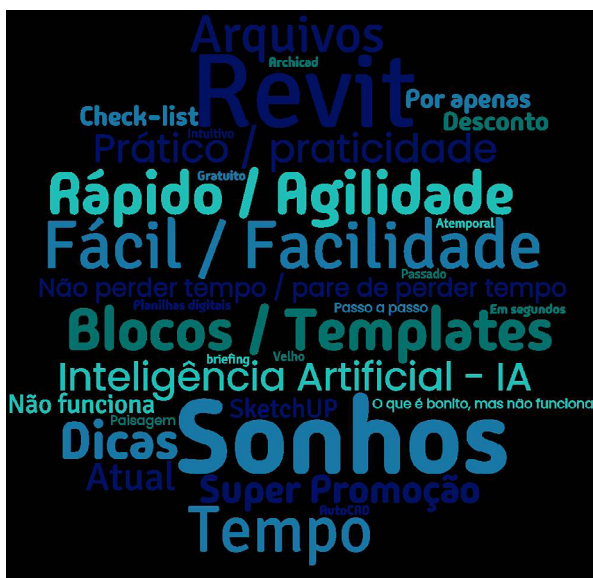
Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Considerando as informações contidas na Tabela 3 é possível afirmar que existe um padrão quanto aos sons escolhidos como estratégia de endereçamento desse Currículo. O sujeito autorizado a falar recorre a um discurso direto, na forma de locução, para se direcionar aos seus alvos pretendidos, ou seja, ele fala diretamente ao seu público. Mas,

isso não é feito de qualquer maneira, também se recorre/ demanda à presença de um fundo musical composto por músicas internacionais/instrumentais. Destaca-se que dentre as mídias analisadas, nenhuma fez uso de músicas nacionais.

Sendo a fala algo tão presente e importante como estratégia de endereçamento, busquei registrar as palavras e frases que se apresentaram como recorrentes, enfáticas ou relevantes no Currículo Algorítmico em Arquitetura. Tais palavras e frases constituem o vocabulário desse Currículo. De acordo com a quantidade de recorrência, produzi a nuvem de palavras apresentada abaixo.

Figura 61 – Nuvem de palavras – Vocabulário do Currículo Algorítmico



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Como podemos analisar, as palavras “sonhos”, “Revit”, “fácil”, “rápido” e “tempo” se sobressaíram em relação às demais. São principalmente a essas palavras que o Currículo Algorítmico recorre para alcançar seus alvos. Tais palavras também podem ser entendidas como objetos de desejo desses alvos — são palavras que só são possíveis como objeto de desejo a partir da psicopolítica (Han, 2023) presente no sistema neoliberal, em que, enquanto empreendedor de si mesmo, os sujeitos precisam, necessariamente, ser altamente eficientes.

Outra estratégia de endereçamento de que se vale o Currículo Algorítmico consiste em comandos transmitidos por suas pedagogias. Ou seja, o que se pede para que os sujeitos alvos façam. Como observaremos logo abaixo, o comando “clique em saiba mais”, presente no título deste livro e na grande maioria dos vídeos analisados, produz a significação de que “ser livre não significa agir, **mas clicar**, curtir e postar” como dito por Byung-Chul Han (2022, p. 19, grifos meus).

Tabela 4 – Comandos transmitidos pelas pedagogias do Currículo Algorítmico

ESTRATÉGIA DE ENDEREÇAMENTO - COMANDO TRANSMITIDO PELAS PEDAGOGIAS DO CURRÍCULO DO INSTAGRAM	
COMANDOS	NÚMERO DE INCIDÊNCIAS
Me siga para mais	2
Clique em saiba mais	30
Segue e compartilha	1
Me conta o que vocês acharam / Me conta aqui embaixo	4
Me segue aqui	1
Manda esse vídeo e compartilha	1
Acesse o perfil	24
Compre agora	4
Confira esse detalhe	1
Inscreva-se agora	1
Clique/Toque no botão abaixo	1
Converse conosco no WhatsApp	1

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Como foi possível analisar a partir da Tabela 4, o Currículo Algorítmico tem adotado três recursos discursivos como estratégia de endereçamento: vender algo, ganhar seguidores e/ou engajar/monetizar. Constatase que o que tem prevalecido como recurso discursivo está inteiramente alinhado à lógica da infocracia²⁴, onde consumo e ser *Influencer*²⁵ são significados como algo importante devido ao “privilégio” conferido àquele que conseguir alcançar o *status* de *influencer*, de passar a ser adorado e seguido por “súditos”.

24 Infocracia, segundo Han (2022), consiste na atual lógica política na qual a informação, por meio das Big Datas, do constante recolhimento de dados de informações pessoais e dos algoritmos, passou a exercer poder de condução de comportamentos.

25 *Influencer* significa influenciador, que, de acordo com Byung-Chul Han (2022), dentro da infocracia, assume e representa uma posição sagrada, por ser adorado como modelo.

Tabela 5 – Recursos discursivos do Currículo Algorítmico em Arquitetura

ESTRATÉGIAS DE ENDEREÇAMENTO - RECURSOS DISCURSIVOS DO CURRÍCULO ALGORÍTMICO	
RECURSOS	INCIDÊNCIAS
Vender algo	28
Ganhar seguidores	28
Engajar/Monetizar	17

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Como esta pesquisa busca evidenciar a existência do Currículo Algorítmico em Arquitetura, entende-se como importante e necessário conhecer os saberes oferecidos e disponibilizados por esse Currículo. Com base nos vídeos foi possível reconhecer a existência de ao menos 40 saberes diferentes. Dentre esses, os saberes que apareceram com mais recorrência foram: saber usar o Revit, saber realizar sonhos e saber não perder tempo, conforme apresentado na Tabela 6.

Tabela 6 – Saberes oferecidos pelo Currículo Algorítmico em Arquitetura

SABERES OFERECIDOS PELO CURRÍCULO ALGORÍTMICO	
SABERES	INCIDÊNCIAS
Saber gerir	2
Saber distinguir tendências	1
Saber fazer projetos acessíveis	1
Saber projetar mais fácil	1
Saber projetar de forma atemporal	1
Saber o que não funciona	2

SABERES OFERECIDOS PELO CURRÍCULO ALGORÍTMICO	
SABERES	INCIDÊNCIAS
Saber acessar a Lei de ATHIS	1
Saber realizar na prática	1
Saber projetar	1
Saber o que não usar na sua casa	1
Saber representar e apresentar projetos	1
Saber usar ferramentas BIM	1
Saber fazer croqui artístico	1
Saber criar seus próprios desenhos	1
Saber como locar projeto elétrico em tramas de pau a pique	1
Saber o jeito certo de encarar as obras	1
Saber projetar para o cliente do meu cliente	1
Saber projetar arquiteturas sustentáveis	1
Saber fazer qualquer cálculo de Engenharia Civil	1
Saber fazer planejamento ecológico	1
Saber projetar/usar comandos no Revit	4
Saber fazer detalhes construtivos em 3D	1
Saber produzir mais em menos tempo	1
Saber não perder tempo	3
Ser especialista em BIM	1
Saber projetar projetos de Engenharia em Revit	1
Saber projetar sem errar	1
Saber gerar imagens com uso da IA	1
Saber características de prédios	1

SABERES OFERECIDOS PELO CURRÍCULO ALGORÍTMICO	
SABERES	INCIDÊNCIAS
Saber projetar abrigos	1
Saber um modo de ser arquiteto	1
Saber buscar informações climáticas	1
Saber como um arquiteto pode fazer a diferença	1
Saber realizar sonhos	3
Saber ser organizado	1
Saber que usar a IA é revolucionar	1
Saber projetar em SketchUp	1
Saber usar Template de AutoCAD	1
Saber inspecionar obra	1
Saber conhecer o cliente	1

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Para além do grande número de saberes oferecidos, é possível constatar a existência de grande número de saberes que não são oferecidos pelo currículo oficial dos cursos de Arquitetura. Dentre tais saberes, destacam-se: saber realizar sonhos, saber não perder tempo, saber projetar fácil, saber projetar sem errar, saber produzir mais em menos tempo, saber gerar imagens com uso de IA, saber que usar a IA é revolucionar e saber o que não usar na sua casa. Como esses saberes do Currículo Algorítmico em Arquitetura não são sequer oferecidos pelo currículo oficial dos cursos de Arquitetura, o Currículo Algorítmico em Arquitetura

está disputando espaço diretamente com as escolas de Arquitetura. Com base em todas as análises produzidas até aqui foi possível reconhecer a existência de ao menos 36 posições de sujeito-arquiteto sendo demandas pelo Currículo Algorítmico, conforme apresentado na Tabela 7.

Tabela 7 – Posições de sujeitos-arquitetos demandadas pelo Currículo Algorítmico

POSIÇÕES DE SUJEITOS-ARQUITETOS DEMANDADAS PELO CURRÍCULO ALGORÍTMICO	
POSIÇÃO DE SUJEITO-ARQUITETO DEMANDADA	NÚMERO DE INCIDÊNCIAS
Arquiteto-Gestor-de-Escritório	1
Arquiteto-Valorizador-de-Sonhos	1
Arquiteto-Sem-Tempo	1
Arquiteto-Perdido-no-Instagram	1
Arquiteto-Gamer	2
Arquiteta-Vidente	2
Arquiteto-Rejuvenecedor-dos-Lares	1
Arquiteto-Perito-Fundiário	1
Arquiteta-Profetisa	1
Arquiteto-Guru	1
Arquiteto-Dependente	1
Arquiteto-Artista	3

POSIÇÕES DE SUJEITOS-ARQUITETOS DEMANDADAS PELO CURRÍCULO ALGORÍTMICO	
POSIÇÃO DE SUJEITO-ARQUITETO DEMANDADA	NÚMERO DE INCIDÊNCIAS
Arquiteto-Bioclimático	4
Arquiteto-Memorável	1
Arquiteto-Gambarra	2
Arquiteto-Turbo	5
Arquiteto-Designer-da-Natureza	2
Arquiteto-Anatomista-de-Obra	1
Arquiteto-Ultra-Revit	1
Arquiteto-Reviteiro	3
Arquiteto Morpheus	4
Arquiteto Universal	1
Arquiteto Deslumbrado com a IA	1
Arquiteto Deslumbrado com a Arquitetura Pós-moderna	1
Arquiteto <i>Workflow</i> da Produtividade	1
Arquiteto-Acompanhante	1
Arquiteto Onírico	1
Arquiteto Revolucionário	1
Arquiteto-Taxa-de-Cliques	1

POSIÇÕES DE SUJEITOS-ARQUITETOS DEMANDADAS PELO CURRÍCULO ALGORÍTMICO	
POSIÇÃO DE SUJEITO-ARQUITETO DEMANDADA	NÚMERO DE INCIDÊNCIAS
Arquiteto-Quase-Humano	1
Arquiteto-do-Jogo-de-Imagens	1
Arquiteta-Investigadora	1
Arquiteto-Bioconstrutor-Ancestral	1
Arquiteto-Antropocêntrico	1
Arquiteta-Monofuncional do Séc. XXI	1
Arquiteto-Bússola	1

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A seguir passarei a evidenciar que o Currículo Algorítmico também busca definir modos de ser e de estar como estudantes de Arquitetura e/ou como arquitetos formados. Nesse sentido, destaco que na Tabela 7 encontram-se posições de sujeito-arquitetos que foram disponibilizadas e demandadas por esse currículo, e que não são nem disponibilizadas e nem demandas pelo currículo oficial de Arquitetura. As posições que me refiro são as seguintes: arquiteto-valorizador-de-sonhos, arquiteto-sem-tempo, arquiteto-perdido-no-Instagram, arquiteta-vidente, arquiteta-profetisa, arquiteto-guru, arquiteto Morpheus, arquiteto *workflow* da produtividade, arquiteto-gamer, arquiteto-taxa-de-cliques etc. Essas posições de sujeitos

tão discrepantes demonstram que o Currículo Algorítmico disputa e compete com o currículo oficial, pois para que possamos nos reconhecer enquanto estudantes e ou profissionais arquitetos/as, demanda que assumamos necessariamente posições de sujeitos-arquitetos que conflitam com as posições demandadas pelo currículo oficial.

Entre Platôs, Linhas, Post-its, Rizomas, Zooms, Meets, Likes – MAPAS

Com a objetivo de aprofundar a análise construída até aqui foi desenvolvido um Mapa Aberto²⁶ que compreende o resultado da cartografia realizada neste livro. Para a produção do mapa que apresentarei tive como referência e inspiração o método cartográfico indisciplinar²⁷,

26 “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (Deleuze; Guattari, 2006, p. 42).

27 Tal método entende que para se chegar a um mapa complexo e rizomático deve-se optar por iniciar o processo cartográfico por meio de perguntas simples, “evitando agrupamentos preestabelecidos (econômicos, políticos, sociais, culturais, entre outros), que podem escamotear associações de dimensões variadas e híbridas. Dessa maneira, foi definido um elenco de 4 perguntas: o que? (evento), por quê? (narrativas ou figurações), quem? (atores-humanos) e o que? (atores não humanos). As respostas a essas perguntas configuram os nós da rede em construção, a partir dos quais será possível identificar as formações dos grupos (como?) e as conexões entre os nós (quais as relações de força?)” (Lopes; Rena; Sá, 2019).

mas, foi preciso adaptá-lo, considerando que o objeto e os objetivos de pesquisa deste livro são distintos daqueles que o Grupo de Pesquisa Indisciplinar tinha. Desta forma, com o uso de *post-its* e levando em consideração a Tabela 1, comecei localizando os sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico em Arquitetura na parte superior de um quadro transparente. Com as cores verde, laranja, verde neon, azul claro e salmão foram situados respectivamente professores arquitetos, estudantes de Arquitetura, arquitetos formados, outros profissionais e sujeitos sem formação, conforme a imagem abaixo:

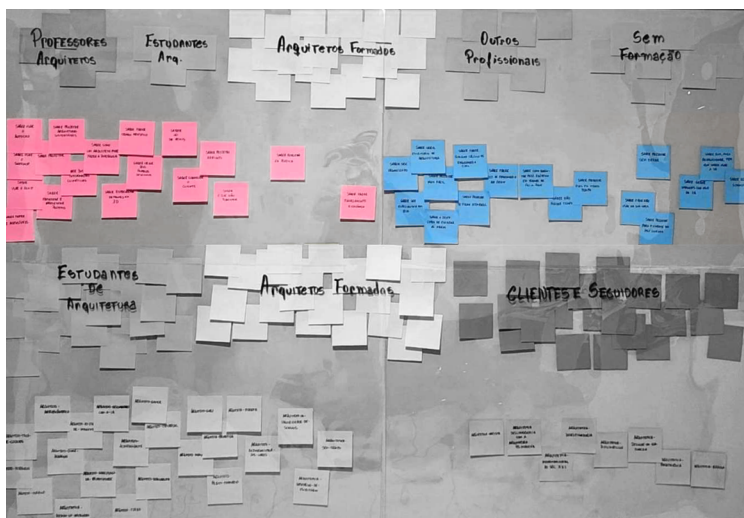
Figura 62 – Quem são os sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico em Arquitetura



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Em seguida, logo abaixo, nas cores rosa e azul, foram posicionados os saberes disponibilizados pelo currículo investigado. Quanto mais à esquerda o *post-it* estiver localizado, mais ele se relaciona com saberes oferecidos pelo currículo oficial. De modo contrário, quanto mais o *post-it* estiver localizado à direita, menos ele se aproxima ou se relaciona com saberes oferecidos pelo currículo oficial.

Figura 63 – Saberes oferecidos pelo Currículo Algorítmico em Arquitetura



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Mais abaixo, como ilustrado na Figura 64, posicionei os alvos de endereçamento: estudantes de Arquitetura (laranja), arquitetos formados (amarelo) e clientes/seguidores (vermelho).

Figura 64 – Alvos de endereçamento do Currículo Algorítmico em Arquitetura



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Prosseguindo, localizei com *post-its* as posições de sujeitos-arquitetos que foram demandadas pelo Currículo Algorítmico. As posições ocupadas no espaço pelos *post-its* evidenciam se tais posições de sujeito estão mais próximas (roxo

– à direita) ou mais distantes (amarelo – à esquerda) às posições demandadas pelo currículo oficial, conforme a Figura 65.

Figura 65 – Posições de sujeitos-arquitetos demandadas pelo Currículo Algorítmico em Arquitetura



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Por fim, partindo dos sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico, tracei linhas que seguem a direção dos saberes, dos alvos e das posições de sujeitos-arquitetos.

Figura 66 – Mapa aberto “entre platôs, linhas, *post-its*, rizomas, *zooms*, *meets*, *likes*” do Currículo Algorítmico em Arquitetura



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

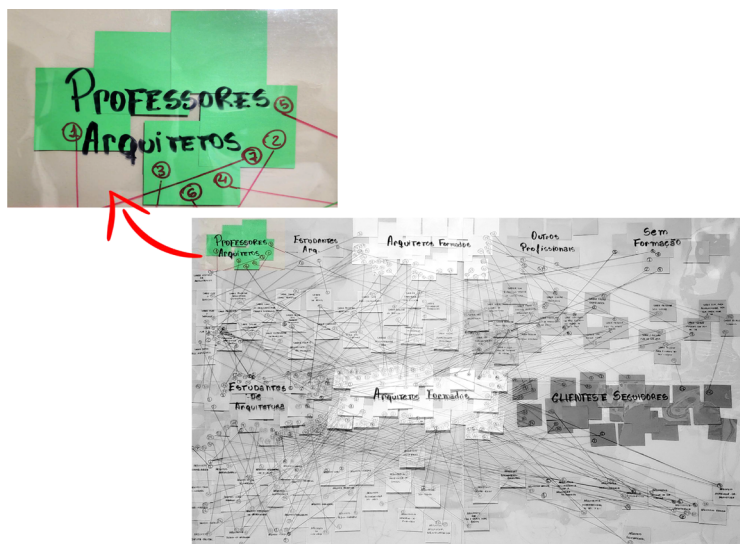
A partir de agora seguiremos as linhas que compõem o rizoma apresentado na figura anterior. Para tanto, passarei a ampliar e a focalizar platôs e caminhos alcançados por essas linhas.

Para tornar mais clara a leitura do mapa, associei uma cor para cada grupo de sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico da seguinte forma: linhas vermelhas para seguir professores de Arquitetura, linhas azuis para seguir estudantes de Arquitetura, linhas verdes para seguir arquitetos formados, linhas laranjas para seguir outros profissionais e linhas roxas para seguir sujeitos

sem formação. Além disso, destaco que todas as linhas do mapa aberto foram analisadas, entretanto, levando em consideração a enorme quantidade de linhas, entendi como sendo mais produtivo, para não incorrer em redundâncias, trazer neste livro apenas o percurso de duas linhas de cada grupo de sujeitos autorizados a falar no Currículo.

Agora vamos seguir e analisar o percurso das linhas vermelhas que correspondem aos vetores de Professores Arquitetos.

Figura 67 – Sujeitos autorizados a falar no Currículo
Algorítmico: Professores Arquitetos



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 68 – Percurso da linha vermelha 1:
Professores Arquitetos



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 69 – Percurso da linha vermelha 2: Professores Arquitetos



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Dentre os 60 vídeos analisados, sete foram produzidos e publicados por professores arquitetos (Mestres ou Doutores). Na primeira imagem, apresentada acima, encontra-se a diagramação do percurso que os vetores oferecidos por professores arquitetos percorreram no vídeo analisado. Nesse primeiro diagrama, um sujeito autorizado a falar no Currículo Algorítmico pretendeu atingir, como alvos, estudantes e profissionais de Arquitetura. A partir dessa primeira sequência foi possível observar qual saber esse/a professor/a está disponibilizando (saber usar o Revit) e constatar qual posição de sujeito-arquiteto foi demandada no vídeo (arquiteto-turbo).

A postagem buscou significar o “saber usar o Revit” como solução para o problema da eficiência. Dentro da lógica da Inforocracia Neoliberal, enquanto empreendedores de si, ser altamente eficiente se constitui como um valor. É dentro desse contexto que a posição de sujeito arquiteto-turbo foi demandada como desejável. Tal posição demanda que, para se reconhecerem como bons estudantes e profissionais, estudantes e profissionais de Arquitetura sejam ágeis, rápidos e práticos e que, além disso, usem especificamente o Revit. Esse software, atualmente, vem se tornando um dos principais instrumentos de trabalho de estudantes e arquitetos e está presente nas DCN e em escolas de Arquitetura. Aqui, a partir da análise, foi possível

evidenciar que dentro do Currículo Algorítmico tem-se buscado formar estudantes e profissionais arquitetos preocupados com seus desempenhos e suas performances.

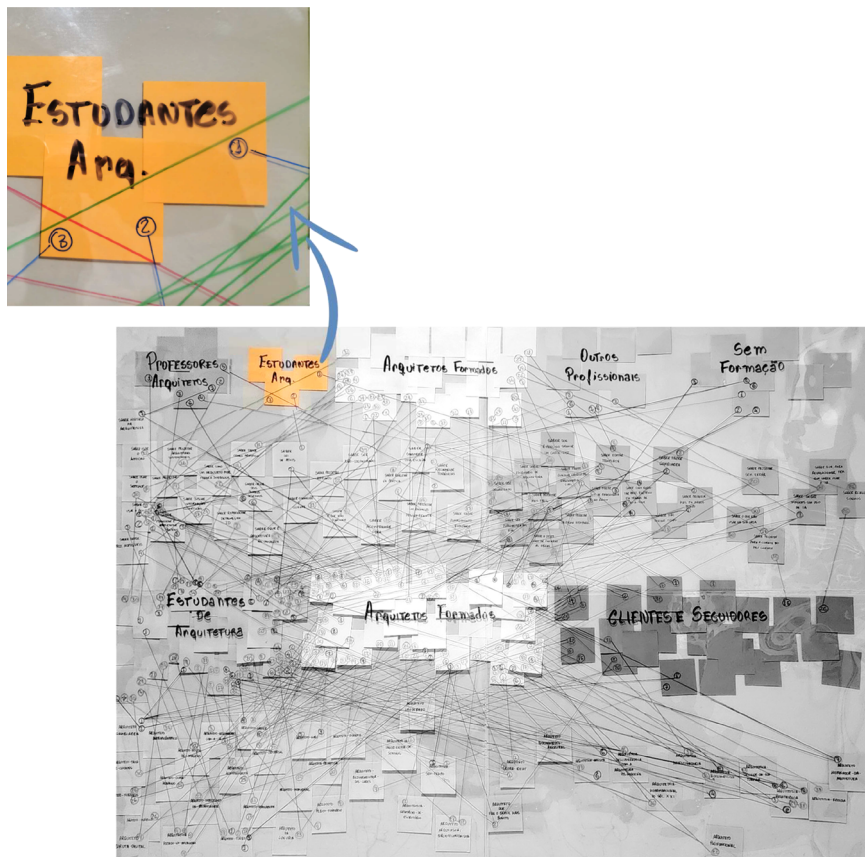
No segundo diagrama é possível observar um/a outro/a professor/a de Arquitetura oferecendo o “saber usar o Revit”. Da mesma forma que o primeiro/a professor/a, ele direciona seu conteúdo para estudantes e arquitetos formados. Entretanto, a posição de sujeito que esse professor/a demandou foi a do “arquiteto-reviteiro”. Ou seja, para que estudantes e arquitetos possam se reconhecer como sendo bons, precisariam obrigatoriamente usar e admirar o Revit.

Agora, analisando de forma conjunta os sete vídeos, foi possível constatar que apenas dois deles não disponibilizaram saberes oferecidos pelo currículo oficial de Arquitetura. Tais professores dispuseram o “saber executar projetos elétricos em tramas de pau-a-pique” e o “saber ser especialista em BIM”. Apesar da metodologia BIM vir sendo difundida e, até mesmo, praticada em algumas escolas de Arquitetura, seu ensino ainda não está nas DCN e no currículo oficial.

Um dos aspectos que considero relevante ao ter observado/analísado todas as linhas desta trama rizomática é que nenhum dos sete professores pretenderam, como alvos de seus vídeos, alcançar clientes e seguidores. Assim, foi possível demonstrar que professores- arquitetos, apesar de serem minoria, também estão presentes no Currículo Algorítmico e são autorizados a falar e a formar estudantes e profissionais nos espaços das mídias sociais.

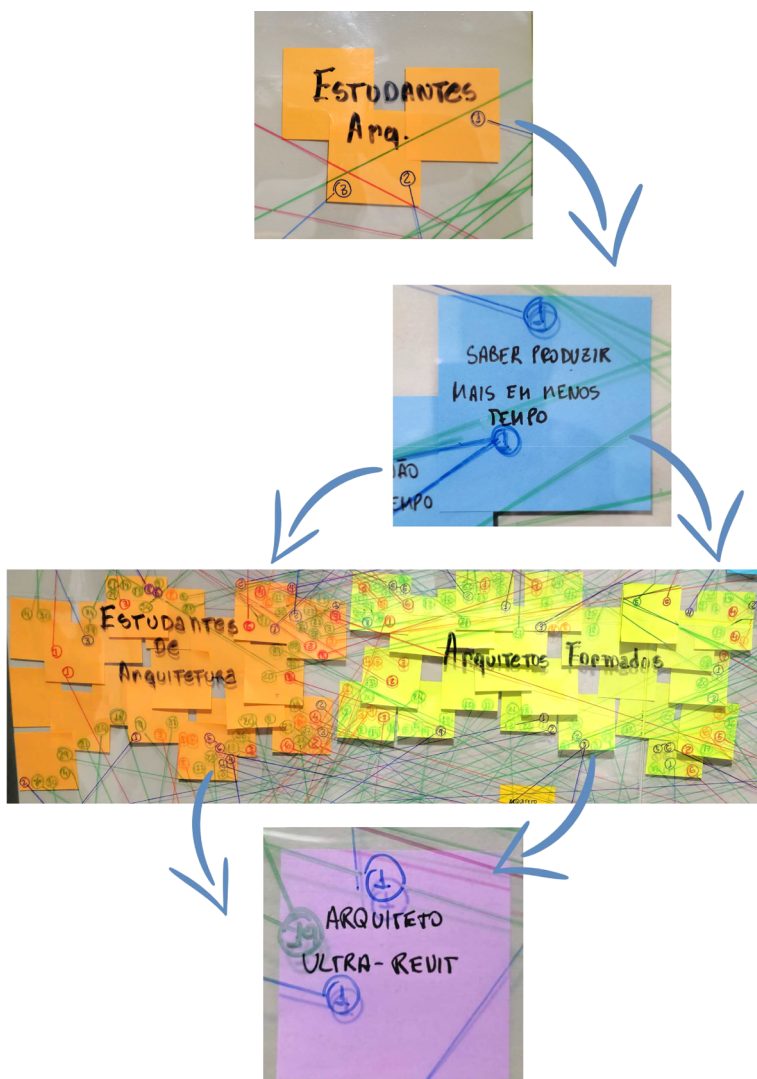
Dando continuidade, passaremos a analisar os vetores produzidos por estudantes autorizados a falar no Currículo Algorítmico. Dentro do universo estudado, apenas três vídeos foram produzidos por estudantes de Arquitetura. A posição ocupada por esse grupo no mapa (anterior aos arquitetos formados) se deu porque todo arquiteto, antes de se formar, foi um estudante. Como foi possível constatar, quanto aos alvos de endereçamento, os três estudantes dirigiram seus conteúdos a outros estudantes e arquitetos já formados e dentre os três, um deles também foi direcionado a novos clientes/seguidores, conforme apresentado no mapa a seguir.

Figura 70 – Sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico:
Estudantes de Arquitetura



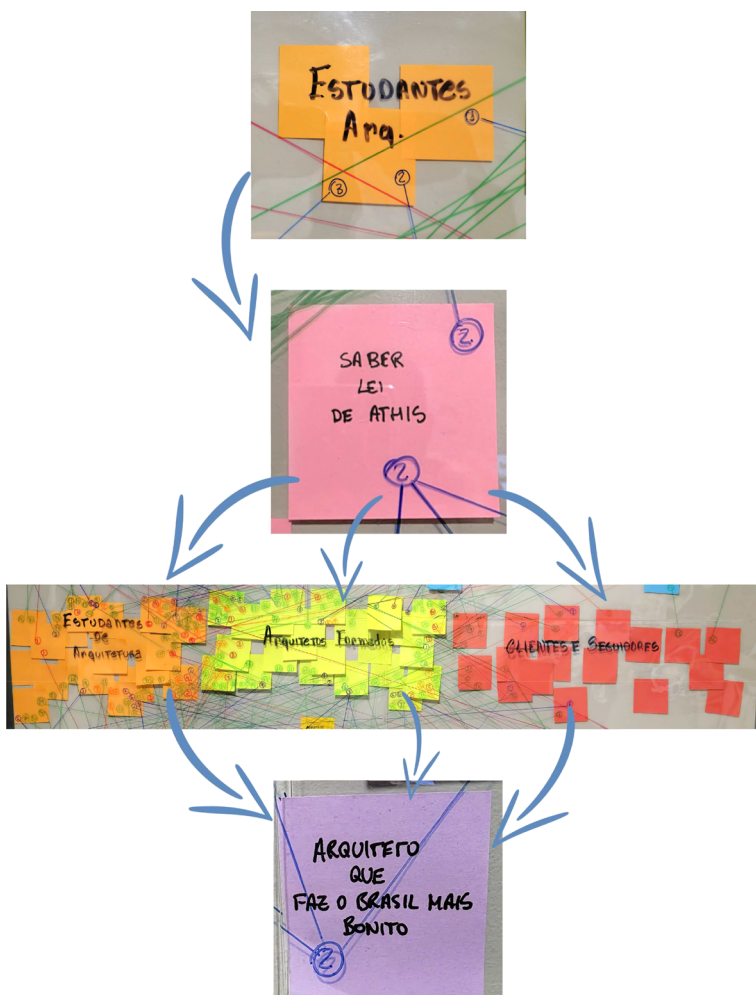
Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 71 – Percurso da linha azul 1:
Estudantes de Arquitetura



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 72 – Percurso da linha azul 2:
Estudantes de Arquitetura



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

É incontestável que nós professores de Arquitetura, ou de qualquer outra área, podemos aprender com nossos alunos e alunas, não foi isso que esteve em análise aqui. Nesta pesquisa e neste livro, o que tem ficado evidente é que, no Currículo Algorítmico, estudantes de Arquitetura estão autorizados a falar como experts. Este fato não é algo banal, pois, até pouco tempo atrás, apenas professores e pesquisadores experientes ocupavam os espaços das mídias (periódicos, TVs e jornais). Como foi possível observar nos diagramas apresentados anteriormente, estudantes de Arquitetura tanto têm oferecido saberes que são disponibilizados no currículo oficial quanto também têm oferecido saberes aceitos apenas no Currículo Algorítmico. Nos dois casos que foram mapeados é possível constatar que os estudantes decidiram dirigir seus conteúdos a outros estudantes de Arquitetura e aos arquitetos já formados, colocando-se, dessa forma, como autoridades.

No caso compreendido pelo primeiro mapeamento, o estudante dispôs “saber produzir mais em menos tempo”, reforçando e significando, mais uma vez, ser altamente eficiente como um valor. No vídeo, o autor fala que com uso do Revit é possível produzir mais em menos tempo, com isso ele está demandando uma posição de sujeito que chamei de arquiteto-ultra-Revit, pois não basta só usar

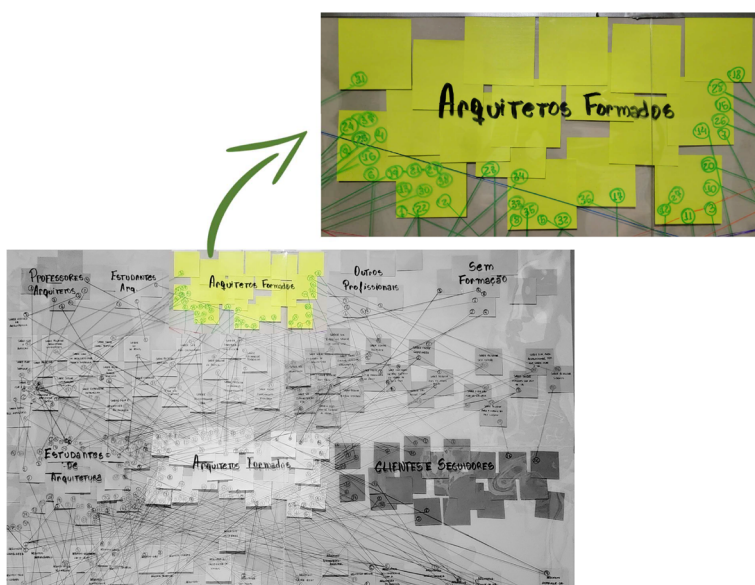
esse programa específico, mas usar tal programa de forma muito mais rápida.

No segundo vídeo do mapeamento há uma particularidade que precisa ser destacada, pois foi o único, dentre os 60, que ofereceu um saber comprometido com o social. Nesse vídeo, o autor, um estudante de Arquitetura, fala sobre a importância de que as pessoas e os arquitetos saibam aplicar a Lei de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS). O que se apresentou como peculiar, neste caso, foi que o estudante que produziu e publicou o vídeo não escolheu direcionar seu conteúdo apenas a outros estudantes e arquitetos já formados. Esse sujeito autorizado a falar no Currículo Algorítmico também teve como alvo a ser alcançado possíveis clientes e/ou seguidores. Por fim, como mapeado, demandou-se aos três alvos mencionados a posição de sujeito “Arquiteto que faz o Brasil mais bonito”. Desse modo, quem fala demandou de outros estudantes, arquitetos formados e clientes/seguidores a saber aplicar a Lei de ATHIS para que pudessem se reconhecer como arquitetos/as capazes de fazer o Brasil mais bonito.

O próximo grupo analisado será o dos Arquitetos Formados. Este grupo é composto por arquitetos e arquitetas que já concluíram a graduação e que, sentindo-se aptos, acabaram por produzir, publicar, disponibilizar saberes e demandar determinadas posições de sujeito-arquiteto.

Já de partida, como é possível perceber na foto abaixo, esses foram os sujeitos mais autorizados a falar no Currículo Algorítmico. Arquitetos formados foram responsáveis por 37 dos 60 vídeos, como exibido na ampliação abaixo.

Figura 73 – Sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico: Arquitetos Formados

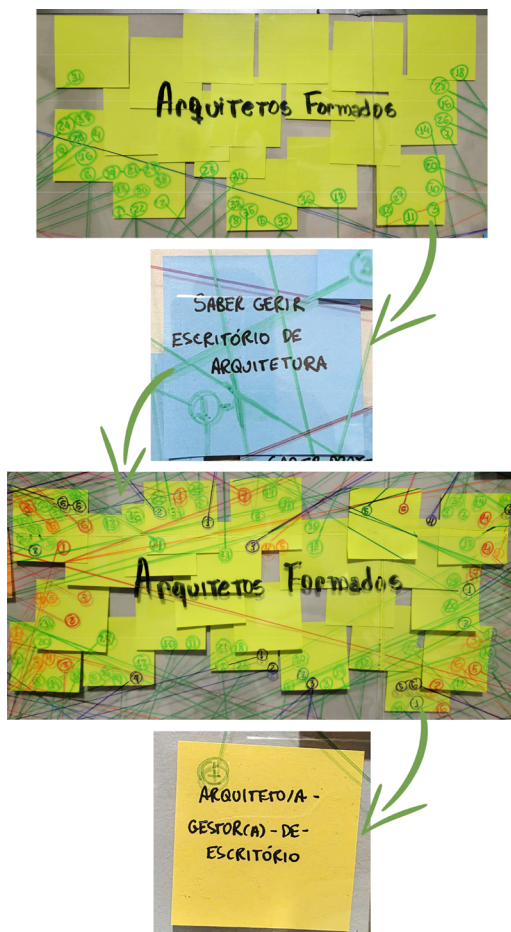


Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Ambos os casos que serão apresentados a seguir são exemplos de vídeos nos quais profissionais arquitetos já formados decidiram direcionar suas falas e seus conteúdos a outros profissionais também formados em Arquitetura. Vamos conhecer quais saberes e posições de sujeito-

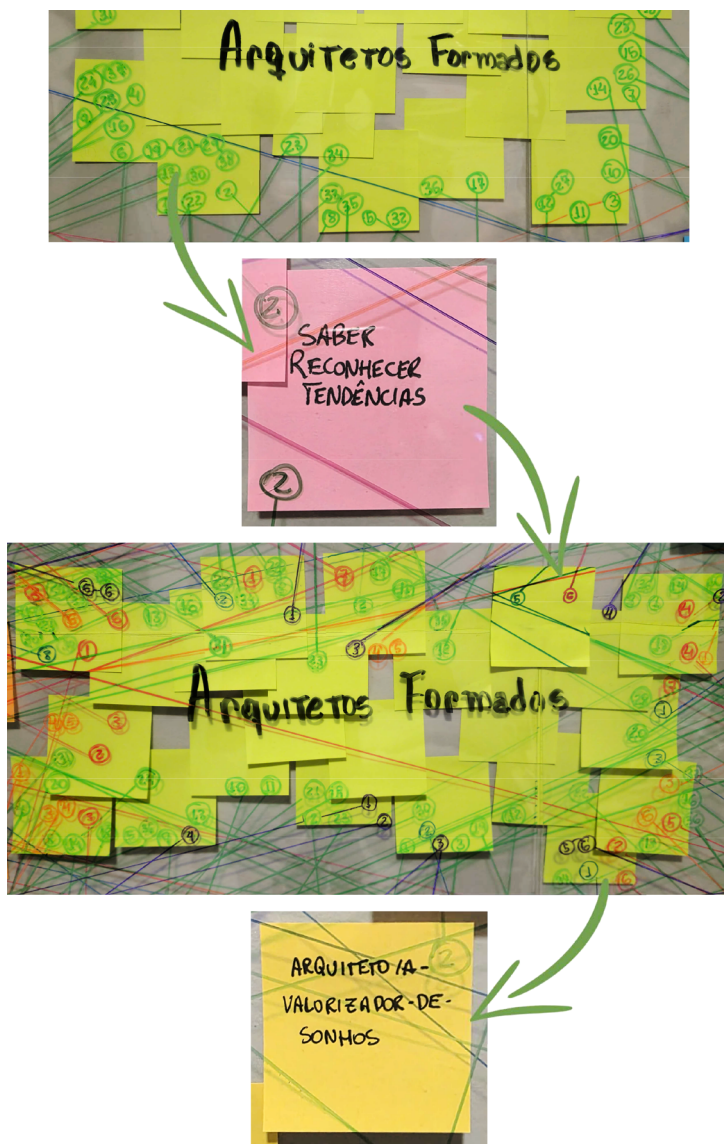
arquiteto esses dois vídeos ofereceram e demandaram nesse Currículo. Nesse sentido, passaremos a seguir o vetor ilustrado com a cor verde.

Figura 74 – Percurso da linha verde 1: Arquitetos Formados



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 75 – Percurso da linha verde 2: Arquitetos Formados



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O primeiro diagrama nos mostra que um(a) arquiteto(a), que em sua publicação oferecia um conjunto de planilhas para melhor gerir escritórios de Arquitetura, teve como alvo de seu vídeo outros profissionais de Arquitetura já formados. O saber oferecido foi o “saber gerir escritório de Arquitetura”, que não está contemplado dentro das DCN e no currículo oficial dos cursos de Arquitetura, por isso, está dentro de um *post-it* azul — o *post-it* azul foi colado próximo aos *post-its* rosas (saberes presentes no currículo oficial) por “saber gerir escritório de Arquitetura” ser um saber que, apesar de não estar presente no currículo oficial, também é oferecido pelos currículos formais (em ação e oculto) de cursos de Arquitetura. Novamente, o caso que estamos analisando acaba por significar eficiência, ou a falta dela, como um problema. Mais do que isso, para que esse problema seja resolvido exige-se de arquitetos e arquitetas a necessidade de assumirem a posição de sujeito arquiteto(a) gestor(a) de escritório. Neste caso, um(a) arquiteto(a) só se reconheceria como sendo um(a) profissional de sucesso se usasse planilhas e arquivos que facilitam a gestão de seu escritório.

No segundo diagrama tivemos novamente um sujeito autorizado a falar nesse Currículo decidindo falar (escolhendo como alvos) para outros arquitetos já formados. No vídeo foi disponibilizado o “saber reconhecer

tendências” e fez significar que um profissional que não conseguisse fazer esse reconhecimento seria incapaz de valorizar os sonhos de seus clientes, demandando, dessa forma, a posição de sujeito “arquiteto(a) valorizador(a) de sonhos”. Saber reconhecer tendências não constitui um saber presente no currículo oficial, embora algumas vezes possa fazer parte do currículo formal ou em ação de escolas de Arquitetura. O que constato como sendo incomum é que mesmo quando o saber reconhecer tendências eventualmente é oferecido em escolas de Arquitetura, não se condiciona esse saber à capacidade de um(a) arquiteto(a) valorizar os sonhos de seus clientes.

Quando ampliamos e nos afastamos podemos perceber que esse grupo de sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico ocupa um bom espaço no mapa. Além disso, também é possível ver que 16 dentre os 37 arquitetos que estiveram autorizados a falar ofereceram saberes diferentes daqueles estabelecidos no currículo oficial de escolas de Arquitetura. Dessa forma, ficou evidente que o Currículo Algorítmico em Arquitetura, apesar de convergir em determinados saberes, disputa espaço o com currículo formal pela formação de seus alunos.

Um designer, um engenheiro elétrico e quatro engenheiros civis formam o próximo grupo de sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico que passaremos

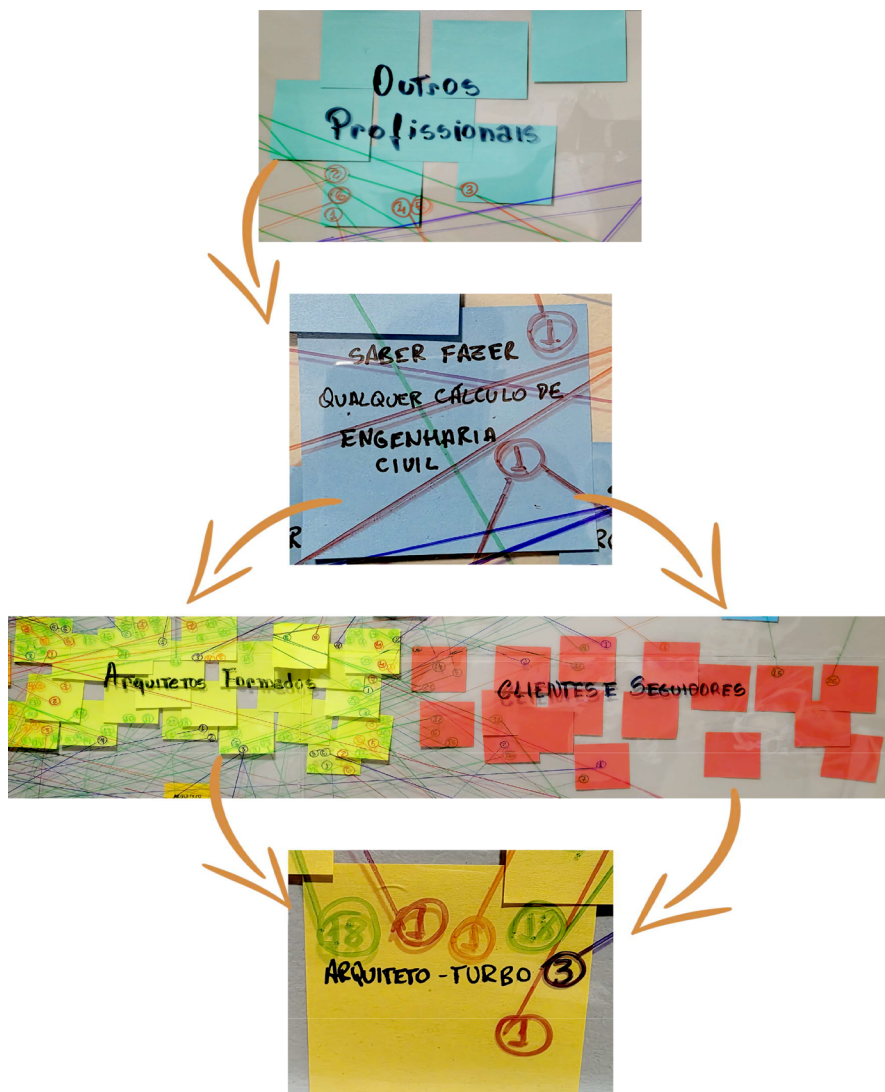
a analisar. Tais profissionais puderam dizer o que deveríamos saber e quem deveríamos ser para que nos reconhecêssemos como bons estudantes ou profissionais de Arquitetura. A ampliação abaixo mostra que esses profissionais ofereceram saberes que fogem ou diferem do currículo oficial, mas apesar dessa constatação, eles demandam posições de sujeito-arquiteto que também foram demandadas por arquitetos formados, como poderemos observar.

Figura 76 – Sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico: Outros Profissionais



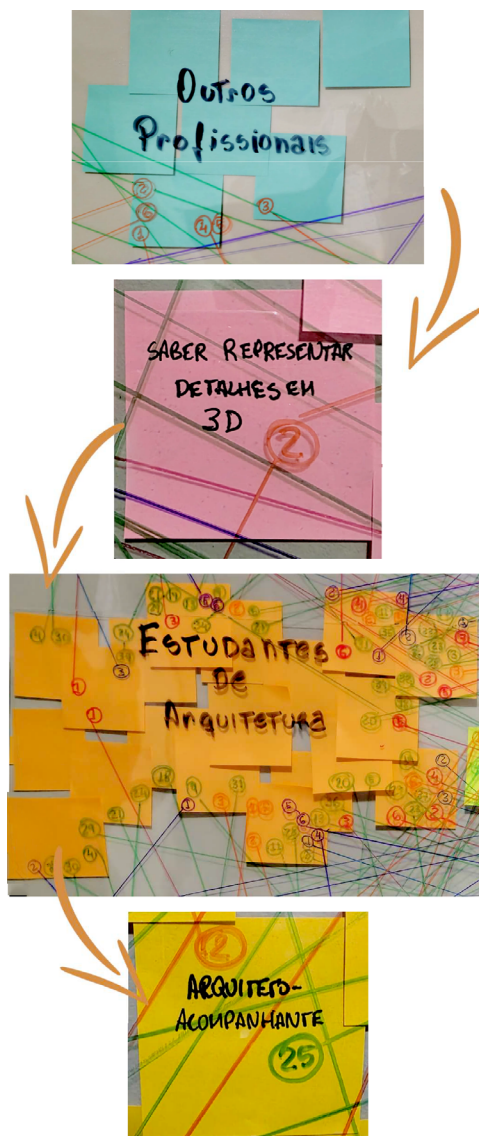
Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 77 – Percurso da linha laranja 1: Outros Profissionais



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 78 – Percurso da linha laranja 2: Outros Profissionais



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Uma grande peculiaridade do Currículo Algorítmico em Arquitetura é que ele opera a partir de algoritmos que colheram dados sobre mim (idade, gênero, profissão, gostos, curtidas etc.) e traçaram um perfil sobre mim, passando a me direcionar conteúdos que possivelmente seriam do meu interesse. Quando os dados desta pesquisa foram produzidos, eu estava estudando para um concurso de professor de Arquitetura para a área de representação gráfica, por isso pesquisei no Google como fazer alguns tipos específicos de cálculo e, logo depois, começaram a aparecer no Instagram anúncios sobre cursos, planilhas e programas que seriam capazes de fazer facilmente cálculos de engenharia. Assim, é possível que a partir de outros perfis traçados pelo algoritmo do Instagram, outros diferentes sujeitos estejam autorizados a falar também nesse Currículo.

Seguindo os vetores do primeiro vídeo é possível analisar que o engenheiro, autor da publicação, ofereceu literalmente o “saber fazer qualquer cálculo de engenharia”. Ele disponibilizou esse saber a partir de uma fala que também reforça a significação de eficiência como valor. Ele buscou alcançar, como seus alvos de endereçamento, tanto arquitetos quanto novos clientes/seguidores. Saber fazer cálculos básicos de engenharia civil faz parte dos conteúdos estabelecidos no currículo oficial dos cursos de Arquitetura, ou seja, não é qualquer cálculo (por isso o

post-it azul), muito menos de forma rápida, como proposta no vídeo. É nessa perspectiva que esse engenheiro civil demanda que sejamos arquitetos-turbo, nos dizendo que apenas se formos capazes de fazer rapidamente qualquer cálculo de engenharia poderíamos nos reconhecer como profissionais eficientes.

No segundo diagrama, o vídeo publicado por outro engenheiro civil disponibilizou o “saber fazer detalhes em 3D” usando o Revit. Como este software permite acompanhar todo o ciclo de vida da edificação (do projeto à demolição), esse engenheiro diz que para fazer a diferença precisamos acompanhar todas as etapas da execução, e que apenas sabendo representar corretamente detalhes construtivos em 3D teríamos a possibilidade de sermos reconhecidos por nossos clientes como bons profissionais.

Destaco que esse profissional autorizado a falar no Currículo Algorítmico pretendeu alcançar exclusivamente, como alvo de endereçamento, estudantes de Arquitetura. Além disso, demandou desses estudantes a posição de sujeito arquiteto-acompanhante, mesmo não sendo um professor ou um profissional de Arquitetura. Isso deixa claro que outros profissionais estão autorizados a falar nesse Currículo, ensinando determinados saberes e demandando determinadas formas de ser estudantes e profissionais arquitetos.

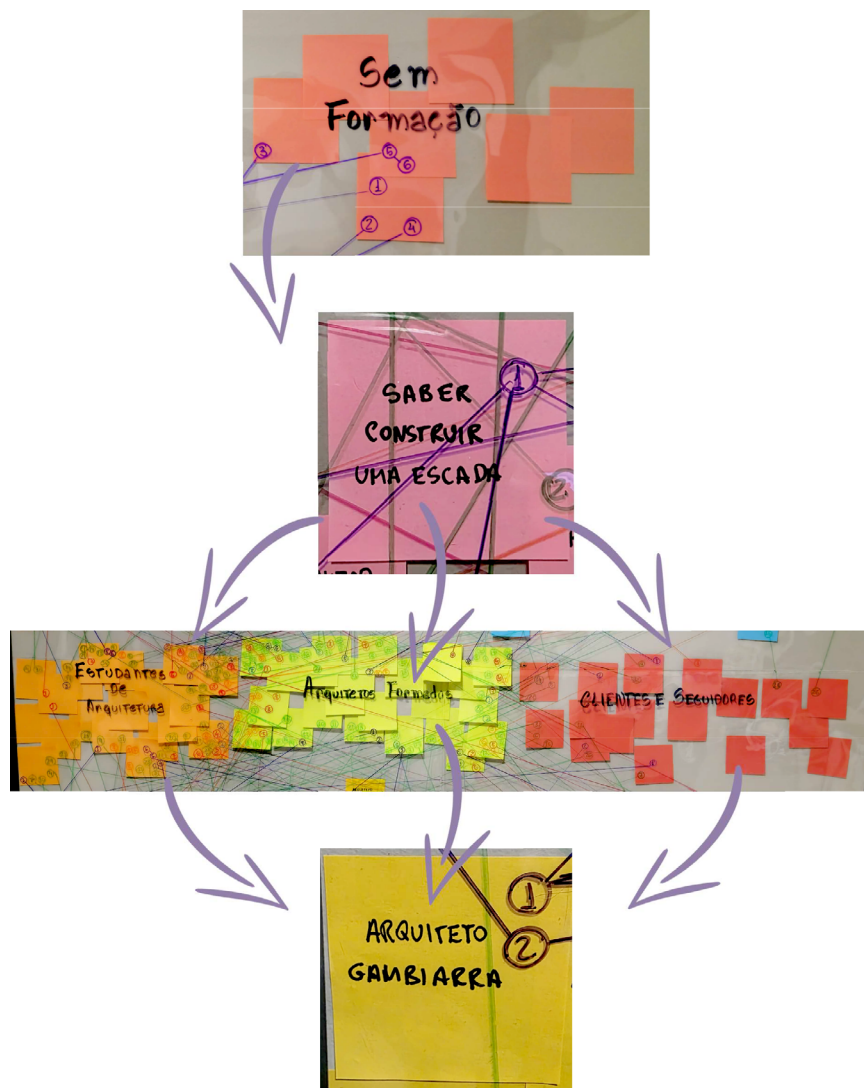
O último grupo é formado por seis sujeitos sem formação, que também foram autorizados a falar no Currículo Algorítmico. Como será possível observar nos próximos diagramas, um mesmo sujeito sem formação publicou dois vídeos diferentes, no qual mostra como se faz uma escada com adaptações (aqui entendidas como gambiarras). Embora não tenha formação — e diz exatamente isso no vídeo —, esse profissional oferece um saber contemplado no currículo oficial (projetar circulações verticais). Entretanto, no segundo vídeo ele simplesmente disponibiliza o “saber fazer gambiarra” como algo que nenhum arquiteto ou engenheiro supostamente seria capaz de aprender nas universidades. Esse profissional sem formação teve como alvo de endereçamento, em ambos os vídeos, estudantes e profissionais de Arquitetura e novos clientes/seguidores, demandando deles a posição de sujeito arquiteto-gambiarra, e ainda fez significar que não é preciso se formar para saber fazer uma escada e, para sermos bons arquitetos, precisamos fazer gambiarras.

Figura 79 – Sujeitos autorizados a falar no Currículo Algorítmico:
Sujeitos Sem Formação



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 80 – Percurso da linha roxa 1: Sujeitos Sem Formação



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Figura 81 – Percurso da linha roxa 2: Sujeitos Sem Formação



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Este mapa permitiu evidenciar a existência do Currículo Algorítmico em Arquitetura. Mais do que isso, nos possibilitou enxergar e analisar como este Currículo se efetivou, quem foram os sujeitos autorizados a falar nele, quais foram seus alvos de endereçamento, quais saberes compõem esse Currículo e quais posições de sujeito ele demandou. Como todo mapa aberto, este é passível de se reconfigurar e rearranjar a partir de outras perspectivas, outros platôs e alcançar outras leituras.

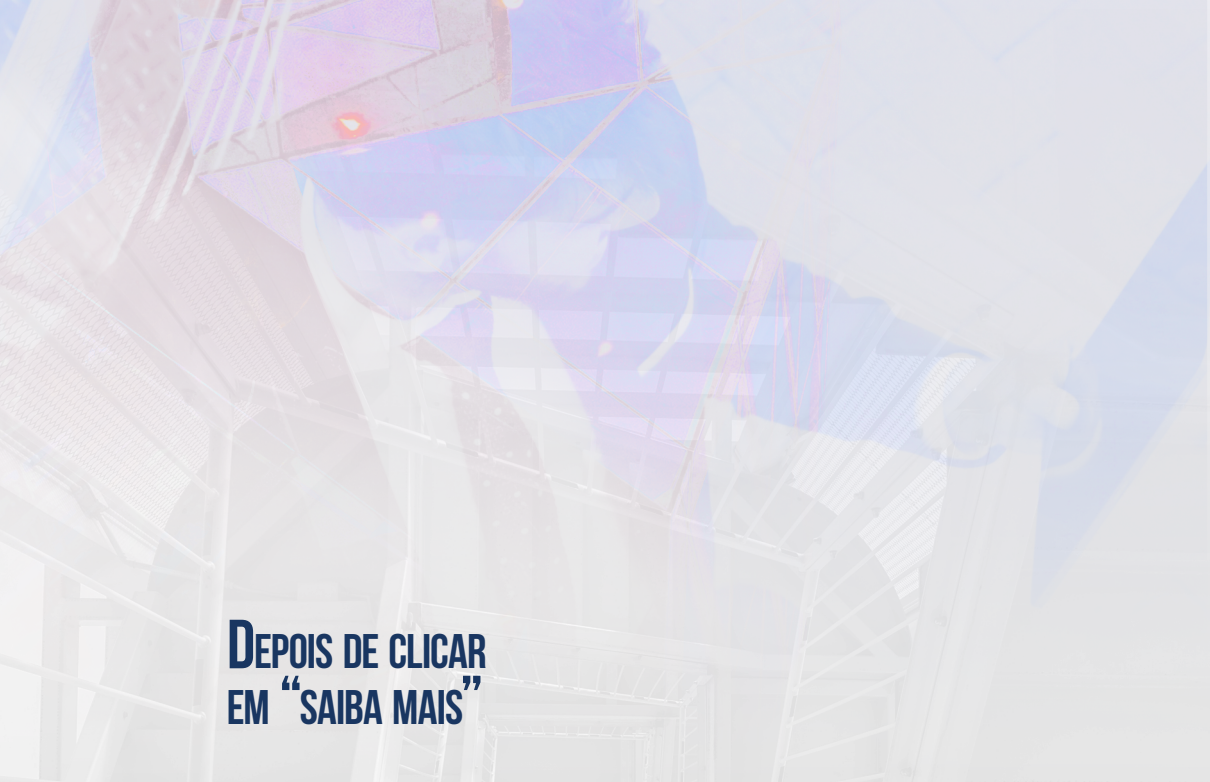
Figura 82 – “Clique em Saiba Mais!”: o # Arquiteto Instagramável



Descrição: trata-se de um vídeo publicado de forma patrocinada no formato de *story* no Instagram. O vídeo começa com o autor deste livro, homem, branco, vestindo uma camisa polo vinho e calça jeans, performando como seria o anúncio desta pesquisa no Instagram. No vídeo vão aparecendo palavras que compõem o Currículo Algorítmico em Arquitetura e de modo acelerado, em modo “turbo”, exibe-se o processo de construção do mapa aberto desta pesquisa. O vídeo também faz uso de um fundo musical e dá ênfase ao ícone “saiba mais”.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Como um beija-flor que passeia e pousa em cada flor, se alimenta, se nutre e, ao polinizar, dá início a novos ciclos de vida, pousei e percorri os pontos deste mapa. No modo TURBO, procurei traduzir velocidade, tempo e “eficiência”, dialoguei com outros estudantes e profissionais de Arquitetura já formados, recorri a uma trilha sonora “típica” do Currículo Algorítmico do Instagram em Arquitetura e, o tempo todo, estive na tela o comando “clique em Saiba Mais”. Neste vídeo-performance-mapa, sou o # Arquiteto Instagramável produto e produtor desse Currículo. Como nós estudantes, professores e profissionais arquitetos(as) lidaremos com a realidade desse Currículo que tem nos solicitado, demandado e condicionado tanto?



DEPOIS DE CLICAR EM “SAIBA MAIS”

A investigação relatada neste livro partiu da questão: o que tem sido a Arquitetura e o que podem ser arquitetos/as, a partir do que se divulga e procura ensinar no Instagram? Uma pergunta desta natureza é possível graças ao referencial pós-crítico assumido por esta pesquisa. Trata-se de um referencial que reconhece outros espaços, além dos escolares, como capazes de selecionar, organizar e distribuir conteúdos para ensinar determinados modos e produzir tipos de sujeitos. As teorias pós-críticas têm possibilitado ressignificar o que temos entendido por currículo, educação e sujeito.

Esta pesquisa desdobrou-se em dois objetivos: (1) analisar investimentos da cultura midiática difundidos

por meio do Instagram, que procuraram configurar a Arquitetura e a formação de seus/suas estudantes e profissionais; e (2) evidenciar a existência de currículos outros, que acontecem fora dos ateliês de projeto e das escolas de Arquitetura, mas que possivelmente afetam estudantes em formação e profissionais de Arquitetura.

Para alcançar e procurar afetar e interferir na atuação de estudantes e profissionais de Arquitetura, o Instagram compõe seu currículo selecionando, organizando e distribuindo um vocabulário próprio; elegendo sujeitos autorizados a falar para acionar e compor com esse vocabulário; identificando estratégias de endereçamento para seus acionamentos e composições. Dessa composição curricular se sobressaem: a *recorrência de palavras* (“sonhos”, “Revit”, “fácil”, “rápido” e “tempo”) para alcançar seus alvos, supondo-as e reiterando-as como objetos de desejo; os *sujeitos autorizados a falar* (arquitetos e urbanistas, mas também engenheiros e designers e até sujeitos sem formação na área); e os *comandos e recursos discursivos como estratégias de endereçamento*, privilegiando dois comandos (“clique em saiba mais” e “acesse o perfil”) e três recursos discursivos (vender algo, ganhar seguidores e/ou engajar/monetizar) para seus interesses na constituição de sujeitos da Arquitetura.

Para procurar configurar a Arquitetura e a formação de seus/suas estudantes e profissionais, o Currículo do Instagram investe em interesses, campos e instrumentos de trabalho; formas, finalidades e resultados de projeto; e modos de ser e estar como arquiteto/a na cultura contemporânea. Desses investimentos se sobressaem: *os saberes* difundidos como necessários à atuação em Arquitetura (há ao menos 40 saberes diferentes, incluindo, sobretudo, saber usar o Revit, saber realizar sonhos e saber não perder tempo); *os indivíduos-alvo de endereçamento* (estudantes de Arquitetura, profissionais arquitetos/as, mas também clientes e seguidores que não são da área); e *as posições de sujeito* demandadas (ao menos 36 posições de sujeito-arquiteto, destacando-se o/a profissional de Arquitetura interessado em trabalhar velozmente, engajado em descobrir e atuar sobre os sonhos da clientela e preocupado com soluções bioclimáticas sem espaço para uma discussão socioeconômica e política).

Os elementos citados acima possibilitam argumentar que há um Currículo Algorítmico em Arquitetura acionado pelo Instagram, anunciado por diferentes sujeitos autorizados a falar (um amplo conjunto de responsáveis pelos conteúdos disseminados na plataforma), e que compõe-se de palavras (repetidamente acionadas para alcançar seus alvos e torná-las o objeto de desejo), comandos e recursos discursivos

como estratégias de endereçamento. Direcionado a estudantes de Arquitetura, profissionais arquitetos/as, mas também clientes e seguidores que não são da área, esse Currículo Algorítmico disponibiliza um conjunto de pelo menos quarenta saberes que são por ele considerados como necessários à atuação em Arquitetura nos dias de hoje, para que possa seduzir, demandar e produzir ao menos trinta e seis posições possíveis de sujeito-arquiteto, destacando-se o/a profissional de Arquitetura interessado em trabalhar velocemente e com suporte tecnológico.

Quanto à composição do Currículo Algorítmico do Instagram e às posições que ele quer, os resultados da pesquisa evidenciam a produção de uma subjetividade central para o Currículo Algorítmico em Arquitetura, o # Arquiteto Instagramável. Trata-se de um outro tipo de profissional de Arquitetura, já que o horizonte a ser supostamente almejado não mais seria dos princípios pautados no social, na coletividade, no bem-estar, em prol de uma nova forma de fazer Arquitetura. Quer-se um outro tipo de profissional de Arquitetura no Currículo Algorítmico do Instagram, forjado e articulado em torno de posições e ideais profissionais de produtividade, segurança, tecnologia, sucesso e faturamento. Para se reconhecerem como bons e bem-sucedidos em Arquitetura, estudantes e profissionais necessitariam ser ágeis, rápidos e práticos e,

além disso, necessitariam usar, especificamente, o software Revit. O novo tipo de arquiteto chega a ser significado como revolucionário, mas para revolucionar em Arquitetura e ter um perfil revolucionário, no currículo aqui analisado, bastaria ser o profissional da revolução tecnológica.

O Currículo Algorítmico em Arquitetura acionado pelo Instagram está disputando não apenas os tipos de sujeitos, o produto de uma formação em Arquitetura, mas também a própria configuração da formação. No Currículo do Instagram, estudantes de Arquitetura estão autorizados a falar como experts. Este fato não é banal, pois, até pouco tempo atrás, apenas professores e pesquisadores experientes ocupavam os espaços das mídias (periódicos, TVs e jornais). As escolas de formação acadêmica estariam preparadas para conviver com esses outros lugares que disputam autoridade na formação profissional? Segundo o Currículo do Instagram, para um arquiteto não errar e fazer projetos incríveis e acessíveis, ele precisa estar rolando perdido no Instagram e ter a sorte de encontrar a promoção de um livro que está custando cem reais mais barato. Quanto custa e quanto poderia custar em promoção um livro de Arquitetura ao longo da graduação convencional nas escolas de formação?

A demanda pelo # Arquiteto Instagramável, como arquiteto de uma suposta revolução, evidencia alguns

dos vários desencontros entre o Currículo Algorítmico em Arquitetura, acionado pelo Instagram, e os currículos oficiais e formais acionados nos cursos de formação acadêmica. O “saber ser especialista em BIM”, recorrente no material analisado, diz respeito a algo a ser ensinado e que ainda não se encontra presente nas DCN e no currículo oficial, apesar da metodologia BIM estar sendo difundida e, até mesmo, praticada em algumas escolas de Arquitetura. O apelo ecológico e fashionista (do arquiteto-bioclimático) obscurece a discussão socioeconômica em torno das casas de pau a pique. Já o arquiteto-imoderado, profissional extravagante que beira o supérfluo, e o arquiteto *workflow* da produtividade (produtivo, prático e ágil), apesar de terem todos esses atributos e serem significados como profissionais com diferenciais positivos, não possuem atributos e habilidades previstos nas Diretrizes Curriculares de Arquitetura, ou seja, não possuem atributos e habilidades que asseguram uma formação científica, artística, ética, política, generalista, humanista e crítica que levaria à cidadania. Não estarão, portanto, em sintonia com o atributo fundamental posto pelo currículo oficial de Arquitetura e Urbanismo que é ser um profissional voltado à cidadania, um profissional que tem a cidadania como seu horizonte.

Assim, entendo que este livro deu visibilidade àquilo contra o qual as escolas de Arquitetura podem lutar, no

sentido de melhor disputar quem seus currículos gostariam de formar. Essa luta não passa somente pelas escolhas de correntes, conteúdos, métodos de ensino e áreas de pesquisa dentro dos currículos dos Cursos de Arquitetura. Fora dos muros das Escolas há uma poderosa maquinaria demandando e procurando produzir um currículo e um tipo de sujeito — o Currículo Algorítmico em Arquitetura e o # Arquiteto Instagramável — que pouco se aproximam dos currículos oficiais e formais de Arquitetura.

O Currículo Algorítmico em Arquitetura, ao procurar redimensionar o que seria uma pessoa em situação de vulnerabilidade e fazer uma releitura da Lei de ATHIS, quer inaugurar uma outra ideia de Arquitetura Social, restringindo-a a uma oferta de Arquitetura paga que levaria a projetos considerados bonitos dentro de nossa época. A Arquitetura do Currículo do Instagram é, necessariamente, uma prática profissional cercada por investidas mercadológicas e contra as quais não vi abertura de questionamentos nos vídeos: não havia espaço para uma discussão socioeconômica e política em relação àquilo que estava sendo oferecido.

No sentido dessas investidas, o # Arquiteto Instagramável demandado por esse currículo traduz-se em duas posições muito ilustrativas: na figura do arquiteto-sem-tempo, o/a arquiteto/a é um profissional eficiente e sem descanso ou sem direito a descansar; na figura do arquiteto da luxúria,

o/a arquiteto/a é multifacetado/a, mas incapaz de pensar suas várias facetas profissionais dentro de um contexto social, econômico e político amplo. O # Arquiteto Instagramável, portanto, embora possa parecer um profissional muito distinto e necessário nos dias de hoje, não deixa de se assemelhar a qualquer trabalhador contemporâneo, superexplorado pelo Capital e incitado a alienar-se das condições mais amplas de configuração do seu trabalho.

É interessante lembrar que o Currículo Algorítmico em Arquitetura não é um currículo total, imbatível, definitivo. Como ele opera a partir de algoritmos que colhem dados sobre um usuário (considerando idade, gênero, profissão, gostos, curtidas etc.) e traçam um perfil para lhe direcionar conteúdos que possivelmente seriam de seu interesse (tal como fez comigo), na “customização” nem todos os conteúdos serão de interesse do usuário e nem tudo o que interessar fará parte efetiva de sua prática profissional. Mas aquilo que foi disponibilizado complexifica o jogo da formação em Arquitetura: seja reforçando, acrescentando ou refutando o que as escolas de formação têm ensinado, seja “embaralhando” o conjunto de conhecimentos disponíveis a cada indivíduo para que se torne um sujeito arquiteto.

Diante do Currículo Algorítmico em Arquitetura e do # Arquiteto Instagramável, a produção de uma Arquitetura e de um arquiteto/a que não sucumbam a

ditames mercadológicos parece ser um importante alvo de disputa e intensifica a responsabilidade das escolas de formação nessa discussão. O que as escolas de Arquitetura farão diante daquela instância formativa? O que temos feito de nós com essa instância formativa? Um pouco do que se tem procurado fazer conosco está aqui. O que cada um/a fará com tudo isso será o algoritmo que dirá?

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Larissa Drigo. Diagrama ou dispositivo? Foucault entre Deleuze e Agamben. **Cadernos De Ética E Filosofia Política**, São Paulo, v. 1, n. 30, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cefp/article/view/140573>. Acesso em: 19 abr. 2022.
- ALMEIDA, Tereza Virginia de. Facebook: uma tecnologia de si. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, [S. l.], v. 18, n. 28, 2016. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/397>. Acesso em: 09 maio. 2022.
- ALVES, Antonia. Facebook como espaço de luta por uma nova lei de Comunicação. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, [S. l.], n. 4, v. 4, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/361/846>. Acesso em: 10 mai. 2022.
- ALVES, Cláudio Eduardo Resende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Um currículo-museu com gênero: experimentações para produzir (des) objetos. **Currículo sem Fronteiras**, [S. l.], v. 21, p. 950-968, 2021.
- AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, Um Conceito Errante. **Intexto**, Porto Alegre, n. 13, 2008, p. 103-16. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4212>. Acesso em: 03 fev. 2023.
- ASSIS, Ramon Sousa de. **A comunicação do movimento ativista Marcha das Vadias Rio de Janeiro no Facebook**. 2021. Dissertação

(Mestrado em Comunicação Social) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2021.

AZEVEDO, Fábio Palácio de; MADEIRA, Natália Cristiane Araújo. Comunicação e Disputa da Hegemonia: um estudo sobre a atividade do governador Flávio Dino na plataforma Twitter. *In*: INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais** [...]. Belém, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1897-1.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

BALBÉ, Alice Dutra. **Representações das alterações climáticas nas redes sociais Facebook e Twitter**. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Minho, Minho, 2018.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BERARDI, Franco. **Extremo: crônicas da psicodelfação**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

BORTOLAZZO, Sandro; MACHADO, Roseli Belmonte. Uma análise do Instagram e suas interfaces com as questões curriculares. **Comunicações**, Piracicaba, v. 28, n. 2, 2021, p. 43-56. DOI: <http://dx.doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v28n2p43-56>. Acesso em: 04 maio. 2022.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. O imperativo da cultura digital: entre novas tecnologias e estudos culturais. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 20, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5902/2316882X22133>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Resolução CNE/CES 2/2010. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 37, 18 jun. 2010. Alterada pela Resolução CNE/CES nº 1,

de 26 de março de 2021. Parecer CNE/CES nº 454/2024, aprovado em 2 de agosto de 2024.

BUENO, Noemi Correa. **Jornalismo impresso e relações de gênero**: enquadramentos da Folha de S. Paulo e d'O Estado de S. Paulo do caso de hostilização a uma estudante. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2010. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_fb5e356763bd5d819e6374ecbb4d8c9b. Acesso em: 08 de jul. 2022.

BURGESS, Jean. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Tradução Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CAMOZZATO, Viviane C. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 107-119, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.31i101.3526>. Acesso em: 30 set. 2022.

CAMPOS, Pedro Celso. Jornalismo e meio ambiente: a contribuição dos meios de comunicação e o conceito de sustentabilidade. **Eptic**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 01-18, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/134700>. Acesso em: 15 out. 2022.

CASAGRANDE, Angéli Do Prado. **Movimento Antivacinas**: Educação e Produção de Subjetividades no Facebook. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257328>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CORAZZA, Sandra. O que faz gaguejar a linguagem da escola. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 89-103.

CORTEZÃO, Raphael Henrique. **Amazônias em rede**: representações em disputa no Twitter acerca da questão indígena na Amazônia. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

COSTA, Arthur Trindade M.; DURANTE, Marcelo Ottoni. A mídia e o medo do crime no Distrito Federal. **Opinião Pública**, [S. l.], v. 28, p. 487–509, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-01912022282487>. Acesso em: 02 mar. 2023.

COSTA, Marisa Vorraber. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, p. 129-152, 2010. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104406020100002000096&lng=en&tlng=pt. Acesso em: 05 maio. 2023.

COSTA, Marisa V. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos Estudos Culturais ao campo do currículo. In: LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth (org.). **Currículo: debates contemporâneos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 133-149.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa M. H.; SOMMER, Luís H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, 2003.

COSTA, Natália Cristina Santos. O Twitter como ferramenta de divulgação na cultura paraense. In: INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1629-1.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

CRARY, Jonathan. **Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

CRUZ, Leonardo Vinicius Braga Fernandes da. Uso e potencialidades das redes sociais na educação e projeção profissional. In: CABRAL, Sidarta Nogueira (org.). **Trilhas da Educação Profissional: inovação e criatividade nas práticas pedagógicas do Senac Ceará**. Fortaleza: Editora Senac, 2017.

D’AMARIO GONZÁLEZ, Daisy del Carmen. **Discursos político-identitários no Twitter: o caso venezuelano**. 2018. Dissertação

(Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DAMASCENO, Handherson Leylton Costa. **A espetacularização da privacidade como empreendimento de si**: as pedagogias da visibilidade de leitores no Facebook. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia - volume 1. São Paulo: Ed. 34, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. 3. reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

DENISON, Edward. **Arquitetura**: 50 Conceitos e Estilos Fundamentais Explicados de Forma Clara e Rápida. São Paulo: Editora Publifolha, 2015.

DIAS, Kamyla Stanieski; RIPOLL, Daniela Ripoll. "Pedagogas *body positive*": o que se aprende sobre o corpo gordo no YouTube? **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 13, n. 37, p. 159-178, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26514/inter.v13i37.4635>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norman. **O que é, afinal, estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 07-132.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 87-97, 2008. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1998.9.3014>. Acesso em: 25 set. 2021.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Nunca Fomos Humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-77.

FABRIS, Elí Henn. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6690>. Acesso em: 04 out. 2021.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Cidade: meio, mídia e mediação. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.39-53, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p39-53>. Acesso em: 20 out. 2021.

FERRARI DE LIMA, Junia. Urbanismo como dispositivo? In: ENAMPUR, 17., São Paulo, 2017. **Anais** [...], São Paulo, 2017. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1745/1724>. Acesso em: 16 abr. 2023.

FERREIRA, Emmanoel; COSTANTINO, Fernanda Angelo; LIMA, Juliana Souza. Cotidiano e Instagram: efemeridade e narrativas de si no recurso Stories. **Esferas**, Brasília, v. 1, n. 11, 2018. DOI: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i11.8686>. Acesso em: 02 ago. 2022.

FONSÊCA, Márcio Roberto Jordão. **Netflix e as “maratonas”**: uma investigação das práticas de *binge-watching* de estudantes universitários reveladas em postagens do Facebook. 2018. Dissertação (Mestrado em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

FONTENELLE, Isleide Arruda. A cidade midiática sob o signo do consumo: a produção de uma sociabilidade da indiferença. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 256-270, 2007. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/fontenelle_-_a_cidade_midiatica_sob_o_signo_do_consumo_a_producao_de_uma_sociabilidade_da_indiferenca.pdf. Acesso em: 05 mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Uma Trajetória Filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 232-249.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997a.

FOUCAULT, Michel. Do governo dos vivos. *In*: FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b. p. 99-106.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. *In*: MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do Poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a. p. 179-191.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. *In*: MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do Poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007b. p. 01-14.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. Tradução Angela Loureiro de Souza. *In*: MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a. p. 361-406.

FOUCAULT, Michel. O poder e a política de Michel Foucault. Tradução Andre Degenszajn. **Revista Ecopolítica**, São Paulo, n. 12, p. 93-107, 2015b.

GALLO, Sílvio. Do currículo como máquina de subjetivação. *In*: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (org.). **Currículos, Pesquisas, Conhecimentos e Produção de Subjetividades**. Petrópolis: DP et Alii, 2012, v. 1. p. 203-217.

GARCIA, Maria M. A. **Pedagogias Críticas e Subjetivação: uma perspectiva foucaultiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. *In*: SILVA, T. T. da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma**

introdução aos estudos culturais na educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 132-158.

GIROUX, Henry A. A disneyzação da cultura infantil. *In*: SILVA, Tomaz T. da; MOREIRA, Antonio F. B. (org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 49-81.

GOMES, Cilene; SANTOS, Micael Henrique da Silva; ZANETTI, Valéria Regina; COSTA, Aline Cristina Gomes da; DOMINGOS, Bianca Siqueira Martins. Movimentos antivacina: dilema social e contrapontos da história. **Periódico Cadernos de Estudos Culturais**, Pioneiros, v. 2 n. 26, 2021. DOI: <https://doi.org/10.55028/cesc.v2i26.11950>. Acesso em: 26 out. 2022.

GOMES, Itânia M. M. Quem o Jornal do SBT pensa que somos? Modo de endereçamento no telejornalismo show. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 25, p. 85–98, 2008. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2004.25.3287>. Acesso em: 19 ago. 2022.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 02, p. 15-46, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz T. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 103-133.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Tradução Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução Maurício Liesen. 10. ed. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2023.

JACOBOSKI, Bruna dos Passos. **A voz das mulheres**: uma análise da percepção dos torcedores de futebol no Twitter em relação à narração feminina na Globo. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norman. **O que é, afinal, estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

KILPP, Jéssica Caroline. **#precisamos falar sobre aborto**: um estudo dos comentários na campanha da Revista TPM no Facebook. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

LIRA, Ariana Galhardi; GANEN, Aline de Piano; LODI, Aline Sinhorini; ALVARENGA, Marle dos Santos. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro De Psiquiatria**, [S. l.], v. 66, n. 3, p. 164–171, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000166>. Acesso em: 06 abr. 2024.

LIRA, Iris Dayane Guedes. **Feminismos em 280 caracteres**: o Twitter como espaço educativo. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

LOPES, Julia da Fonseca; BECK, Dinah Quesada. Narrativas de si na visibilidade das telas hiperconectadas: reflexões sobre 'selfies', Instagram e pedagogias culturais. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 3, p. 151-165, 2020. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9963/Narrativas%20de%20si.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 mar. 2023.

LOPES, Marcela Silviano Brandão; RENA, Natacha; SÁ, Ana Isabel de. Método cartográfico indisciplinar: da topologia à topografia do

rizoma. **VIRUS**, São Carlos, n. 19, 2019. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=6&lang=en>. Acesso em: 08 jun. 2023.

MAHFUZ, Edson da Cunha. Os conceitos de polifuncionalidade, autonomia e contextualismo e suas consequências para o ensino de projeto arquitetônico. In: COMAS, Carlos Eduardo (org.). **Projeto Arquitetônico: disciplina em crise, disciplina em renovação**. São Paulo: Editora Projetos, 1986. p. 47-84.

MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, música e gênero: o que ensina o forró eletrônico?** 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, [S. l.], v. 28, p. 58-72, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.v28i2.14189>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MAKNAMARA, Marlécio. Onde está o/a educador ambiental na formação docente em Biologia e em Geografia? **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 38, p. 176–196, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14295/remea.v38i3.13301>. Acesso em: 23 out. 2023.

MAKNAMARA, Marlécio; PARAISO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação: notas metodológicas para investigações com currículos de gosto duvidoso. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 41-53, 2013.

MAKNAMARA, Marlécio; PARAISO, Marlucy Alves. Biopolítica de endereçamentos de gênero no currículo do forró eletrônico. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 180-213, 2015.

MATEUS, Marlon de Campos; TERUYA, Teresa Kazuko. YouTube e o fascínio da imagem na escola. In: SBECE, 4.; SIECE, 1., 2011, Canoas. **Anais [...]**. Canoas, 2011.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2021.

MOITA, Filomena M. G. da S. C. **Games: contexto cultural e curricular juvenil**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

NUNES, Maira de Souza. **God Save The Queer: mobilização e resistência antimainstream no Facebook**. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de; SALES, Shirlei. A Profilaxia Pré-Exposição (PrEP): tensões e disputas quanto ao sexo em pelo no currículo *bareback*. **Pro-Posições**, [S. l.], v. 34, p. e20210072, 2023, DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0072>. Acesso em: 19 jan. 2024.

OLIVEIRA, Natália Medeiros de; MOMO, Mariangela. Dialogando com pesquisas sobre Youtube e educação. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/4951>. Acesso em: 11 mar. 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 01, p. 141-160, 2001.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo e mídia: a produção de um discurso para e sobre a escola. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 34, p. 67-84, 2001.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A(s) cultura(s) no GECC: artefato, objeto de estudo e conceito. In: AMORIM, Antonio Carlos R. de; PESSANHA, Eurize (org.). **As potencialidades da centralidade da(s) cultura(s) para as investigações no campo do currículo**. Caxambu: GT Currículo da ANPED, 2006a. p. 07-13.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Política da subjetividade docente no currículo da mídia educativa brasileira. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 91-115, 2006b.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação**. Chapecó: Argos, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Composições curriculares: culturas e imagens que fazemos e que nos fazem. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 9, p. 108–125, 2009. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v9i0.1047>. Acesso em: 02 dez. 2022.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos: Teorias e Políticas**. São Paulo: Contexto, 2023.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa- intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009a. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. Por uma política da narratividade. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009b. p. 150-171.

PETTA, Helena Lemos; AYRES, José Ricardo de Mesquita; TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. Grande mídia e comunicação sobre Saúde Coletiva e Atenção Primária: o desafio da produção da série televisiva "Unidade Básica". **Interface**, Botucatu, v. 25, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200607>. Acesso em: 09 ago. 2022.

PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. **Tempo Sociedade**, [S. l.], v. 21, p. 211–33, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702009000200010>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PORTOGHESI, Paolo. **Depois da arquitetura moderna**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

RODRIGUES, Geovanna Cristina Falcão Soares; BRENNAND, Edna Gusmão de Góes. YouTube: rede de interação e formação de colégios invisíveis. **Revista Creativity and Educational Innovation**

Review, [S. l.], n. 6, 2022. DOI: <https://doi.org/10.7203/CREATIVITY.6.23791>. Acesso em: 22 maio. 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Liberdades reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 30-45.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica. 2001. p. 137-204.

SANTANA, Sonia Niara Sales. **O paradoxo da vida digital**: O impacto do tempo gasto no Instagram sobre a saúde mental dos usuários. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2021.

SANTOS, Luiz H. S. dos. "Um preto mais clarinho..." ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 02, p. 81- 115, 1997.

SILVA, Raphaele Nascimento; COUTO, Edvaldo Souza. #nasbordasabertasdeumtweet: pedagogias e produção de microcontos no Twitter. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 21, n. 71, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.21.071.A004>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, Francisco Vieira da. Discursos sobre a educação financeira em postagens do Twitter. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. e-rte321202329, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/view/65961>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz. Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 73-102.

VASCONCELOS, Fernanda Pimenta. **Artistas em abstinência da Lei Rouanet**: o clima social sobre o financiamento público da cultura na Folha de São Paulo e no Twitter. 2022. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

VASCONCELOS, Heber Macel Tenório. **Jaraguá**: o Arquiteto, a Alquimista e o Monstro na cartografia de um bairro em Maceió-AL. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. O uso do termo representação na educação em ciências e nos estudos culturais. **Pro-Posições**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 151-161, 2001.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, e89212, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623689212>. Acesso em: 23 abr. 2023.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

» Evanilson Gurgel – Pós-Doutor e Doutor em Educação (UFBA), Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UERN/IFRN/UFERSA) e Líder do (ARTE)FATOS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos, Narrativas e Políticas Culturais

Tomado de sobressalto durante a apreciação do livro, pergunto: afinal, o que tem sido feito de nós, a cada vez que ousamos clicar em “Saiba Mais”? Que posições de sujeito têm sido demandadas para usuários/as de redes sociais como o Instagram? O que nos tornamos após assumir os riscos e dizer “sim” para a pergunta que o algoritmo nos faz quando caímos nas suas malhas?

Quem tiver o prazer de ler “Clique em saiba mais: Currículo Algorítmico e formação de profissionais instagramáveis” certamente vai se deparar com uma discussão que ultrapassa a formação em Arquitetura. Afinal, ao abordar a nossa dependência cada vez maior das redes sociais, o nosso tempo diário gasto e os conteúdos disseminados em diferentes plataformas, esta obra nos evidencia que é impossível fazer vista grossa ao futuro que se anuncia como cada vez mais cibernético.

Desconfio que essa subjetividade instagramável, embora analisada especificamente no contexto do/a profissional da Arquitetura, abre espaço para outros aspectos generalistas. Talvez porque nós, docentes, também podemos nos constituir como “sem tempo”, “profetas”, “gurus”, “Morpheus”, “oníricos” e “deslumbrados”. Talvez porque, uma vez capturados pelas infogarras das redes sociais, não haja outro modo de conceber uma subjetividade que não aquela baseada nos likes, na agilidade, na urgência.



SAIBA AINDA MAIS: SOBRE AUTORES E AUTORA

Heber Macel Tenório Vasconcelos

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (2025), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020), Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas (2014). Foi Professor Substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte-IFRN/ Campus Mossoró. Atualmente atua como Professor Substituto do Instituto Federal da Paraíba-IFPB/Campus Patos. Membro do Grupo de Pesquisa Ensaio - vida, pensamento e escrita em educação/UFPB/CNPq. Atua principalmente nas seguintes áreas: Projeto de Arquitetura, Desenho de Arquitetura, Desenho Técnico, Desenho Assistido por Computador e Comunicação/Expressão Gráfica. E-mail: marcel.heber@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3555-9683>

Marcela Silviano Brandão Lopes

Adjunta da Escola de Arquitetura da UFMG e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU/UFMG). Líder e pesquisadora do grupo de pesquisa NATUREZA POLÍTICA (UFMG). Coordenadora do projeto de pesquisa Assessoria técnica em territórios populares sob conflitos socioambientais financiado pelo CNPq e integrante da Rede Moradia Assessoria e da Rede RUN (Rede urbanos naturalizados). Minhas inquietações giram em torno da relação entre pares aparentemente opostos (projeto-canteiro, ambiental-social), cuja separação resulta em caminhos conceituais e metodológicos pouco dialéticos. Interessa-me, pois, identificar e compreender tais pares por meio dos seus enlaces e rupturas, que funcionam em ritmos ora convergentes, ora divergentes, que produzem espacialidades diversas, do singular ao corpo-coletivo e às ampliações políticas, tensionando as forças hegemônicas e apontando para outros possíveis de cidades mais justas, inclusivas e socialmente sustentáveis. E-mail: marcelasbl.arq@gmail. com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5248-5957>

Marlécio Cunha

Efetivo do Magistério Superior Federal desde 2006. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (2022-atual). Coordenador da Rede de Estudos Culturais em Educação do Nordeste-RECENE (2024-atual). Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela UFMG (2011). Professor do PPGE/UFPB e do PPGE/UFBA. Professor Associado do CERES/UFRN. Em 2019, com Bolsa CAPES PVEx, foi Professor Visitante no Outdoor and Environmental Education Department (School of Education) da La Trobe University, onde realizou seu estágio de pós-doutorado. E-mail: maknamaravilhas@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0424-5657>



Título “CLIQUE EM SAIBA MAIS”: currículo algorítmico e Formação de profissionais instagramáveis em arquitetura

Autores Heber Macel Tenório Vasconcelos
Marcela Silviano Brandão Lopes
Marlécio Cunha

Projeto Gráfico (capa e miolo) Michele Holanda

Imagens de miolo e capa Michele Holanda - ilustração feita a partir de imagens do freepik com manipulação e retoques digitais.

Revisão, edição e normalização Responsabilidade do(s) autor(es) da obra.

Formato PDF – 52,6 MB

Tipografia Myriad Pro

Número de páginas 282



EU